

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DE CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA**

CRISTIANO SILVA DE CARVALHO

**POSSIBILIDADES DIALOGAIS ENTRE
BYUNG CHUL HAN E ZYGMUNT BAUMAN**

CAXIAS DO SUL

2023

CRISTIANO SILVA DE CARVALHO

**POSSIBILIDADES DIALOGAIS ENTRE
BYUNG CHUL HAN E ZYGMUNT BAUMAN**

Trabalho de Conclusão de Curso como
requisito para a obtenção do título de
Mestre em Filosofia da Universidade de
Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Itamar Soares Veiga

CAXIAS DO SUL

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

C331p Carvalho, Cristiano Silva de
Possibilidades dialogais entre Byung Chul Han e Zygmunt Bauman
[recurso eletrônico] / Cristiano Silva de Carvalho. – 2023.
Dados eletrônicos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Filosofia, 2023.
Orientação: Itamar Soares Veiga.
Modo de acesso: World Wide Web
Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>
1. Filosofia. 2. Han, Byung-Chul, 1959-. 3. Bauman, Zygmunt, 1925-
2017. 4. Análise do discurso. I. Veiga, Itamar Soares, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 1

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460



“POSSIBILIDADES DIALOGAIS ENTRE BYUNG CHUL HAN E ZYGMUNT BAUMAN”

Cristiano Silva de Carvalho

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Linha de Pesquisa: Conceitos Fundamentais de Ética.

Caxias do Sul, 19 de setembro de 2023.

Banca Examinadora:

Participação por videoconferência

Prof. Dr. Itamar Soares Veiga (Orientador)
Universidade de Caxias do Sul

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Verónica Pilar Gomezjurado Zevallos
Universidade de Caxias do Sul

Participação por videoconferência

Prof. Dr. Vanderlei Oliveira de farias
Universidade Federal da Fronteira Sul

AGRADECIMENTOS

À vida generosa que me possibilitou a mim um efêmero humano uma busca constante de resiliência e de uma boa educação com a onipresença dos seres divinos.

À minha filha Manuela que me ensina a ser melhor cada dia e à minha esposa Irma pelo apoio, disponibilidade e incentivo,

Aos meus pais *in memoriam* e aos meus irmãos e irmãs pelos diálogos e exemplos dados,

Aos meus colegas de trabalho da Universidade Federal da Fronteira Sul,

Aos professores do mestrado da UCS (Universidade de Caxias do Sul) pelos ensinamentos e lembranças que ficarão na minha memória,

A secretária da Pós-graduação em Filosofia Daniela Bortoncello pelo atendimento e o apoio aos mestrandos e doutorandos.

Ao professor Dr. Itamar Soares Veiga pela amizade, pela compreensão em todos os momentos e por me ensinar novamente a ser um amigo da sabedoria, és um mestre e uma pessoa que tem lugar especial na minha vida formativa,

Às obras de Byung Chul Han e Zygmunt Bauman que propiciaram um conhecimento gigantesco para pensar o mundo de hoje e o humano pós-moderno.

*A vida moral é uma vida de contínua incerteza. Ser
uma pessoa moral exige muita força e elasticidade
para suportar as pressões e as tentações de se retirar
das responsabilidades conjuntas.*

ZYGMUNT BAUMAN

RESUMO

O objetivo desta Dissertação é mostrar as possibilidades dialogais entre Byung Chul Han e Zygmunt Bauman. A proposta dessa produção textual é de articular e buscar concatenações das ideias desses dois pensadores. A primeira é sobre a relação do mundo do consumo, da contemporaneidade com o amor, a dor, a beleza, a sexualidade, o belo, o corpo, a cultura e a influência da sociedade da transparência. A segunda parte é foca na violência que, segundo Chul Han (2017), se divide em negativa e positiva. O humano produz, com a sociedade do desempenho, a sua própria autopunição. Bauman (2011) escreve sobre a violência pós-moderna que está nas ruas e se fortalece no ambiente doméstico. E a terceira possibilidade dialogal é sobre a liberdade, a política e a ética. Chul Han (2020) cria conceitos de *psicopolítica* inspirado em Foucault e *infocracia* no qual a democracia está sendo envolvida pelo tsunami de dados e informações fornecidas espontaneamente pelas pessoas. Com a análise desses dois autores, abrem-se perspectivas para a Filosofia Contemporânea analisar o mundo de hoje e suas circunstâncias, com a capacidade de questionar o mundo concreto e o modo de viver atual.

Palavras-chave: Filosofia Contemporânea. Consumo. Violência. Política. Ética.

ABSTRACT

The aim of this Dissertation is to show the dialogue possibilities between Byung Chul Han and Zygmunt Bauman. The dialogues between these two thinkers were divided into three parts. The first is the relationship of the world of consumption, of contemporaneity with love, pain, beauty, sexuality, beauty, body, culture and the influence of the society of transparency. The second part focuses on violence that, according to Chul Han (2017), is divided into negative and positive. The human produces, with the society of performance, its own self-punishment. Bauman (2011) writes about postmodern violence that is on the streets and strengthened in the domestic environment. And the third dialogue possibility is about freedom, politics and ethics. Chul Han (2020) creates concepts of Foucault-inspired psychopolitics and infocracy in which democracy is being enveloped by the tsunami of data and information provided spontaneously by people. With the analysis of these two authors, perspectives are opened for Contemporary Philosophy to analyze the world of today and its circumstances, with the ability to question the concrete world and the current way of living.

Keywords: Contemporary Philosophy. Consumption. Violence. Politics. Ethics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CHUL HAN E BAUMAN: OBSERVAÇÕES SOBRE O CONSUMO E CONEXÕES DIALÓGICAS	13
1.1 A DOR E O AMOR	17
1.2 BELEZA, SEXUALIDADE E BELO	23
1.3 O CORPO	28
1.4 SOCIEDADE DA TRANSPARÊNCIA, CULTURA E MUNDO DO CONSUMO	32
2 O PAPEL DA VIOLÊNCIA	41
3 LIBERDADE, POLÍTICA E ÉTICA NOS DIAS ATUAIS.....	67
3.1 LIBERDADE	67
3.2 POLÍTICA	73
3.3 ÉTICA	88
REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

Esta dissertação aluda-se a apresentar as contribuições dos pensadores Zygmunt Bauman e Byung-Chul Han no que tange à sociedade de consumo, o papel do consumo na sociedade pós-moderna, o papel da violência e por fim, as repercussões das escritas desses autores no mundo da política, do sistema capitalista, da ética e do humano. Para esse propósito, o mote da reflexão dar-se-á sobre o filosofar no mundo concreto de hoje com suas complexidades e suas celeridades nas possibilidades existentes de pensar o mundo. A temática é um olhar com prestezas às ideias desses pensadores contemporâneos e intérpretes do cotidiano.

Como fazer filosofia na sociedade da informação, da incerteza, da fluidez, da violência contra si em contraposição à racionalidade moderna, a universalidade, a ética em busca da razão e a comunicação para civilizar e mitigar os conflitos? A filosofia contemporânea consegue dialogar com o mundo concreto ou como escreve Chul Han com o mundo de hoje? Diante do mundo atual, existe perspectiva para viabilizar uma nova ética?

São interrogações que comprovam que existe um extenso trajeto a ser percorrido. A contribuição facultada é uma partícula interpretativa perante a imensidão de elementos postos pelo mundo.

A pesquisa investiga a possibilidade da existência de uma ética pós-moderna diferentemente da ética estruturada na razão. O conceito de razão é importante para época moderna servindo para muitos a referência para o agir. Por outro lado, a vida atual e por consequência a ética estão influenciadas pelo cotidiano dentro de progresso científico, técnico e o desenvolvimento econômico social e pelas nossas idiosincrasias. Em consonância, a pós-modernidade se apresenta com a era das incertezas, da ansiedade e de relações humanas frívolas.

Bauman e Chul Han entendem que o mundo de hoje está em diástase de maneira frenética, no qual o ser humano tem dificuldades em entender o valor da emancipação e da razão de viver. Em razão desse frenesi, a filosofia para determinados entes sobejou *a posteriori* das inquietações ordinárias, tornando-se uma forma de lazer e entretenimento. O encadeamento entre os pensadores polonês e coreano estão para demonstrar através das reflexões feitas por meio da ontologia, das suas impressões e interpretações sobre o mundo concreto em diálogo com

outros filósofos. Ademais, os pensadores estudados chamam o mundo concreto, de modernidade tardia, ou pós-moderna.

Devido a amplitude dos temas tratados por ambos, houve uma necessidade de fazer escolhas. A primeira foi a relação do ser humano com o mundo do consumo e o pano de fundo que está na perda do sujeito em compreender como ser emancipado tornando-se gradualmente em um bem alienável, um bem a ser consumido com a eventualidade de ser descartável e o mais radical em um ser invisível. Além disso, é a relação do mundo do consumo com a arte, o belo, o corpo, o amor e a sexualidade. Segundo tema a ser tratado foi a violência negativa e positiva, por fim, de como a ética, a moral, o ser humano como um todo é afetado pela sociedade de desempenho, da transparência, da informação e sua capacidade de cumular dados, estatísticas. Essa concentração de informações suscita um anseio de transmutar o fato em diversas histórias modificadas, convertendo a verdade factual em uma realidade falseada.

No período histórico recente, a humanidade teve e para culminar conta com uma grave crise civilizatória. A banalização do mal, as mortes desenfreadas, alastramento exponencial da violência física, moral, o recrudescimento das forças de Estado para diminuir o poder da democracia, presenças marcantes dos fundamentalismos religiosos, políticos, a fome dos povos mais pobres. Em resumo, a liberdade, a ética, o altruísmo, o progresso para todos e o respeito à dignidade humana desapareceram dos debates. As possibilidades para embasar uma ética pós-moderna, assim como no mundo da vida, os caminhos são incertos, imprevisíveis, tortuosos e a não existência de solidez das convicções que se tornam líquidas.

A dissertação foi elaborada a partir de referências de Bauman, Chul Han dentre outros, nos quais a leitura e logrados de textos com suas devidas análises, interpretações e compreensões feitas. Um estudo crítico sobre os pensadores lidos na justificativa de desvelar que a filosofia hoje tem que estar em consonância com as representações circunscritas conhecendo a realidade, o lugar, a vida e o *ethos* da cultura estabelecida. Por fim, é dar visibilidade as pequenas contribuições filosóficas sobre o mundo de hoje, complexo, indeterminado, ambíguo e ansioso.

O primeiro capítulo do trabalho versará sobre a possibilidade de interlocuções entre Chul Han e Bauman sobre as relações do humano com o mundo do consumo. Essa relação do ser humano com o consumo foi assimilada pelos corpos, psique e a racionalidade? O argumento para estabelecer uma forma de unificação entre a

filosofia de Chul Han com o mundo concreto é de fazer filosofia em conformidade com os fatos reais da vida e interpretá-los.

Dessa forma, há um certo afastamento do mundo racional, científico e disciplinado que se tratava de teses basilares da filosofia moderna. A interlocução proposta pelo filósofo coreano é que a razão não consegue compreender o mundo e a sua própria psique e a linguagem deve dialogar com o mundo concreto. À vista disso a linguagem coadunada com o mundo se origina inúmeros desafios entre quais: a complexidade da vida, as incertezas dela proveniente e as ambiguidades existentes, propiciando assim dificuldades para descrever e interpretar o mundo. Outrossim houve estudos filosóficos de Chul Han e de possíveis diálogos com Bauman nos seguintes tópicos: consumo, mundo presente, os comportamentos e as ações humanas. Em síntese, atualmente o humano é explorado ou se autoexplora? Em suma, o ser humano torna-se mercadoria, um objeto de consumo que de maneira gradual vai perdendo a sua autonomia e sua emancipação. Ficando assim à disposição da aristocracia do capitalismo.

O segundo capítulo investigará sobre a violência presente e constante na História da humanidade visto que são atos irracionais ou racionais que prejudicam a relação do Eu com o outro e contra si mesmo. A violência pode aparecer na linguagem, nos corpos e nas almas. Conforme Chul Han existe dois tipos de violência, a negativa e a positiva. Os lugares das ocorrências de violência são na macrofísica e na microfísica, ou seja, não há fronteiras territoriais, físicas ou mentais, nem limites da presença da violência. A humanidade se esforça para exterminar a violência no mundo de hoje, contudo é uma guerra vã. Bauman traz uma contribuição sobre a violência pós-moderna e do retorno da extrema direita nos espaços democráticos com o objetivo de obstruir a democracia seja liberal ou social. Tanto Bauman quanto Chul Han há possibilidades de conexões para esse tema. Haja visto, a existência de dois cenários nos quais os pensadores se comunicam. O primeiro é a violência negativa, cujo objetivo é o aniquilamento do outro, a luta nas arenas públicas e privadas entre o Eu e o outro. O segundo ponto é a violência contra si mesmo com o propósito de tornar-se um sujeito coisificado, alienando a sua liberdade para ter vigilância e controle.

O terceiro capítulo pesquisará sobre a sociedade de hoje com as compreensões de Bauman e Chul Han sobre o Capitalismo neoliberal e as suas consequências, a crise da democracia com a ascensão de uma *Infocracia*, o mundo

sem fronteiras, o grande tráfego de informações e sobre o horizonte da ética no mundo atual. Percebe-se o ser humano inebriado de informações nos quais pessoas estão afogadas e doentes. A exploração de si mesmo estimuladas pelo mundo do consumo desencoraja o humano a refletir sobre si e da situação do outro. A ética deixou de ser universal para ser uma ética local. A filosofia de hoje comas múltiplas visões de mundo, necessita se aproximar do mundo concreto. A indagação substancial da filosofia está em aspirar a verdade factual e de uma interpretação fidedigna. Na ética atual é essencial entender os valores específicos daquele espaço a fim de que possa existir o mínimo de diálogo, de solidariedade para o bem-estar coletivo. Em consonância, com a propositura anterior a democracia deve retomar sua dimensão de respeito a si e ao outro para manter o pacto civilizatório.

1 CHUL HAN E BAUMAN: OBSERVAÇÕES SOBRE O CONSUMO E CONEXÕES DIALÓGICAS

O primeiro capítulo versará sobre a possibilidade de demonstrar concatenações dialógicas entre Chul Han e Bauman nos seguintes prismas: o pensamento filosófico hoje acerca das relações do humano, do corpo, da psique e dos sentimentos com o mundo do consumo. Essa relação do humano com o consumismo foi assimilada pelos corpos, psique, racionalidade? Esse é o pano de fundo que permeará o argumento inicial. Outro mote é de aproximar a filosofia de Chul Han com o mundo concreto que seria uma espécie de mundanidade das coisas, e que se estrutura nos fatos reais da vida.

Com isso, há um certo afastamento do mundo racional, científico e disciplinado que são teses basilares da filosofia moderna, e a interlocução proposta é da filosofia contemporânea com o mundo concreto e com ela vêm as ideias de complexidade, de incertezas e de ambiguidades existentes e presentes. Contudo os estudos filosóficos de Chul Han e as possibilidades de diálogos com Bauman que se articulam com a realidade com os seguintes tópicos: consumo, mundo concreto, os comportamentos e ações humanas na contemporaneidade. O ser humano é explorado ou se autoexplora? O ser humano torna-se mercadoria, um objeto de consumo. O ser humano era o sujeito do comércio que comprava e vendia produtos e mercadorias e os humanos escravizados. Hoje, existe a possibilidade de comprar e vender humanos de maneira vedada pelas leis, todavia o dinheiro compra e retira os direitos. Chul Han escreve:

A intenção que está na origem desse conceito é a de transformar a pessoa humana inteira, toda a sua vida, em valor puramente comercial. O hipercapitalismo atual desfaz a existência humana completamente em uma rede de relações comerciais. Hoje já não há mais âmbito da vida que se priva da utilização comercial. Justamente a digitalização crescente da sociedade facilita, amplia e acelera em grande medida a exploração comercial da vida humana. (CHUL HAN, 2021, p. 41).

Essa relação comercial atualmente faz com que os humanos se autopromovam e virem objetos sem perceberem. A exploração do corpo e alma a ponto de se escravizar a si mesmo, se transmutando em um ser capaz de autodestruir, exigindo de si mesmo alto desempenho e uma performance acima de uma inteligência artificial.

A sociedade consumista deseja que os humanos se tornem objetos de consumo. Bauman em sua obra 44 cartas do mundo líquido moderno exemplifica a

sociedade do consumo, o que é consumo, como é o humano consumista e que é consumido e suas repercussões nas suas relações com o outro. Em 44 Cartas do mundo moderno líquido escreve:

Todos nós somos consumidores, é obvio.... Enquanto vivermos. Não pode ser de outro modo, porque, se pararmos de consumir morreremos. A única dúvida é quantos dias vai durar o desfecho fatal. O consumo – cuja ação é definida pelos dicionários como sinônimo de “usar”, “comer”, “ingerir (líquido ou comida)” e, por extensão, “gastar”, “dilapidar”, *exaurir* é uma necessidade. Mas o “consumismo”, a tendência a situar a preocupação com o consumo no centro de todos os demais focos de interesses, não é. O consumismo é um produto *social*, e não o veredicto inegociável da evolução biológica. Não basta consumir para continuar vivo se você quer viver e agir de acordo com as regras do consumismo. Ele é mais, muito mais que o mero consumo. Serve a muitos propósitos; é um fenômeno polivalente e multifuncional, uma espécie de chave mestra que abre todas as fechaduras, um dispositivo universal. Acima de tudo, o consumismo tem o significado de transformar seres humanos em consumidores e rebaixar todos os aspectos a um plano inferior, secundário, derivado. Ele também promove a reutilização da necessidade biológica como capital comercial. Às vezes, inclusive como capital político. (BAUMAN, 2011, p. 83).

O objetivo de Bauman é apresentar movimento relacionais entre o humano e o consumo e esses são apenas dois elementos entre tantos outros constitutivos das ciências sociais do pensador polonês. Esses elementos arraoados por Bauman servem para atrair à filosofia e esta entrar em consonância com o mundo concreto. Em princípio, no mundo da modernidade tardia, o consumo arrebatou a sociedade, a liberdade, a estética. O mensuramento da sociedade do consumo se dá pelo valor pecuniário, ou seja, tudo é precificado. A pergunta que essa sociedade do consumo faz, é quanto vale um humano em sua completude? Posso dominá-lo sem lhe tirar a dignidade? Na modernidade tardia parte-se da ideia que tudo é alienável, pensava-se que a vida humana era indisponível, contudo hoje percebe que os humanos, a natureza e que o circundam tornaram-se disponíveis. Nesse sentido em *A sociedade paliativa* Chul Han afirma: “Indisponibilidade significa, hoje apenas uma ausência temporária do disponível. O mundo que consiste no disponível só pode ser consumido.” (2021, p. 94).

Nota-se que tudo está posto para ser consumido, ademais essa é uma das diversas aproximações entre Chul Han e Bauman, as relações dos humanos com o consumo. O enunciado que rege um possível cenário é de que todos seres humanos são consumidores das necessidades mais básicas, inclusive os mais supérfluos, de bens tangíveis e intangíveis. No entanto, ao aprofundar sobre o momento presente é

possível demonstrar a transformação do próprio humano em um bem, com um valor comercial, e a não dar a importância as suas relações com os objetos e sujeitos, essas relações sociais são tornadas em bens de consumo. É a totalização do mundo em bens disponíveis.

Chul Han com isso diz que os seres humanos se tornam seres disponíveis, alienáveis. Bauman por outro lado situou o ser humano como inalienável, não obstante é um ser que consome. A diferença é que Chul Han vivencia o que Bauman não vivenciou o hipercapitalismo, a agudização do neoliberalismo, a digitalização dos dados que acelera e possibilita a exploração comercial das vidas humanas com a venda de informações e algoritmos das escolhas em que há a utilização em larga escala desses dados sobre os corpos e as mentes. É um ser humano em estado de prontidão, que se põe em disposição.

A questão posta é: Por que o consumo se verte em uma das pedras angulares das ideias de Chul Han e Bauman? Vive-se em uma sociedade da negatividade, disciplinar, em Vida para Consumo Bauman escreve:

[...] na maioria das descrições, o mundo formado e sustentado pela sociedade de consumidores fica claramente dividido entre as coisas a serem escolhidas e os que as escolhem. A subjetividade dos consumidores é feita de opções de compra – opções assumidas pelo sujeito e seus potenciais compradores; sua descrição adquire a forma de uma lista de compras. (BAUMAN, 2008, p. 24).

Chul Han apresenta um paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho em A sociedade do Cansaço (2017), “a sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. Também o dever insere uma negatividade, a negatividade da coerção”. (p. 24). Percebe o poder coercitivo da sociedade diante do sujeito que é forçado nas mais diversas escolhas se sujeitar ao poder da coletividade, tirando a sua autonomia. Na sociedade do desempenho é o contrário ela vai se desassociando dessa negatividade. E presentemente as regras para o convívio diminuem e que garantem os direitos (2017). Chul Han esclarece a positividade. Em Sociedade do cansaço escreve:

O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade do desempenho. O plural da afirmação **Yes, we can¹* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição,

¹ “Sim, nós podemos” é lema da campanha de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos da América.

mandamento, ou lei, entram projeto, iniciativa emotivação. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. (CHUL HAN, 2017, p. 24-25).

Entrevê-se o avizinhamo da sociedade de positividade com o consumismo, o primeiro teor é a desregulamentação das normas, facilitando dessa forma a disponibilidade de quaisquer coisas, sejam elas objetos, ou sujeitos. O segundo é que o mundo está disponível, está aberto sem obstáculos ao consumo. O hoje, o tempo presente é o tempo de consumo, o desejo é concretizado no agora. Esse desejo de consumo hoje, o alivia e é transparente. A sociedade da positividade se constitui em precificação da vida. As coisas e os humanos perdem sua singularidade e se apresentam na quantificação. O filósofo coreano em A sociedade da transparência (2017) Chul Han escreve: "O dinheiro que iguala tudo com tudo, desfaz qualquer incomensurabilidade, qualquer singularidade das coisas." (p. 10). A conjunção do consumismo com a transparência das coisas cria um ambiente para a sociedade da positividade, ou seja, o não se submetendo ao sim, é o ser prevalecendo diante do dever ser. Ademais está difícil em se diferenciar dos outros e correspondentemente mais hermético em ser diferente em relação ao mundo do consumo.

A sociedade que hoje vive é sem descanso, transparente e sem negatividade e a consequência com base nisso é de se ter uma sociedade sem felicidade. A felicidade no tempo presente é disponível, ou seja, sujeito ao consumismo. Com isso, os eixos de sociedade da positividade é a de buscar a felicidade a qualquer custo, ser feliz, sem rugas e feridas. A disponibilidade das vidas e das coisas em conjunto com o consumismo fazem florescer um novo mundo.

Assim sendo, a sociedade da positividade permeia-se no humano, no amor, na episteme, no trabalho, nas ciências, nos corpos e na psique. Em Mundo do consumo escreve:

O valor mais característico da sociedade de consumidores, na verdade seu valor supremo, em relação ao qual todos os outros são instados a justificar seu mérito, é uma vida feliz. A sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a prometer felicidade na vida terrena, aqui e a cada "agora" sucessivo. Em suma, uma felicidade instantânea e perpétua. Também é a única sociedade que evita justificar e /ou legitimar qualquer espécie de infelicidade (exceto) a dor infligida aos criminosos como justa recompensa" por seus crimes) que se recusa a tolerá-la e a apresentar como uma abominação que merece punição e compensação. (BAUMAN, 2008, p. 60).

Bauman vê no consumo um referencial de vida em busca de um *teleos*, que é uma vida feliz. Chul Han e Bauman trabalham com os dois conceitos, no entanto os dois tomam caminhos diferentes, o sociólogo polonês vai no sentido de pessoas são consumidores e que almeja a felicidade. Chul Han toma o consumo como base e tendo um olhar no qual o humano se torna disponível, enquanto Bauman tinha uma visão do humano sujeito que compra. As coisas são objetificadas pelo ser humano. Para Chul Han o humano e as coisas estão disponíveis para serem consumidas. É o domínio do mundo do consumo sobre os corpos e sobre as psiques humanas. A sociedade do desempenho prepondera e situa sob sua égide o amor, a psique e a sexualidade com o corpo.

“Os novos filósofos” replicaram que só pretendem enfrentar a realidade sem ilusões, especificamente sem essas: ilusões de “cidade ideal”, que nunca se converterão em realidade. Chul Han e Bauman são pensadores de contemporaneidade que pensam o mundo concreto em articulação com a filosofia e ciências sociais. E com seus conhecimentos filosóficos descrevem e interpretam o humano aproximando do mundo concreto. É a filosofia em conexão. Essa conexão de um lado Bauman que transcorre sobre o consumo, suas perspectivas e seu papel na sociedade contemporânea e no outro lado o olhar filosófico de Chul Han que reflete sobre o humano que de corpo e de psique vai se transformando em mercadoria. Em sociedade primitiva Foucault abre a possibilidade do humano ser substituível, ser superado por outrem, no qual para o filósofo coreano o substituível, passou hoje a ser chamado de humano descartável. O ser humano ao ser descrito hoje ontologicamente comutado a ser consumível, objetificado; no qual, a dor, o amor, o *Eros*, a beleza, o corpo, a realidade e a cultura.

1.1 A DOR E O AMOR

Chul Han e Bauman interligam-se quando colocam que a felicidade é aqui e agora, ou seja, nos dias atuais, onde o futuro é positivo num presente que está em constante aperfeiçoamento, e não obstante em mundo de incertezas, e de em perspectivas indefinidas. Em sociedade paliativa (2021) Chul Han escreve que a dor é conciliável com a felicidade, e ser feliz ao extremo pode levar a dor. Dessa forma, a sociedade paliativa se conecta como sociedade de desempenho. A dor e o trabalho intenso se coincidem, no entanto a dor deve ser desprezada, a falácia do sorriso no

rosto e muito trabalho, mostra o sentido da sociedade da positividade. Em sociedade paliativa (2021) Chul Han assevera: “A dor é vista como um sinal de fraqueza. Ela é algo que deve ser ocultado ou ser eliminado por meio da otimização. Ela não é compatível com o desempenho.” (p. 13-14).

A dor é o símbolo de decaimento, do sentimento de incapacidade de controlar, o medo de ser finito. Contudo essa dor deve ser engavetada, colocada às escondidas, então para ocultar a dor há necessidade de mais desempenho, mais atividades para abrandar a dor. A força da positividade é capaz de tirar a dor do amor. O amor outrossim foi concernido pela sociedade de desempenho, no consumismo. Em *agonia de Eros* (2017) Chul Han escreve:

Hoje o amor se positiva em sexualidade, a qual está também submissa à ditadura do desempenho. Sexo é desempenho Sexyness² é capital que precisa ser multiplicado. O corpo, com seu valor expositivo equipara-se a uma mercadoria. O outro é sexualizado como objeto de excitação. Não se pode amar o outro, a quem se aprimora de sua alteridade; só se poderá consumi-lo. (2017, p. 26-27).

O amor está sendo assimilado pelo poder, pela sociedade do desempenho que é dominante segundo Chul Han pelo verbo poder, em antagonismo com a sociedade de disciplina no qual o verbo é dever. Além disso, o amor na sociedade de desempenho transcende-se em sexualidade, ou seja, o amor transforma em algo objetificável, se torna disponível. Em *amor líquido* Bauman (2004) escreve: “o amor é desejo e desejo é vontade de consumir”. O amor é absorvido, devorado, aniquilado pela sociedade de desempenho.

Ela se submete, se subjugação às vontades dessa sociedade do desempenho. Ao afirmar que sexo é desempenho, o amor vive performance, em busca do alto rendimento. A sensualidade, o ataque no corpo liso, depilado, limpo necessita de ser mostrado exponencialmente. Na *Agonia do Eros* (2017) Chul Han afirma: “Tudo é nivelado e se transforma em objeto de consumo.” (p. 9). Com isso, entende-se que o corpo se converte em mercadoria, um ser disponível, um bem consumível. Em *Amor líquido* (2004) Bauman escreve:

Amar diz respeito a autossobrevivência através da alteridade. E assim o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo, ou a ciumentamente - guardar, cercar, encarcerar. Amor significa estar a serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem.

² Sensualidade.

(BAUMAN, 2004, p. 21).

O amor para o sociológico polonês (2004) até então era humanista, respeitoso em relação a si e a outrem. É uma demonstração de caráter ético. Ele mostra a importância do amor que exerce influência no sentido de proteção, de abrigo, a necessidade de afago, de carinho. Essa ideia de amor dá uma profundidade ética na direção do humano a colocar-se à disposição do outro sem amarras de tempo, de cumprimento de lei, mas sim de estar a serviço de outrem.

Por outro lado, Chul Han (2017) coloca o amor submisso ao consumo. O amor fica disponível, ele se transforma em sensualidade pura, ele se corporifica, se torna sexualizável, a procura de um corpo para demonstrar o seu desempenho. O amor não é mais romantizável, abstrato. Ele se torna corpo no instante do ato. O amor é sensibilidade. Chul Han fala sobre a importância do acontecimento no amor, e marca a ideia desse *hoje em dia* ao narrar o amor e suas circunstâncias em *Agonia do Eros* (2017) o filósofo escreve:

Hoje em dia, o amor é positivado numa fórmula de punição. Ele precisa gerar sentimentos agradáveis. Ele não é uma ação, uma narração, nem sequer é mais um drama, antes não passa de emoção ou excitação inconsequente. Está livre da negatividade da vulneração, do assalto ou de derrocada. (No amor) decair, já seria muito negativo. (CHUL HAN, 2017, p. 29).

Retoma a ideia que o amor foi se prescindindo, se esvaindo e convertendo-se em objeto mercadológico. A sociedade do desempenho não se relaciona com a dor, por isso, o amor tem que ser agradável, leve, sem qualquer conflito. Se ocorrer uma intempérie amorosa mínima que seja há uma necessidade de buscar outro relacionamento fugaz, é um novo amor sem dor. Em outros tempos atos de amor eram postos em pedestal, exaltados, histórias de amor viraram livros, filmes, narrativas de família contados de geração para geração, a ideia do continuísmo do amor eterno, a ilusão de amor do felizes para sempre.

O amor narrava e proporcionava grandes dores, com mortes, lágrimas, dor e amor eram imbricados. No entanto, essa negatividade hoje se transforma em “poder” da positividade. Em *Agonia do Eros* (2017) Chul Han acrescenta: “A sociedade do desempenho, dominada pelo poder onde tudo é possível, onde tudo é iniciativa e projeto, não tem acesso ao amor enquanto vulneração e paixão.” (2017, p. 29).

A ideia do tudo posso que nada me impede, tem como objetivo de tentar dominar o outro e de sujeitá-lo. No mesmo passo o filósofo coreano (2017) afirma: “O

princípio de desempenho, que hoje domina todos os âmbitos da vida, abarca também o amor e a sexualidade.” (p. 29).

Inicialmente o amor tem que se apresentar com sentimentos magnânimos, somente emoções positivas. Outro aspecto, o amor não é mais ação, ou seja, praticar atos de amor, de solidariedade, não são bem vistas, pois hoje essa nova forma de pensar o amor não reconhece o outro. O amor atualmente como história está desprestigiado porque tragédias, decepções são emoções negativas. O amor é sinal de fraqueza. Os clientes de luxo são apenas consumidores que querem apenas reconhecimento, como ser de autoridade e de poder.

O desempenho rejeita o amor, porque o amor não tem iniciativa e ademais nem tudo é possível com o mundo que se vive para o amor se fortalece. Assim, como o consumo e o desempenho o amor só está ligado ao sexo. Só é válido objetos, sentimentos que possam ser consumidos. O amor só tem valor quando oferece prazer, poder. A transformação de sentimentos abstratos em realidades concretas e que há possibilidades de serem transformados em bens consumíveis. Chul Han (2017) escreve:

Hoje, o amor se positiva em sexualidade, do qual está também submissa à ditadura do desempenho. Sexo é desempenho. Sexyness é capital que precisa ser multiplicado. O corpo, com seu valor expositivo equipara-se a uma mercadoria. O outro é sexualizado como objeto de excitação. Não se pode amar o outro, a quem se privou de sua alteridade, só se poderá consumi-lo. (CHUL HAN, 2017, p. 26-27).

Reiteradamente, o filósofo coreano não volta ao passado para descrever, ou explicar o mundo concreto, quando ele quer enfatizar as suas ideias filosóficas, ele começa com a palavra hoje e, após, retoma o seu discurso. “Nesse ponto, o amor não pode se tornar um sentimento de negatividade”, por exemplo, decepções amorosas, frustrações, inimizades. O que o humano quer atualmente é prazer, gozo.

Contudo, Chul Han ressalta que o sexo está sob a égide da ideia de ser o melhor. O amor, a sexualidade se transformam de sentimentos abstratos para sentimento concretos, com isso há a necessidade de resultados, visto que a positividade é que deve reinar. E a palavra de positividade é de desempenho. O *sexyness*² (sensualidade em português) é a pessoa que seduz outra pessoa por seus atributos físicos e esse é o valor que rende ganhos, lucros a quem explora.

Os atributos físicos é o corpo que é exposto como um “manequim de hoje”,

pronto para consumo. O filósofo coreano lembra que o capitalismo destrói o outro. Em *Agonia do Eros* (2017) Chul Han assente: “A alteridade não é uma diferença consumível. O capitalismo vai eliminando por toda parte a alteridade a fim de submeter tudo ao consumo.” (p. 34).

A conexão feita aqui é que há possibilidade entre Chul Han (2017) e Bauman (2004) de diálogo visto que ambos entendem que o corpo é convertido em mercadoria, disponível, um bem consumível. O outro é desprezado pelo consumo. Bauman (2004) escreve: “O desejo quer consumir, o amor que possui”. (p. 25). O capitalismo acaba com o outro e que realmente vale é o consumo, ou seja, o poder econômico se sobrepõe aos humanos que possuem poucos recursos. É a premissa, existo, logo consumo. É o amor egoístico em alto grau.

O consumo, o capitalismo exhibe os humanos precificados e coloca a humanidade e seus conhecimentos em risco. O Eu e o outro que usufruem do sexo e do amor compassivo são esquecidos, devido as tentativas de dominação dos corpos e das psiques para torná-los em consumidores em potencial ou efetivos.

Em *Agonia do Eros* Chul Han aponta: “O neoliberalismo³ aciona uma despolitização geral da sociedade onde ele, não por último substitui o eros por sexualidade.” (2017, p. 77).

A despolitização extingue o amor, as relações amorosas, esse amor que reconhece o outro, por outro lado a política atualmente não quer o amor, quer que as pessoas fiquem isolados sem a possibilidade de se relacionar. O relacionamento entre eu e o outro na política tem que haver haja dor e prazer. Bauman e Chul Han estão em sintonia, nesse sentido Bauman tece que cada corpo, é uma ação a ser vendida para dar lucro e no caso desse corpo não ter o resultado esperado pelo mercado global e acontecer prejuízos esse corpo deve ser invisibilizado, eliminado. Aqui, a vida amorosa se torna um investimento com cálculos e deliberações que torna o humano inseguro, para isso é necessário desempenhar melhor, com intuito de manter o relacionamento.

O que o mundo econômico deseja é ter o *Homo consumens*⁴ como assevera Bauman no qual esse humano é solitário, centrado somente em si que somente quer comprar, consumir na tentativa hipotética de curar-se da solidão. Ao ver o corpo, o

³ *Neoliberalismo* (VEIGA, Itamar Soares. Informação e crise da Democracia. **Sapere Aude**, v. 13, n. 26, p. 422-438, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342>. Acesso em: 23 abr. 2023.

⁴ Homem consumidor.

amor, a sexualidade a se transformar em mero objeto de consumo, passível de compra e no qual agora, inclusive os olhos externos e internos, começam a ser mercadorias valiosas, com isso as visões de mundo vão se tornando opacos e transparentes. Essa abertura dos olhos é como abrir uma caixa de pandora da psique. Em Sociedade da transparência, Chul Han (2017) escreve:

A era do Facebook e do photoshop o “semblante humano” se transformou em face, que se esgota totalmente em seu valor expositivo. A face é o rosto exposto sem qualquer áurea da visão. É a forma de mercadoria do semblante humano. A face como superfície é mais transparente do que aquele rosto. (CHUL HAN, 2017, p. 29).

O mundo digital, as redes sociais interferem no viver humano, no agir fazendo com que a forma de como se olha a realidade, no qual o rosto humano é revelado como um mero estranho, passível de ódio, um obstáculo para o bem-viver individual. O rosto virou o humano em exposição o tempo todo, em redes sociais, nas mídias.

Esse rosto coloca o físico, as opiniões, as perspectivas, em óbice, pois hoje os espaços são formados em maioria por imagens, performances, no qual o escrito, os discursos estão se enfraquecendo, perdendo o seu vigor. Isso põe os humanos a se tornarem objetos com alto valor agregado, expõe as vidas na sua completude nas mais diferentes formas tais como: as compras, os gostos e submete-se ao crivo das grandes empresas e de serviços do estado. O rosto que possui um valor ético, ontológico se transforma hoje em rosto invisível, estranho, ou seja, é mais rosto perdido na multidão, é um ser descartável.

Em outra passagem a sociedade expositiva mostra que cada sujeito é seu próprio objeto-propaganda; tudo se mensura em seu valor expositivo. A sociedade exposta é uma sociedade pornográfica; a humanidade, a natureza está voltada para o externo, o que deixa desvelado, despido, desnudo, exposto. O excesso de exposição transforma tudo em bens de consumo. Em Sociedade de transparência Chul Han afirma: “A economia capitalista submete tudo à coação expositiva, é nessa encenação de se expor que se gera valor, deixando de lado todo e qualquer crescimento próprio das coisas.” (2017, p. 31-32).

Assim como qualquer produto, ou serviço, o humano da mesma maneira atualmente se encontra nas gôndolas, nos anúncios para se destacar como melhor produto, mais eficiente, mais qualificado para exercer tal serviço. O humano se despe de tudo para ser abraçado pelo capitalismo, que mostra esse humano com suas

qualidades que o expõe sem dó, nem piedade amplificando e mergulhando os erros, os mistérios de sua vida privada. Nada escapa a transparência. O crescimento, a maturidade, a privacidade das pessoas é subjugada pela coação expositiva, isso gera renda, engajamento. Essa transparência fomenta o ódio e o amor que configura numa produção de imagens que prejudicam a vida boa, o bem-estar social, e isso faz com que acarrete a violência das mais diferentes formas, inclui-se aqui a autopunição.

1.2 BELEZA, SEXUALIDADE E BELO

A beleza, a graciosidade e a docilidade são adjetivos adensados com a estética do liso, não têm sinais aparentes de negatividade, em suma é apositividade em estado puro. No entanto, o filósofo coreano analisa que essa estética se esvai a um simples toque sensível, com um mísero toque abre um despertar à lubricidade, ao gozo e de forma instantânea a impulsionar que motiva a dar curtidas em outros lugares. O sujeito curte a si mesmoperante. O belo é um sentimento *autoerótico⁵. Entende-se que o corpo e psique são inseparáveis, e há o narcisismo de hoje que elogia a si mesmo a sua beleza exterior e interior.

Nessa relação beleza, estética e consumo Chul Han mostra a diferença entre o belo natural e o belo digital. Não há designação definitiva, por exemplo do que é a expressão 'que belo' em relação a paisagem viola sua linguagem silenciosa e minora sua beleza; a natureza aparece e quer o silêncio, a contemplação, a admiração.

A beleza natural não é de consumo rápido, fugaz exige do humano, afruitão, um saboreio demorado, uma apreciação contemplativa. O belo natural exige um silêncio interior e exterior, um cerrar os olhos para entronizar todas as dimensões do belo. Contudo, o filósofo coreano apresenta o antônimo do belo natural, o belo digital. O que consistiria esse conceito de belo digital em Salvação do Belo (2019) Chul Han escreve:

No belo digital, a negatividade do outro foi totalmente anulada. Por isso ele é todo liso. Não pode ter rasgo. Seu signo é a complacência sem negatividade, a curtida. O belo digital forma um espaço liso do mesmo que não admite estranheza, nem alteridade. O puro interior sem exterioridade é seu modo de aparência e torna até mesmo a natureza em uma janela a si mesmo. Graças à digitalização total do ser, alcançou-se uma humanização

⁵ Autoerótico é uma forma de manifestação do impulso sexual. A característica é que isso não vai para outras pessoas, ou geralmente para objetos externos, mas se satisfaz no próprio corpo do indivíduo. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/autoerotismo/>. Acesso em: 8 jul. 2023.

total, uma subjetividade absoluta, na qual o sujeito humano se depara apenas consigo mesmo. (CHUL HAN, 2019, p. 40-41).

De antemão o outro que contempla não aparece nessa questão. O belo digital não é obstruído pelo outro, não há sinal de resistência, de oposição. O domínio do corpo através da sexualidade, da *sexyness*, o corpo para estar disponível é necessário ter alguns requisitos: ter saúde, estar sem dor, ser limpo, corpo alisado tornando assim uma espécie de um Apolo contemporâneo”. Em *Agonia do Eros* (2017) o filósofo coreano exemplifica:

O princípio de desempenho não se coaduna com a negatividade de excesso e o exagero. Assim, dentre as “convenções” a que se submete o sujeito de submissão, sub-estão: praticar muito esporte, alimentos saudáveis, dormir suficientemente. É proibido inclusive comer entre as refeições alguma outra coisa que não sejam frutos. **Onde** precisa inclusive deixar de lado o consumo exagerado de álcool e não pode fumar nem consumir drogas. A própria sexualidade precisa submeter-se a um mandamento da saúde. Fica proibida qualquer forma de negatividade. (CHUL HAN, 2017, p. 30).

Essa ideia de liberdade de desempenho pode trazer violência. É uma situação ambivalente é um posso e não posso no mesmo instante, limita o humano a viver num caminho restrito. Essa violência da liberdade faz que o ser humano seja autocoercitivo e explore o máximo do corpo e da psique, que o leva a exaustão, ao cansaço profundo. A pessoa se propõe a se submeter e exigir do corpo e da psique, conflitos consigo mesmo na perspectiva de deixar o corpo em busca de perfeição, praticando esportes, comendo alimentos saudáveis e abrindo mão dos prazeres da vida. O corpo e a alma se tornam vendáveis, quando obedece ao próprio ordenamento e que o torna uma boa mercadoria para o consumo.

Dessa forma, há um contrato do próprio indivíduo entre a sua razão e seu gosto (estética), excluindo o consumismo, no entanto a beleza, os prazeres se tornaram mercadorias precificadas e isso dificulta o ideal de belo. Em *Salvação do belo* (2019) Chul Han escreve:

A beleza foi por um longo tempo historicamente relevante apenas na medida em que expressava moral e caráter. Hoje, a beleza de caráter cede totalmente ao ser *sexy*: no século XIX, mulheres de classe média eram atrativas por conta de sua beleza, e não por seu *sex-appeal*. Compreende-se a beleza como uma característica corporale espiritual. [...]

A atratividade sexual como tal apresenta um novo critério de avaliação despido tanto da beleza quanto do caráter moral, ou melhor, no qual estão subordinados o caráter e psicologia, em última análise, ao ser ou não *sexy*”.

A sexualização do corpo não segue apenas a lógica da emancipação, já que está ligada à comercialização do corpo. A indústria da beleza explora o corpo na medida em que o torna sexualizado e consumível. Consumo e ser *sexy* condicionam-se mutuamente. O *self* cuja consistência é a lascividade sexual é um produto do capitalismo do consumo. A cultura do consumo submete a beleza cada vez mais à fórmula da atração e do estímulo. O ideal do belo não se insere no consumo. (CHUL HAN, 2019, p.79-80)

O ideal do belo provém de duas raízes que exprimem o idealismo, a moral e o caráter. No entanto acontece uma virada no mundo concreto do analógico para o digital, a passagem digitalizado do moral para o ser *sexy*.⁶

A mudança pode parecer irrelevante no mundo concreto, não obstante tem um impacto. A beleza é a palavra da Estética, da filosofia da arte. Hoje, sai a beleza e entra o ser *sexy*. A beleza foi perdendo força, porque o espiritual perdeu seu protagonismo hoje. O sexo toma o lugar da beleza, pois ele (o sexo) tem uma força de consumo. Outro ponto a salientar é que a psicologia descreve e no qual a beleza não faz parte da ontologia do ser.

Sou ou não *sexy*? Ser *sexy*, hoje é provocar implicações no indivíduo capaz de ter ressonância na sociedade que é sexualizar o humano, não somente o corpo, mas o todo. Em *Salvação do Belo* (2019), Chul Han afirma: “A sexualização do corpo substitui a emancipação para torná-lo o corpo em um bem consumível.” (p. 79).

A exploração dos humanos para serem *sexy* é feita pelas empresas que trabalham com estética que tornam o corpo e a psique humana em objetos de consumo. Atualmente, o consumo e sexo se conectam e tornam-se um só, a todo momento.

A luxúria produz no eu uma força intensa e um colamento com o capitalismo de consumo. Esse capitalismo de consumo subjuga a beleza um papel de sobrevivência que coloca essa beleza sem contemplação, sem o racional, sem o poder de fruir em plenitude. O consumo e o ideal do belo estão em caminhos opostos. A mudança do belo para ser *sexy* pode parecer irrelevante no mundo concreto, não obstante tem um impacto para a filosofia da arte.

A beleza é a palavra da estética, que demonstra o caráter moral. Ela está imbricada, quando se diz que a pessoa é de boa índole, possui bons antecedentes, declara-se a pessoa como uma beleza moral, uma beleza de caráter. A exploração desse corpo consumível cresce exponencialmente, nesse sentido em *44 Cartas do mundo líquido moderno* (2011) Bauman escreve: “a publicidade de um *website* que

⁶ Sensual - diz-se de quem é atraente, de pessoa que seduz outra pessoa por seus atributos físicos. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sexy/>. Acesso em: 8 jul. 2023.

vende sexo rápido e seguro e se vangloria de ter 2,5 milhões de assinantes [...] você é que manda mensagem que soa doce e apaziguada a ouvidos treinados por milhões de comerciais.” (p. 32).

Chul Han e Bauman concordam que o ser *sexy* tem mensagens de positividade, de lugar liso, sem obstáculos, um sexo limpo, higiênico.

A exploração do corpo é feita pelas empresas e hospitais que trabalham com estética. Em 44 Cartas do mundo líquido moderno (2011) Bauman escreve: “Em 2006 foram realizados onze milhões de cirurgias estéticas somente nos EUA. Basta navegar [...] para descobrir as inúmeras tentações com que a propaganda típica das clínicas hoje muito lucrativo do setor de serviços que procuram reduzir a ansiedade nas mulheres sobre a sua aparência física.” (p. 33).

Bauman enfatiza outrossim, sobre ser a valorização do corpo e as relações com mundo *sexy* e principalmente o mundo do consumo. Na 44 Carta de mundo líquido Bauman escreve:

Escolher seu parceiro sexual num catálogo de traços peculiares e usos desejáveis, como se faz com mercadorias selecionadas em catálogos [...] nós, seres humanos, somos menos pessoas ou personalidades. [...], mas uma coleção desordenada de atributos vendáveis ou difíceis de vender. (BAUMAN, 2011, p. 34).

Percebe-se que o ser *sexy* é escolher e ser escolhido e na prática redundante em humanos produtos alto valor econômico. Corpos e psiques são instrumentos de consumo e que geram índices bem lucrativos. Esse capitalismo vincula os humanos para serem menos racionais, dignos para virarem produtos vendáveis e rentáveis. A beleza cumpre uma função de subserviência no qual coloca esse belo com possibilidade diminuta de contemplação. Produto não mais que produto, de certa forma é isso a qual hoje o ser é. O que se pode esperar sobre a cultura de comprar humanos para satisfazer prazeres? Bauman declara que hoje o ser humano é menos sujeito e mais objeto. O capitalismo de consumo e os ideais filosóficos, atualmente estão em caminhos opostos.

Ao afirmar que a moral, virtude ou caráter são sólidos e o ser *sexy* é ser fluido, líquido, subentende-se que o filósofo coreano e Bauman concordam no olhar do ser *sexy*. Além do sexo, o mundo do consumo supressiu a arte e o belo. E Chul Han escreve que as obras de arte são ativos financeiros, sendo esses de alto valor. Em *Salvação do belo* (2019), Chul Han afirma:

Hoje, obras de arte são negociadas sobretudo nas vias comerciais e nas bolsas de valores. Elas não possuem nem valor de culto nem valor de exposição. É justamente seu puro valor especulativo que as submete ao capital. Hoje, o valor especulativo se manifesta como valor supremo. A bolsa é o local de culto de hoje. No lugar de redenção [erlösung] aparece o lucro absoluto. (CHUL HAN, 2019, p. 101).

No tempo presente, o dinheiro compra tudo, inclusive a beleza. Dito isso, para demonstrar essa afirmação, existem pesquisas sobre leilões de obras de arte e a peça mais cara foi o *Salvator Mundi*.⁷ Novamente se constata que Chul Han captura o mundo presente e coloca a filosofia inserida no mundo concreto na temática que parecia solidificada na historicidade da arte, para exemplificar. Quando o *Sotheby's*⁸ coloca-se no seu sítio capturar o atual e as obras sendo negociadas, nas quais elas na realidade não possuem valor de exposição, o que importa hoje é que possua as seguintes qualidades atuais, a excitação como sentimento, a originalidade e a não convencionalidade.

A pergunta de *Sotheby's*, pode separar o luxo da arte? A resposta encontra reciprocidade com o pensamento filosófico de Chul Han sobre o belo. Ela (*Sotheby's*) diz o seguinte: cliente e público de luxo estão agora mais do que nunca interligados por histórias significativas, por trás do que consomem o objeto e conteúdo. Então, o luxo terá um papel cada vez mais importante na formação do futuro de cultura contemporânea.

Em suma, o consumo está fagocitando a arte. A beleza a serviço da riqueza, da bolsa de valores. O luxo traz em seu bojo a higienização, a transparência e o liso. E as empresas de arte se integram a clientela através de informações baseadas em dados. Chul Han mostra que a filosofia da arte e a beleza sofrem uma crise. Em *Salvação do belo* (2019) o filósofo escreve: “Hoje nos encontramos em uma crise do belo na medida em que o belo se tornou um objeto liso da curtidura, do *like*, do conforto, do arbitrário, um objeto para qualquer hora.” (p. 113).

O belo se tornou algo fugaz para muitas pessoas e altamente rentável para poucas que deram uma relevância, pois o transmutaram de contemplativos para lucrativos. O juiz para avaliar o que é belo são os curadores, os institutos de artes,

⁷ Obra de Leonardo da Vinci considerada a obra mais cara do mundo. Disponível em: <https://www.galeriaarte12b.com/post/salvator-mundi-a-obra-mais-cara-da-hist%C3%B3ria>. Acesso em: 8 jul. 2023.

⁸ Disponível em: <https://www.sothebys.com/br/brasil>. Acesso em: 8 jul. 2023.

os clientes de luxo para satisfazerem seus desejos de ter objetos que lhe transmitam não a beleza, todavia a opulência. Em suma, depois do belo, do corpo, o erótico também fica à mercê do consumo.

Assim como ser *sexy* exige um desempenho, uma alta performance, o amor atualmente exige positividade. Como se escreveu anteriormente amor não pode trazer e nem viver com a negatividade. Chul Han explica o amor nessa sociedade do desempenho. Em *Agonia do Eros* (2017), o filósofo coreano escreve:

Hoje em dia, o amor é positivado numa fórmula de fruição. Ele precise gerar sentimento agradáveis. Ele não é uma nação, uma narração, nem sequer é mais um drama; antes, não passa de emoção ou excitação inconsequente. Está livre da negatividade de vulneração, do assalto ou da derrocada. [No amor], decair já seria muito negativo. (CHUL HAN, 2017, p. 29).

A sociedade *performática* da alta produtividade, dominada pelo poder, o poder de quem? O poder dos grandes conglomerados econômicos, onde tudo é possível, onde tudo é iniciativa, planejamento e projetos. Os abastados não se ocupam, nem se preocupam se os mais necessitados têm acesso a bens de consumo, ao reconhecimento, ao amor (sentido religioso e físico), o respeito e por fim, a empatia. O princípio de desempenho penetra nos corpos e psique humano com a finalidade de atravessar a última fronteira, que é se aproximando amor, da vontade boa para manipular a seu bel prazer.

1.3 O CORPO

O domínio do corpo através da sexualidade, da *sexyness*, o corpo para estar disponível é necessário ter alguns requisitos: ter saúde, estar sem dor, ser limpo, corpo alisado tornando assim uma espécie de um Apolo contemporâneo”. Em *Agonia do Eros* (2017) o filósofo coreano exemplifica:

O princípio de desempenho não se coaduna com a negatividade de excesso e o exagero. Assim, dentre as “convenções” a que se submete o sujeito de submissão, sub-estão: praticar muito esporte, alimentos saudáveis, dormir suficientemente. É proibido inclusive comer entre as refeições alguma outra coisa que não sejam frutas. O *sub* precisa inclusive deixar de lado o consumo exagerado de álcool e não pode fumar nem consumir drogas. A própria sexualidade precisa submeter-se a um mandamento da saúde. Fica proibida qualquer forma de negatividade. (CHUL HAN, 2017, p. 30).

Essa ideia de liberdade de desempenho pode trazer violência. É uma situação

ambivalente é um posso e não posso no mesmo instante, limita o humano a viver num caminho restrito. Essa violência da liberdade faz que o humano seja autocoercitivo e explore o máximo do corpo e da psique, que o leva a exaustão, ao cansaço profundo. A pessoa se propõe a se submeter e exigir do corpo e da psique, conflitos consigo mesmo na perspectiva de deixar o corpo em busca de perfeição, praticando esportes, comendo alimentos saudáveis e abrindo mão dos prazeres da vida. O corpo e a alma se tornam vendáveis, quando obedece ao próprio ordenamento e que o torna uma boa mercadoria para o consumo.

Do horizonte corporal para o mundo digital vive-se hoje no mundo *Touchscreen*⁹ no qual Chul Han afirma ao fim de *Salvação do Belo* (2019) o filósofo coreano escreve: “O liso é a marca do presente.” (p. 7) E os corpos têm um papel fundamental nesse entendimento.

Esse presente liso não coloca barreiras, não há posição, é inquebrantável e precisa de afirmações, de positividade que se apresente de forma de curtidas, o filósofo coreano escreve. Ele exige *likes*¹⁰. O objeto liso extingue seus contrários. É o afagamento dos contrários, não há lutas, só concordâncias.

Para Bauman (2011), o corpo é um instrumento de prazer, de qualquer tipo de prazer. Diferentemente do sociólogo polonês, Chul Han (2019) afirma que o prazer se preocupa hoje com o desempenho em todas as dimensões. O bom desempenho começa com a existência do corpo liso, sem intercorrências, sem dor, sem ferimento, a psique em alta positividade e sem resquícios de culpabilidade. Em Bauman, o corpo possui dores e sofrimentos provindos dos sacrifícios, da negatividade, dos erros cometidos, o mundo consumidor faz com que a venda dos corpos seja uma expiação, uma espécie de punição. Esse corpo é sujo, horrendo e perde valor. Chul Han (2019) escreve que a beleza do mundo é o corpo liso, higienizado. O próprio belo se torna liso, sem embargo a beleza vai se esvaindo paulatinamente com as curtidas.

As curtidas não são experimentadas, nem vividas, elas são uma espécie de registro de aprovação individual, tal como uma aprovação religiosa provinda do catolicismo que é o Amém, o assim seja, por outro lado Bauman atribuiu ao

⁹ Termo que se refere geralmente ao toque no divisor do dispositivo, com o dedo ou a mão, que também podem reconhecer objetos, como uma caneta. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/multitouch/177-o-que-e-touch-screen-.htm>. Acesso em: 8 jul. 2023.

¹⁰ Estrangeirismo que significa curtir. É usado para dizer que gosta de algo. Disponível em: www.dicionarioinformal.com.br/like. Acesso em: 9 jul. 2023.

consumismo o corpo que se abre ao máximo de experiências sendo elas bem ricas e estimulantes. O nojo, o rugoso, o áspero são formas negativas, são antônimos do liso, do polido, da pele jovem, tenra. O ser humano áspero, cabeludo não é consumível é substituído pelo antropomorfismo alisado, o humano asedado. Em *Salvação do belo* (2019) Chul Han descreve o liso, higiênico, limpo.

A depilação brasileira torna o corpo liso. É a coerção de higienização atual que ele incorpora. Assim, a coerção de higienização seria o fim do erotismo sujo cede à pornografia limpa.

É justamente a pele depilada o que concede ao corpo uma busca pornográfica experimentada como pura e limpa. A sociedade de hoje, obcecada, tornada em limpeza e higiene, é uma sociedade de positividade que sente nojo diante de qualquer forma de negatividade. (CHUL HAN, 2019, p. 18).

O corpo é tomado por uma aura de limpeza, *corpus mundum*¹¹ que faz com que afaste qualquer sujidade, tudo é limpo, inclusive o sexo que anteriormente era um pecado, uma sujeira na vida humana, agora só é limpo, higiênico, todos os procedimentos asseados são aceitos. Se o espaço estiver imundo desencadeia o nojo a negatividade e o desencanto com o corpo do outro. Na obra *44 Cartas do Mundo Líquido moderno* (2011), Bauman reafirma o tratamento ao corpo se quer limpo, consumível e substituível. O sociólogo polonês escreve:

Hodson a exemplo de muitos outros pesquisadores, também descobriu que, mais que ajudar a criar vínculos e diminuir a tragédia dos sonhos não realizados, o sexo pela internet ajuda a enfraquecer e tornar mais superficiais as relações laboriosamente construídas na vida real off-line, por isso mesmo, é menos satisfatório e cobiçado, menos valioso e valorizado. Um número maior de pessoas pode fazer sexo com maior frequência. (BAUMAN, 2011, p. 33-34).

De forma implícita Bauman faz um discurso moralista “somos menos pessoas”, quanto que Chul Han apresenta o humano consumo que vive na era digital, de corpo liso que faz sexo moral, limpo e higiênico, a imoralidade do sexo é a sujidade, o rugoso para a venda do corpo, isso explica o modo da relação do humano com o corpo e a psique. O sexo pela internet é a solução para o limpo, entretanto, a solidão, o enfraquecimento das relações do eu com outro aparecem. E transforma o corpo físico em imagens que fazem produzir egoístas preocupados com sua autossatisfação.

¹¹ Corpo limpo.

O corpo na modernidade tardia é digitalizável, quantificável, transformado em pixels que tem a finalidade de vigiar os corpos. O dataísmo¹² dissolve o corpo em dados, tornando o compatível em dados. Ao oferecer maneira gratuita sem entender os corpos, para se transformar em dados, em informações, o humano se coloca com um ser limpo e transparente. Em *Vida em fragmentos* (2011) Bauman afirma: “o corpo é uma superfície rugosa ou lisa a ser afagada ou lambida em objeto de gustação pode ser ignorada ou afastado.” (p. 167), e esse é um terreno para ser explorado e aventurado. Em Chul Han, os corpos e as psiques se tornam mercadorias, como meios para obter ganhos, informações relevantes.

E na visão de Bauman os corpos são descartáveis, explorados e exaustão para se tornarem invisíveis, todavia não atinge as psiques. Ele não quer a depreciação do corpo, a substituição humana, ele mantém um certo moralismo. Chul Han ontologiza sobre a transformação do corpo em dados, em informações inspirado em Edmund Burke¹³ e descreve o liso. Esse liso proporciona prazer, sem dor e sem resistência. O sentido tátil toca a superfície sem qualquer sensação de negatividade, não há quaisquer estrepes, ou sinais de lascas que possam atrapalhar e lisura. Esse liso é descrito como algo que projeta as sensações do tato, do gosto, do ouvir, do paladar em alto grau de gozo. E com esse ambiente a beleza na contemporaneidade se impõe nesse lugar, ou seja, limpo, eclético, sons quase inaudíveis, adocicado.

Bauman mostra que o corpo e a vida organizada em torno do consumo, sem move em enriquecer poucos, sem um ordenamento jurídico robusto. A divergência de Bauman e Chul Han é que o primeiro coloca o consumo, como uma afetação do mundo exterior, para o interior entra-se na questão do corpo, o desejo de compra, de ter posse de algo, afeta, transforma e modifica economicamente o humano, ou seja, é o fator externo que adentra ao interior. Por outro lado, Chul Han o próprio consumo e o corpo, psique se entrelaçam e esse é o Locus que gera o prazer lucrativo, o corpo precificado, em *Salvação do Belo*, Chul Han (2019) afirma a “beleza sem rugas a medicalização da vida, sem manchas sem sujidade.” (p. 29), o sexo limpo e seguro e é o que desperta a beleza no olhar. Na obra *Modernidade líquida* (2001) Bauman escreve:

¹² Palavra que vem do latim que significa dados. Uso de dados para tomadas de decisão. Disponível em: <https://dataismo.com.br/o-que-e-dataismo/>. Acesso em: 9 jul. 2023.

¹³ Disponível em: https://www.ebiografia.com/edmund_burke/ Acesso em: 9 jul. 2023.

A vida organizada em consumo, por outro lado, deve se abastar sem normas: é orientada pela redução, por desejos sempre crescentes e quereres voláteis não mais por regulação normativa. Nenhum vizinho em particular oferece um ponto de referência para uma vida de sucesso; uma sociedade de consumidores se baseia na comparação universal e o céu é o único limite. (BAUMAN, 2001, p. 99).

Ao reportar o consumo como fator externo, há uma desregulação dessa relação corpo/consumo, no qual o ponto a ser agregado com importância é que a vida de almejar o sucesso não é comparação por proximidade. O consumo não aproxima o eu com o outro, no entanto distancia-se. O consumismo está interligado mais com a concorrência do que a competição. Essa falsa dicotomia faz com o desejo de adquirir algo, numa ideia mais palatável, dócil, transformando a concorrência num tópico aceitável pelos consumidores. Esses discursos que pacificam ideias de competição alisam os espíritos humanos.

O liso é o traço essencial do belo, e a política da eterna juventude é o ideal a ser buscado, a um deslocamento da ideia de felicidade para ser posta a de ser jovem eternamente. Com isso, quaisquer objetos que são ásperos, com remendos e pregueados são rejeitados pelos humanos. Em *Salvação do Belo* Chul Han escreve: “O liso e o doce são da mesma origem. São aparências de uma positividade pura. Eles se esgotam em uma mera curtida.” (2019, p. 31).

1.4 SOCIEDADE DA TRANSPARÊNCIA, CULTURA E MUNDO DO CONSUMO

Ao ver o corpo, o amor, a sexualidade a se transformar em mero objeto de consumo, passível de compra e no qual agora, inclusive os olhos externos e internos, começam a ser mercadorias valiosas, com isso as visões de mundo vão se tornando opacos e transparentes. Essa abertura dos olhos é como abrir uma caixa de pandora da psique. Em *Sociedade da transparência* (2017) o filósofo coreano escreve:

A era do Facebook e do photoshop o “semblante humano” se transformou em face, que se esgota totalmente em seu valor expositivo.

A face é o rosto exposto sem qualquer áurea da visão. É a forma de mercadoria do semblante humano. A face como superfície é mais transparente do que aquele rosto. (CHUL HAN, 2017, p. 29).

O mundo digital, as redes sociais interferem no viver humano, no agir fazendo com que a forma de como se olha a realidade, no qual o rosto humano é revelado como um mero estranho, passível de ódio, um obstáculo para o bem viver individual.

O rosto virou o humano em exposição o tempo todo, em redes sociais, nas mídias. Esse rosto coloca o físico, as opiniões, as perspectivas, em óbice, pois hoje os espaços são formados em maioria por imagens, performances, no qual o escrito, os discursos estão se enfraquecendo, perdendo o seu vigor.

Isso põs os humanos a se tornarem objetos com alto valor agregado, expõe as vidas na sua completude nas mais diferentes formas tais como: as compras, os gostos e submete-se ao crivo das grandes empresas e de serviços do estado. O rosto que possui um valor ético, ontológico se transforma hoje em rosto invisível, estranho, ou seja, é mais rosto perdido na multidão, é um ser descartável. Em outra passagem a sociedade expositiva mostra que cada sujeito é seu próprio objeto-propaganda; tudo se mensura em seu valor expositivo. Em *Sociedade da transparência* (2017), o filósofo coreano assevera:

A sociedade exposta é uma sociedade pornográfica; a humanidade, a natureza está voltada para o externo, o que deixa desvelado, despido, desnudo, exposto. O excesso de exposição transforma tudo em bens de consumo. A economia capitalista submete tudo à coação expositiva, é nessa encenação de se expor que se gera valor, deixando de lado todo e qualquer crescimento próprio das coisas. (CHUL HAN, 2017, p. 31-32).

Assim como qualquer produto, ou serviço, o humano da mesma maneira atualmente se encontra nas gôndolas, nos anúncios para se destacar como melhor produto, mais eficiente, mais qualificado para exercer tal serviço. O humano se despe de tudo para ser abraçado pelo capitalismo, que mostra esse humano com suas qualidades que o expõe sem dó, nem piedade amplificando e mergulhando os erros, os mistérios de sua vida privada. Nada escapa a transparência.

O crescimento, a maturidade, a privacidade das pessoas é subjugada pela coação expositiva, isso gera renda, engajamento. Essa transparência fomenta o ódio e o amor que configura numa produção de imagens que prejudicam a vida boa, o bem-estar social, e isso faz com que acarrete a violência das mais diferentes formas, inclui-se aqui a autopunição.

Para entender sobre esse fenômeno de transparência. O que é transparência?¹⁴ Essa transparência faz com que o humano repense suas cosmovisões de mundo principalmente na economia e na política. Em *Sociedade da*

¹⁴ *Transparência* é a qualidade do que é transparente (que se pode ver através, que é evidente ou que se deixe transparecer. Disponível em: <https://conceito.de/transparencia>. Acesso em: 9 jul. 2023.

transparência (2017) explica:

A sociedade da transparência é inimiga do prazer. Dentro da economia do prazer humano, prazer e transparência não conseguem conviver; a transparência é estranha à economia libidinosa, pois é precisamente a negatividade do mistério do véu e da ocultação que aguilha o desejo e intensifica o prazer. (CHUL HAN, 2017, p. 39).

O humano na história, o sexo foi cercado de mistério, de estranhamento, o mundo privado fechado a sete chaves. Hoje o sexo não é mais tabu, se desloca da esfera privada, para a esfera pública.

A economia quer tudo às claras, expostos, que resulta em prejuízo na visão, no prazer transformando esses dois em objetos tributáveis. Bauman (2011) explica a diferença entre privada e pública.

Privacidade é a capacidade de uma pessoa ou grupo de controlar a exposição e a disponibilidade de informações a seu respeito; O que significa arena pública? Um espaço de acesso livre e todos os que quiserem entrar. Por isso, tudo que se ouve e vê na arena pública pode ser ouvido e visto em princípio, por qualquer pessoa. (BAUMAN, 2011, p. 36).

Na perspectiva de Chul Han, a transparência e a arena pública estão abertas com as redes sociais, e esse espaço “livre” ampliou-se exponencialmente, e quem quer entrar tem que se expor nesse ambiente, pois é nesse lugar que se apresenta as oportunidades de trabalhos, as relações sociais, as imagens do mundo sem sair do território a que pertence.

O mundo da informação e comunicação para Bauman (2011) quanto para Chul Han (2017) estão presentes os mecanismos de transparência que geram ganhos e perdas, as pessoas. A transparência se transcorre com as imagens e sons colocados a público, sem análise profunda, sem julgamentos prolongados é só um curtir as imagens desse momento presente. E esse curtir é o consumo instantâneo e tem um preço. O filósofo coreano apresenta a hipervisibilidade do humano que o capitalismo expôs. Em *Sociedade da transparência* (2017), Chul Han escreve ele:

O capitalismo acentua a pornografização da sociedade, expondo tudo como mercadoria e votando-o a hipervisibilidade. O que se busca é a otimização de valor expositivo, sendo que o capitalismo não conhece nenhum outro uso de sexualidade. (CHUL HAN, 2017, p. 59).

Esse sistema econômico privatiza os ganhos e socializa os prejuízos, nesse

caso é a demonstração concreta, os corpos, a sexualidade tem valor quando é novidade, mostrado em primeira mão para virar em um bem de consumo com montante alto. Esse corpo, essa sexualidade é exprimida até a última gota de psique, de energia.

A humanidade aguça o voyeurismo e proporciona a ela uma avalanche de imagens e de performance quem causam uma hipervisibilidade. É o aparecer, a exibição no seu limite máximo até causar exaustão. Quanto mais exibicionismo, mais seguidores, curtidas, é o lucro com a exposição alheia. Essa exposição excessiva de vida alheia não reflete e nem causa estranheza ao pensar do indivíduo. Em *Sociedade da transparência* (2017) o filósofo coreano assentou:

O vento digital de comunicação e de informação penetra tudo e torna tudo transparente. Ele atua através de sociedade de transparência; mas a rede digital com médium de transparência não está submetida a um imperativo móvel. É de certo modo desprovido de coação [...]. A transparência digital não é cardiográfica mas pornográfica, produzindo também pan-ópticos econômicos. Neles não se busca acentuar a moral de coração, mas maximizar lucros, chamar atenção. A iluminação total promete, pois, uma exploração máxima. (CHUL HAN, 2017, p. 103-104).

Não é somente o movimento da comunicação e informação de maneira ininterrupta que apresenta os corpos e as psiques, há também concessões fluídas espontâneas por parte das pessoas que intermeia o mundo através da contínua transmissão de dados individuais. O ponto importante é que conforme Chul Han (2017) as redes sociais são meios para se exercer a transparência e a função aparente é de que essa transcendência originária das redes se submetem a discursos morais. No entanto, o mundo digital não se ocupa com discursos morais e sequer é empática, nem simpática com o rosto do outro.

Essa sociedade de consumo se enraíza com a transparência total das vidas humanas, uma sociedade que busca saber quantos fios de cabelo da pessoa se perde; as viagens e as compras de insignes, em suma é transformar as vidas privadas em vidas públicas e que estejam em espaços democráticos consumindo. Desse modo, a transparência é a exposição das vidas com sua alegria, contemplação, ao contrário outrossim com a sua tristeza, vilania e desprezo. Na transparência percebe-se que não há ponto de mistério, de escuridão, ou seja, o objeto de consumo está em lugar de destaque iluminado encantando o consumidor. O lucro provém do objeto que recebe mais atenção das redes sociais, ou seja, uma mimetização da vida, é teatralizar para viralizar que pretende o engajamento contumaz. Em *Sociedade da*

transparência (2017) o filósofo coreano assevera:

A coação por transparência, hoje não é um imperativo explicitamente moral ou biopolítica, mas sobretudo um imperativo econômico; que se ilumina completamente se expõe e se oferece à exploração e econômica. Iluminação completa é exploração. Quando uma pessoa é superlocalizada e iluminada, maximiza a eficiência econômica. (CHUL HAN, 2017, p. 113).

A pressão do sistema econômico, do mundo de consumo nos dias atuais tem como um dos objetivos de fazer mediante comunicações rápidas dissipar o espírito das ações morais, no qual a emancipação é substituída pela sujeição. A transparência não é para refletir comportamentos, ações, sob ponto de vista ético, e nem sequer disciplinar corpos.

Outro objetivo da transparência é a eficiência total de humano, ou seja, competência, produção, é a busca para se ter o melhor rendimento com mínimo de erros. Um humano que trabalha, expõe a privacidade, contudo não reflete sobre esse comportamento. Uma analogia é ter um humano que recebe um salário bem baixo, que consome pouco, contudo produz como se fosse o diretor geral de uma empresa, em resumo ele consome pouco, para que os abastados, possam consumir em abundância.

Há muitas conexões dialógicas entre Chul Han e Bauman que se expressam na transversalidade e o turismo é uma das possibilidades de aproximação de filosofia com o mundo concreto. Na obra *Hiperculturalidade* (2019) Chul Han versa sobre o turismo. O filósofo coreano (2019) cita Bauman para compreender o turista que sai de peregrino, para o turista em deslocamento, o viajante, inclusive o turista que viaja sem sair de casa. O peregrino é o ser humano que caminha para lutar pela sobrevivência, seu caminhar pelo mundo da vida não é idealizável, mas sim pragmático, para fins de saciar a sua fome e sede. Esse peregrino provoca o estranhamento na sociedade, ele é uma espécie de estrangeiro na sua própria casa.

O turista diferentemente do peregrino tem como diretriz o consumo, a viagem, a hospedagem e os passeios em prol de uma satisfação pessoal, uma ostentação. Ele é recebido com pompas e sem estranhamento pois as pessoas que residem nesse lugar sabem que ele é passageiro. E hoje, há os turistas de redes sociais que persuadidos a mostrarem lugares que devido à falta de condições econômicas não irão. No entanto, os *influencers* o estimulam a produzirem fotos, montagens de imagens para torná-los visíveis e participarem do mundo do consumo, são disponíveis

e disponibilizados.

Bauman não percebeu a explosão das redes sociais focadas em imagens, por isso é difícil e incipiente se os turistas de hoje estão fazendo turismo ou repassando informações inverídicas, de onde se está, se possível em qual casa, ou hospedaria que se está, se está seguro ou inseguro diante das informações repassadas, em suma, o ego busca o engajamento, o curtir para satisfação dos seus desejos, é de tornar explícito, o lazer. Em *Hiperculturalidade* (2019) Chul Han escreve:

O turista de Bauman é um turista romântico que protesta um passado. Ainda não é um peregrino. Está a meio do caminho de uma pátria, de um até que permanece, contudo, sempre no “futuro”. Bauman de fato percebe que a nostalgia não é a única sensação do turista, que ele também tem “medo da **ale** dependência de pátria”, ou seja, medo de estar atado a um **lugar**”, [...] Para Bauman, o turista ainda é um peregrino dilacerado entre a saudade e o medo do ali. O turista **hipercultural**, por sua vez, não tem nem saudade nem medo. [...] Assim, vivencia a cultura como *cul-tour* (10) (2019, p. 77;79) tour (**Francês, volta, passeio**) cul (Francês, nádegas) (CHUL HAN, 2019, p. 79).

Da mesma forma que o vagabundo, o turista também expressa mais uma característica do humano pós-moderno. O turista é um fenômeno do momento presente. E Bauman faz uma descrição profunda desse comportamento, do seu modo de vida. Tal qual o vagabundo, o turista é um ser em movimento, está num lugar ora em outro, no entanto diferentemente do vagabundo que não tem casa, um lugar para chamar de lar, o turista tem casa, e é bem acolhido pelos moradores locais.

Outra diferença é que o vagabundo segundo Bauman citado por Chul Han (2019) não fica perambulando por deliberação própria, mas devido as condições econômicas que o limita, a extrema pobreza o leva a estar nessa caminhada sem rumo de forma contínua. Por outro lado, o turista viaja de maneira deliberada ele escolhe onde quer ir com condições de permanecer porque possui recursos. O turista sempre está à procura do melhor lugar, de sentir a adrenalina, ou seja, no afã de experimentar tudo. Em *Vida em Fragmentos* Bauman (2011) descreveu o turista: “O turista é um caçador consciente sistemático de uma experiência nova e diferente, da experiência de diferença e novidade que as alegrias de familiar logo fazem desaparecer e cujo fascínio fazem cessar.” (p. 132).

A convergência de Bauman e Chul Han se apresenta conjuntamente na questão do humano turista do filósofo polonês com o sujeito de positividade do filósofo coreano se interligam. O turista é um humano que procura a positividade em todos os

momentos da viagem. Essa pessoa quer experimentar tudo, fruir e descobrir coisas novas.

Todavia, esse momento é efêmero, as celebrações e alegrias se dissipam rapidamente. E nos primeiros sinais das sensações positivas vivenciadas durante as viagens o satisfaz. E na volta para casa que ocorre o estranhamento ao turista deixando-o com resquício de negatividade e sai à procura de novas sensações. Esse estranhamento se dá de duas formas: a primeira é do turista que é servido e quem o serve lhe obedece e o diverte, tudo focado para o bem-estar do turista. O segundo estranhamento é quem o diverte por vezes é rejeitado pelo turista quando está em casa. A finalidade do turista é curtir o máximo de tempo de maneira positiva e intensa.

Bauman apontou duas diferenças entre o vagabundo e o turista. O vagabundo vive uma realidade extremamente dura, ele não tem nem sua subsistência ele somente tem a sobrevivência. O turista por outro lado tem recursos para pagar todos os desejos e se sentir satisfeito. Os direitos como turistas estão garantidos. Todos os direitos dos turistas são assegurados.

E o segundo ponto de diferença entre o vagabundo e o turista; o vagabundo não é hóspede nos lugares, o estado é de extrema pobreza e o turista tem a segurança da residência fixa e recursos financeiros para usufruir de todas as aventuras, gastar as energias, mostrar-se nas redes gastar e ter sensações positivas, prazerosas. Em *Vida em fragmentos* (2011) Bauman afirma: “[...] o turismo se torna um modo de vida, quando as experiências vivenciadas excitam o apetite de excitação adicional”. (p. 134).

O turismo como uma contingência importante para tentar compreender a sociedade numa versão otimista da vida, de bem-estar. Por outro lado, Chul Han dialoga na possibilidade de haver uma relação entre a excitação que a viagem proporciona ao turista em acordo com a representação de positividade, por outro lado, Bauman chama isso de adrenalina. É a convergência da adrenalina de Bauman, com o excesso de positividade do filósofo coreano.

O turista se movimenta no desejo de encontrar “o *Nirvana*”, a contemplação total, o lugar ideal; diferente do humano vagabundo na qual a sua vontade é viver de forma digna e não se sentir um estranho no seu território e ser excluído, invisível na sociedade. Falou-se sobre os corpos, o sexo, a beleza, entretanto o fio condutor que mostra esse humano moderno tardio é o consumo.

O consumo se apropria do humano, as coisas, os desejos, é o dinheiro se

apossando do corpo e da mente, é a *mens possidere*,¹⁵ *corporis possidere*.¹⁶ Em *Hiperculturalidade* (2019) o filósofo coreano escreve:

O “espírito comercial” apodera-se, “cedo ou tarde”, “de todos os povos”. Assim, a “natureza” garante a paz perpétua “pelo mecanismo das inclinações humanas”. Segundo essa lógica, o “espírito comercial”, que impulsiona a globalização, se mostraria possivelmente mais forte do que os deuses que estavam sempre em guerra uns com os outros em um “choque de culturas”. (CHUL HAN, 2019, p. 113-114).

A ideia de espírito comercial faz com que a luta do comércio lucrativo através da concorrência e da riqueza está vencendo a mais longa batalha diante das ideias de solidariedade, de democracia, das liberdades individuais e coletivas. Todos os espaços de diálogos estão se sendo tomados pelo comércio, serviços grandes empresas de comunicação, de tecnologias da informação e claro pelos bancos que financeirizam as vidas e transformam as vidas em valores monetizados, isso é, a financeirização da vida.

Hoje, o grande turista, o grande navegador não é turista físico, que viaja com os diversos transportes aéreo, marítimo e rodoviários. O grande turista conforme Chul Han é o “user”, o ser que “utiliza” na tradução. Ela surta, viaja entre os bilhões de links para navegar e mostrar o mundo, sem sair do lar, do ambiente de trabalho e principalmente de lazer e entretenimento.

Esse humano que “utiliza” está em muitos lugares no meu sítio, pode estar no supermercado, em outro país, num determinado ponto turístico, em sala de aula, ou seja são infinitas possibilidades. O filósofo coreano descreve esse usuário-turista, e apresenta onde está o “user”, o que consome, por onde navega. Em *Hiperculturalidade* (2019) Chul Han escreve:

O user está a caminho no World wide Market, ou seja, no hipermercado, no hiperespaço de informação. O mar, com seus infinitos navios porta-containers não é o mar de Homero ou de Hegel. O user não tem atitude de um viajante marítimo aventureiro, mas de um consumista, de um turista. (CHUL HAN, 2019, p. 129).

A visão de Chul Han (2019) é muito próxima do mundo concreto, assim como o homem que consome, o user. O filósofo coreano retira do mar tanto quanto no

¹⁵ Possuir a mente.

¹⁶ Possuir o corpo.

aspecto físico, natural, do mesmo modo do oceano informacional a visão idealista, da visão naturalista das belezas, para mostrar que o mar, os oceanos são lugares de transporte, de consumo em seu estado pleno, com imensos navios que transportam mercadorias, alimentos e por outro lado produtos intangíveis. É um mar de consumo físico, informacional e comunicacional. A analogia de Chul Han, é dizer que o mar é um grande hipermercado de bens tangíveis e intangíveis.

Assim como o mar em alguns momentos possui poucas ondas, pouco revolta, o mar de consumo nessa mesma metáfora, há instantes que podem surgir grandes ondas, furacões, tsunamis, a violência está sempre a espreita e atenta aos fatos, ela pode começar numa pequena marola e se transforma num tsunami, ou ocasiona grandes tribulações tal como um furacão. O mar físico e o de consumo podem ter prazer e dor, complacência e angústia, serenar e consumir.

O “user” tem que ter uma capacidade colossal de conjecturar, de pensar a realidade diante do mundo de consumidores, dos fatos do mundo concreto. E de como ter uma vida altruísta mitigando a violência nas mais diferentes formas.

2 O PAPEL DA VIOLÊNCIA

A violência é imanente ao humano, segundo Freud em alguns fatos é necessária para preservação da vida de forma instintiva. Além disso, contém diversas nuances, ambiguidades, que são complexas, e de difícil compreensão. A violência é expressão contrária à liberdade, à vida do outro e de forma similar contra si, sua integridade física e mental. O humano concedeu a sua liberdade para entregar a sua própria vida ao mundo do consumo. Segundo Hobbes a guerra do todos contra todos inspira a filosofia a pensar sobre a violência e Arendt retoma a discussão com a extrema violência das duas guerras e do totalitarismo. Comumente, a violência é perquirida como fenômeno social, ou da psicologia social saindo do ambiente dos estudos filosóficos. No *Dicionário do Pensamento Contemporâneo* (2000) conceitua:

O que é violência? Segundo o Dicionário do pensamento contemporâneo, a palavra provém de uma raiz indo-europeia (*biazomai*; vivais vida força). A violência, talvez pelo contexto de uso, impregnou-se de negatividade. Mas a violência, na origem, é fator gerador e estruturante das sociedades humanas. Quer se trate de violência física, verbal, ideológica, sutil ou descarada, ela é onipresente em todas as relações interindividuais. Ganha caráter quase ontológico, como constitutivamente pertencente ao humano, quando é estudada a partir da antropologia. Por definição, a violência é interminável, pois ela gera si mesma. A vingança não tem limites. (DICIONÁRIO DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO, 2000, p. 771).

A partir desse conceito de violência que se mostra ambivalente que teve o seu início de modo positivo passando a posteriori ao negativo no qual até este momento presente vê o valor negativo. Nos primórdios da história da humanidade a violência era vista como algo positivo que simbolizava força, vida e ajudava o humano na luta da sua sobrevivência, ao passar dos anos, as religiões transformaram ela em um ente maligno. No entanto, versar-se-á sobre a violência na contemporaneidade inspirados em Chul Han por meio do livro *Topologia da violência*, e no texto *Vida em fragmentos* de Bauman no capítulo que fala sobre a violência pós-moderna.

Percebe-se além disso a violência como um conceito irresoluto, difícil de captar, é um agir de maneira intempestiva na facticidade e tentar interpretá-lo de forma instantânea é praticamente impossível, a filosofia vem posteriormente para desvelar o fato violento. A violência possibilita caminhos e escolhas que provocam hesitações diante de um tempo presente e mundo complexo com substanciais problemas éticos, comportamentais, sociais, contudo toda a violência necessita de uma justificação.

Há a possibilidade de afirmar que na atualidade a violência é a ausência do diálogo e sobretudo a falta de um filosofar. A violência não necessita de conhecimento, dados, estatísticas ou informações pertinentes, contudo a desumanidade vem acompanhada de pessoas encolerizadas e de instrumentos brutos para exercício de atos violentos. Em *Da violência* (2013) conforme Arendt escreve: “a violência é por natureza instrumental; com todos os meios, ele sempre depende da orientação e da justificação”. (p. 68). Essa é a ideia conceitual da filósofa alemã, expressa que o ato violento precisa de um estopim, uma motivação. A origem do ímpeto violento se mostra de forma inexplicável, transforma os objetos e o outro em entes submissos diante do ser que faz uso do poder da força para dominar, é a essência do poder negativo.

Em consonância com Arendt, Bauman escreve sobre a volatilidade conceitual da violência. Em *Vida em fragmentos* (2011) o sociólogo diz: “Deve haver algo sobre a violência que faz com que ela escape de toda e qualquer rede conceitual, por mais habilmente composta que seja”. (p. 191).

A modernidade impôs de certa forma a retirada das proposições conceituais sobre a ontologia da violência. Ela pretendia exibir a natureza e a razão, sem mácula, pura. Por outro lado, a faceta da violência era o horror, mortes e agressões, que não estava de acordo com a racionalidade, a candura da natureza, do “bom selvagem”.

O mundo moderno é a ordem e a disposição de argumentar em matérias que pode se apresentar originalmente irracionais, irascíveis, sem embargo a modernidade não pode perder o controle, o ordenamento e pôr a risco, a vida no mundo com o caos, guerras. Na mesma linha, a modernidade força os humanos a terem energia para planejar e agir contra qualquer fenômeno que destrua o ambiente harmônico e ordeiro. Em *Vida em fragmentos* (2011) Bauman escreve: “Ela possui outrossim, a autenticidade de estruturar um mundo civilizado que transforma o agressivo em pulcro, o cruel em afável e o bárbaro em humano garboso”. (p. 193).

Contudo, esse processo gera alto nível da violência, não somente no aspecto físico, mas em outras dimensões da vida humana. Essa força violenta não serviu para transformar o mundo moderno num lugar limpo, liso, não-violento e higienizado.

O ponto a se ressaltar é que a modernidade não teve o poder para retirar toda e qualquer violência, porque ela não saiu de cena da vida humana e do mundo, ela ficou à espera de uma oportunidade para penetrar na psique humana e se readaptou as novas realidades existentes, a violência é fluida, maleável.

A barbárie na modernidade é a guerra de grupos contra grupos, de nações contra nações, a escravidão de povos selvagens “negros” e “indígenas” que aconteceram em diversas partes do mundo, sem regras, sem controle, sem civilidade e sem ordenamento jurídico.

A modernidade tentou abafar, apagar qualquer registro das barbáries, no entanto, o medo do ressurgimento de acontecimentos explícitos de violência assombrava os ambientes civilizatórios. A violência se tornou um conceito banido para ser estudado com profundidade no mundo moderno. Uma alcunha que expressa a modernidade e permanece até hoje é os civilizados e os não civilizados. Esses não civilizados eram símbolos da destruição das famílias, da moral, dos bons costumes, das culturas e das religiões. O terror e o medo são as palavras que motivaram os bárbaros a perseguir aos civilizados, ademais essas pessoas eram consideradas imprestáveis, indolentes, conforme a visão dos civilizados. Além disso, os bárbaros provocavam mortes e extermínios. O desejo dos civilizados, era de dominá-los e excluí-los do convívio do mundo. Como exemplos registrados na história brasileira foram as tentativas de massacres aos povos originários e encobrir a escravidão.

Em concertação com Bauman, Chul Han entende similarmente que a missão da modernidade era de tornar a violência visível em invisível. Há coisas que não desaparecem; dentre elas está a violência (2017, p. 7). A modernidade procurou diversas maneiras de evitar e de acabar com a violência física exposta em público que era legitimada pelas instituições, os casos de violência; as informações sobre os casos eram escondidas e sonegadas. Ela provocou uma diástase na violência sangrenta. Em *Topologia da violência* (2017) o filósofo coreano escreve:

Ela não é uma parcela de comunicação política e social, mas retira-se para espaços subcomunicativos, subcutâneos, capilares, intrapsíquicos. Desloca do visível para o invisível, do direto para o discreto, do físico para o psíquico, do marcial para o medial e do frontal para o viral. (CHUL HAN, 2017, p. 21).

A violência era um assunto popular que virou tabu fomentado pelo medo e teve repercussão em todas as classes sociais. A retirada do tema causou impactos nas relações humanas, na comunicação que de certa forma gerou o sentimento de estranhamento diante do outro. A discussão sobre a violência foi sendo sucumbida pela busca do humano racional, ético, democrático e transformador da natureza em bens consumíveis, ela saiu dos debates públicos para entrar nos sussurros das negociatas.

Por outra perspectiva, a modernidade foi suavizando os humanos com discursos de não agressão, do trabalho dignificante que penetravam nas psiques da sociedade como um todo. E inspirados por Kant o pensamento moderno é ontologizado em *Topologia da Violência* (2017) Chul Han escreve:

[...] a consciência moral assume a posição de superego. Seu sujeito moral está também submetido a uma “violência”. Toda pessoa humana tem uma consciência moral e é observada por um juiz interno, por ele é ameaçada e impelida a manter o respeito; e essa violência que nele desperta através das leis não é algo que ele cria para si (arbitrariamente) mas é incorporado em seu ser. (CHUL HAN, 2017, p. 58-59).

A crítica de Chul Han (2017) ao sujeito que se submete a obediência, está em consonância com Freud com que o filósofo coreano dialoga. O humano adapta-se ao mundo exterior que o modifica, o superego anseia dominar o ego. Percebe-se então a internalização da violência, com a coerção que se transforma em autocoerção e isso o macera. Salvo melhor juízo parece fácil cumprir a autonomia, contudo isso é um modo de penalizar a pessoa a reprimir intensamente sua vontade em face da civilidade.

O filósofo coreano assevera com intervenções refinadas e discretas, que a violência penetra nos ductos neuronais e nas fibras musculares do indivíduo submetendo à coerção (2017). Bauman aduziu que o humano é ambíguo ao dizer que pessoas boas podem vir a ser monstros. Em *Vida em fragmentos* (2011) o sociólogo polonês escreve: “E quanto a mim? Se tantas pessoas podem cometer atos desumanos, não é difícil se tornar vítima [...] Só que também não é difícil que acabe mostrando que sou um “deles” [...] Capaz de fazer aquelas coisas com outras pessoas”. (p. 211).

O aprisionamento sem justiça pode gerar monstros em cada um de nós, e se caso não haver a possibilidade de fuga dessa prisão pode vir a motivar agressões a outrem. E geralmente essas agressões atingem aos mais vulneráveis, como escreve em *Educação e emancipação* (2012) Adorno escreve:

É possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída. Isto aumenta a raiva contra a civilização. Esta torna-se alvo de uma rebelião irracional. Um esquema sempre confirmado na história das perseguições é o de que a violência

contra os fracos se dirige principalmente contra os que são considerados socialmente fracos. (ADORNO, 2012, p. 122).

Adorno mostra que a violência é sinal de negatividade com sua origem no íntimo do humano, mas é demonstrada na realidade concreta, nasce em si e se transfere em múltiplas situações para aniquilar o outro, a natureza, ou seja, tudo pode ser destruído menos a si mesmo e seu entorno. A violência interna, a raiva, o medo quando está encurralada pode cercear relações, é uma espécie de ruptura de pontes relacionais.

Se se a violência penetra nessas relações não há o mínimo de acordos, ou de conciliações, a proposta dela sem pestanejar é destruir o outro, aniquilá-lo. O perigo está em deixar sem saída, sem espaço em todas as dimensões, destarte o ódio, a agressão germina uma semente que ao passar o tempo pode vir com ações, comportamentos irracionais e violentos.

E é clarividente que os mais indefesos são os primeiros a sofrer agruras e a violência, crianças, mulheres, pessoas com deficiências, LGBTIA+, indígenas, negras. É a raiva contra a civilização, contra a democracia, no sentido do desrespeito as minorias. Bauman enumera quatro características do humano moderno que na sua construção social de acordo com o pensador polonês chama-se de humano produtor.

A primeira característica da modernidade era que o humano era um ser em movimento que transformou esse movimento em trabalho físico, braçal, ou seja, esforço e suor mais produção em larga escala.

A segunda era do humano disciplinado, um comportamento que era regido pela obediência, pelo processo de hierarquização, no qual o discurso de autoridade tem força, o superior mandava e os demais obedeciam; os que obedeciam trabalhavam exaustivamente.

A terceira era que o trabalho nas fábricas, o trabalhador iniciava o produto, no entanto esse não acompanhava todo o processo de produção até a sua finalização para o mercado consumidor. E a quarta característica era o valor da saúde física para padronizar produções avultadas. E na questão mental um bom trabalhador era ser obediente, regado e principalmente um cumpridor de ordens para manutenção do seu emprego.

A transição do humano moderno para o pós-moderno na indagação sobre a

violência, no qual a própria se modifica, se flexibiliza e é ajustável tal qual ao humano. O humano e a conexão com a violência se exprime em toda a historicidade, todavia na pós-modernidade o humano violento tem características próprias. Nesse sentido, tanto Chul Han como Bauman descrevem esse sujeito. Em *Topologia da violência* (2017) o filósofo coreano escreve:

A sociedade de hoje se desonera cada vez mais da negatividade do outro e do que é alheio. É justamente o processo de globalização que acelera a suspensão de barreira e de diferenciação. Mas a desconstrução da negatividade não pode ser equiparada ao desaparecimento da violência, pois ao lado da violência da negatividade há a violência da positividade, que é exercida sem qualquer inimizade ou predomínio. (CHUL HAN, 2017, p. 9).

A sociedade de hoje esquece o outro; invisibiliza minorias, e cria um ambiente de esquecimento, de morte para um grande número de pessoas. A globalização foi para o campo econômico e esqueceu os povos que geralmente não se encaixam a esse sistema mundializado. Contudo, a globalização abriu flancos para os endinheirados se monetizarem, desregulamentando direitos sociais legitimados e validados. Retirando uma parte significativa desses direitos dos mais necessitados.

Em contrapartida, nesse mundo globalizado os conflitos entre Estados nações se arrefeceram comumente no oriente médio com os Estados Unidos para a manutenção de sua potência geopolítica. Os conflitos internos de guerrilhas similarmente abrandaram-se dando a sensação que a violência está em derrocada, no entanto há uma mudança paradigmática proposta por Chul Han, a continuidade da violência da negatividade em coexistência com a violência da positividade.

A violência da positividade é uma concepção peculiar de Chul Han. Esse conceito segundo o filósofo coreano é uma tentativa de mostrar a existência de uma violência interna anteriormente discorrido por Freud e no qual a origem dessa violência era inconsciente, porém essa violência era contra o outro e não contra si. A violência positiva é uma autovalorização que impõe a si mesmo metas ilimitadas, objetivos com metas inatingíveis. Em *Topologia da violência* (2017) Chul Han escreve sobre a violência positiva. “A violência torna-se autorreferente no sentido de que a pessoa é quem explora a si mesma, ela se torna agressora e vítima ao mesmo tempo”. (p. 170).

O modo de ação da violência se revela ao mundo e uma parte da humanidade de maneira simplória como agressão física, verbal a outrem, contudo a violência é um processo extremamente complexo, fluído e de uma misantropia de entendimento.

A contribuição de Chul Han é denotar a existência da violência positiva na sociedade de hoje. Em *Topologia da violência* (2017) reafirma a violência positiva. Chul Han escreve:

O sujeito ideal de desempenho seria um *homem sem caráter, um homem livre de caráter*, disponível para tudo, enquanto que o sujeito disciplinar teria de demonstrar um firme caráter. O sujeito de desempenho pós-moderno desonera-se cada vez mais da negatividade; não está mais na frente do inimigo, nem do soberano. Já não há instância alguma que o obrigue a gerar sempre mais desempenho. Ao contrário, é ele mesmo que se obriga a isso e que empreende guerra contra si. O sujeito da sociedade de desempenho, ao contrário, é marcado por uma autorrelacionalidade narcisista. Em virtude da falta de gratificação por parte do outro, ele se vê obrigado a produzir sempre mais e cada vez com melhor desempenho. (CHUL HAN, 2017, p. 99 e 101).

A filosofia contemporânea abre as portas para o mundo concreto, à realidade humana no momento presente. Ao afirmar que além da violência negativa existe uma violência positiva e de como a humanidade é afetada por essa positividade é uma das proposições do filósofo coreano. O sujeito de desempenho é o ponto de partida para se ter uma violência positiva. Esse sujeito é um sujeito sem caráter, amoral. O caráter, a estabilidade emocional, racional e a capacidade em manter a constância, a temperança em agir e reagir nas situações complexas e limítrofes que o mundo concreto impõe e expõe, ao contrário Chul Han assevera que o humano hoje é um sujeito instável, inseguro, impulsivo nas deliberações, guia as suas opiniões em redes de engajamento, é intemperante.

Esse sujeito é um ser que se autopromove, em disponibilidade, ou seja, coloca-se a venda a sua psique, sua alma e o corpo sendo um sujeito que trabalha ininterruptamente sem se preocupar com sua capacidade físico-mental. Percebe-se que o sujeito de desempenho é um sujeito consumidor e passivo de disponibilidade. O temor desse sujeito não é se tornar um bem consumível, mas sim tornar-se irrelevante, perdido, invisível aos olhos do mundo, com isso ele se auto violenta. Essa violência exige do sujeito estar presente no mundo concreto e simultaneamente no mundo virtual, bem como a presença síncrona ocasiona uma busca incessante de aprovação corporal e mental que acarreta ansiedade e baixa autoestima.

Em outro momento, nas diferentes relações esse sujeito de desempenho não tem inimigos externos, o sentimento de negatividade do mundo não provém de fatores externos, nem do outro, mas origina-se em si próprio. A insatisfação consigo e a vontade de ser aceito pelo mundo faz com que a negatividade se origina de si

mesmo, ela é a fonte das próprias idiossincrasias. Em *Vida em fragmentos* (2011) Bauman assevera:

[...] os indivíduos são constituídos sobretudo de *consumidores/jogadores*, ou seja, os papéis de consumidor e jogador, que todos ou a maioria deve exercer e para os quais é preparada, fornecem entre si os principais padrões e critérios de avaliação para a formação dos indivíduos. A individualidade emergente, portanto, é marcada pelas seguintes características:

1. Os indivíduos são antes de tudo “organizadores experimentadores” buscando novas experiências e, imunes ao efeito de saturação;
2. Os atores são atores “originadores”, ou seja, caracterizados sobretudo pela mobilidade e flexibilidade de comportamento espontânea e facilmente acionadas, e vínculo em grau mínimo a aprendizagem prévia e a hábitos adquiridos.
3. Apesar de nunca totalmente balanceados, os indivíduos tendem a se equilibrar como unidades quase autossuficientes e autopropelidas.
4. O modelo principal da correção é a *boa forma*, em detrimento da saúde. Boa forma significa a capacidade física e espiritual do indivíduo de absorver e responder criativamente a um crescente volume de novas experiências, a capacidade de resistir a um ritmo acelerado de manter o rumo por e meio de automonitoramento e correção das deficiências de desempenho. (BAUMAN, 2011, p. 209).

Bauman ao analisar o humano pós-moderno no qual o ponto de partida está em sintonia com Chul Han que é a mudança paradigmática do humano produtor para o humano consumidor e disponível em todas as dimensões. Junto a esse sujeito consumidor, o sociólogo polonês acrescenta algumas características a esse humano consumidor.

A primeira característica é o sujeito em agitação, em movimento permanente, é a vivência em adrenalina todo o tempo com experiências improváveis, é o experimentar culinárias e viajar o mundo.

Segunda característica é como se apresenta o processo cognitivo a vontade do humano é conhecer e aprender de forma rápida, sem senso crítico, o imediatismo é como se fosse aprender o mundo por osmose, ou seja, como diz Bauman absorver e responder aos estímulos dados pelo mundo da vida. É um humano em liquidez, em fluidez permanente sem se preocupar com sua capacidade emocional e cognitiva em absorver em conjunto estímulo e informações em número elevado.

A terceira característica é que a moralidade, a ética e a educação formal hoje são fluídas, complexas, inconstantes, desconcertadas fragmentadas e plural em contraposição do absoluto, do fixo, da disciplina e da ordem. As fontes originárias são conjuntas de fatos locais, globais que produzem uma capacidade de informações no qual um sujeito consumidor não consegue assimilar essa carga alta de fatos e

deliberações que são necessárias de forma recorrente e indelével. A expansão excessiva da comunicação fez com que a ética não acompanhasse esse ritmo, porque o tempo da eticidade nas ações de hoje são diminutas, e são morosas.

Por outro lado, a ciência instrumental cresce exponencialmente no mundo, no qual a inovação e a obsolescência são as diretrizes do mundo do trabalho. E a filosofia em geral, se apresenta com uma visão de mundo vazia, de não ter respostas diligentes ao refletir e de interpretar os fenômenos que se sucedem ininterruptamente na tentativa de entender o mundo da vida.

A quarta característica posta por Bauman e que se compatibiliza com Chul Han é o sujeito de desempenho, um ser humano acelerado, em constante mutação, egoísta, narcisista e principalmente como na obra *Vida em fragmentos* (2011) diz Bauman: “o automonitoramento, o autocontrole que busca tirar os defeitos para obter alto rendimento, um grau de desempenho elevado”. O que se quer do ser humano pós-moderno é um sujeito autodisciplinado, que exige de si o máximo em todas dimensões da vida, inclusive o lazer que se transforma em trabalho, o espaço do lar perde a sua privacidade sem a diferenciação entre o ócio e o labor. A casa se tornou uma extensão do mundo do trabalho.

Esse humano pós-moderno e seu modo de vida apresentado por Bauman é o sujeito de desempenho e que sofre hoje de violência positiva, sem percebê-la. Pode se dizer que o sociólogo polonês se agrega a proposta de Chul Han, há uma verissimilitude. A similaridade das características trazidas por Bauman, com as representações do filósofo coreano, de experimentar tudo, de ter uma ética flexível, uma educação formal fluída, ambígua e um sujeito que almeja se autorregulamentar, de se *performar* aplica ao humano consumidor que abandona o humano produtor. Na obra *Vidas em fragmento* (2011) o sociólogo escreve:

Graças aos novos e elaborados adiaforéticos², a violência pode retornar aos locais de onde o processo civilizador prometeu expulsá-la para sempre: a vizinhança, a família, o companheirismo de casal – os locais tradicionais da proximidade moral e dos encontros face a face.

Casamentos, famílias, pais e mães, vizinhanças, locais de trabalho têm perdido muito de seu papel de postos da fábrica de ordem societariamente gerida. (BAUMAN, 2011, p. 211-212).

A violência doméstica por muitos anos foi escondida dos ambientes pelo sentimento de vergonha e culpa. As mulheres foram as maiores vítimas dessas reticências, pois o processo civilizador em vez de dar voz as mulheres, aos excluídos

pelo contrário esse processo extremou e segregou um contingente elevado de pessoas. A promessa de um mundo racional, lógico, ético passou o recado que a violência estava em processo de extinção, no entanto ela ficou no ambiente privado, ou seja, crimes contra mulher, crianças continuaram perdendo a sua infância, pois o Estado não garantiu a devida segurança e conforto que esse grupo merecia.

Escreveu Bauman (2011) que essa violência estava sendo escondida nas moradias, nas pequenas comunidades era invisível e agora está transparente, porque há grande presença das tecnologias no mundo da vida, por exemplo: câmeras de alta resolução, redes sociais. Em *Vida em fragmentos* (2011) diz ele: locais tradicionais da proximidade moral e dos encontros face a face (p. 212), estão em dificuldade em separar paternidade firme e abuso infantil, flerte e assédio, problemas de relacionamento conjugal com violência doméstica, crimes contra honra e feminicídio. A lei e a ordem no decorrer do tempo foi se definindo na modernidade e a força coercitiva do Estado autoritário foi sendo contestada pelas lutas de grupos favoráveis aos direitos humanos que consideravam essa violência gratuita, vil, cruel sem a possibilidade de defesa dos agredidos diante dos seus agressores. É uma violência negativa originária de uma violência política. Em *Vida em fragmentos* (2011) o sociólogo polonês afirma:

Os estoques caracteristicamente pós-modernos de violência estão “privatizados” – dispersos, difusos e sem centro. Eles também são capilares, penetrando as células do tecido social. Sua presença ubíqua tem efeito duplo, ambivalente, da emocionante experiência de emancipação suprema, por um lado, e incessante medo de um mundo totalmente desregulamentado e incontrolável, hobbesiano, por outro. Esse temor, por sua vez, é o poço de onde a energia de outro desenrolar pós-moderno, o do neotribalismo, é prospectada. (BAUMAN, 2011, p. 213).

O sistema capitalista é uma fonte geradora de violência positiva e negativa. O capitalismo estimula a competência, a concorrência e a retórica do crescimento econômico, social transcorre com a liberdade individual que carrega consigo o egoísmo. Essa estrutura capitalista causa as mazelas da injustiça que ainda hoje permanecem e se calcificam. Chul Han (2017) reconhece o poder da violência estrutural, uma violência do sistema capitalista que aparece de forma imperceptível, na qual tem impactos em toda a humanidade. Em *Topologia da violência* (2017) o filósofo coreano escreve: “Em virtude de sua invisibilidade, as vítimas da violência não têm consciência direta do contexto de domínio. E isso é que caracteriza sua eficiência”. (p. 166).

A invisibilidade dos excluídos reafirma a violência negativa do sistema sem a percepção real do cotidiano, o capitalismo é virtuoso, perspicaz ao culpabilizar os indivíduos e não o próprio sistema pelos problemas existentes. Sem ser capaz de ver as violências diárias sofridas por pessoas que são invisibilizadas e marginalizadas e que acredita piamente que o mercado se autorregula, não olha o poder da dissimulação sem se sentir dominado, parece que o capital não é o centro das discussões, no entanto os excluídos sofrem das violências negativa e positiva.

Os invisíveis doam o seu próprio corpo para serem agredidos pelo Estado que devia protegê-los, em compensação capitalismo que retira todas as suas necessidades e seus desejos. Ademais, muitas pessoas, hoje são levadas a serem auto-exploradas e de exercerem sobre si a autocoerção. De modo fantasioso se iludem em pensar que possuem o controle de si, do mundo e do próprio trabalho. A modernidade tentou transacionar a representação de um discurso emancipatório sem qualquer regulamentação; a emancipação deu lugar a destruição de si. Nesse sentido tanto Chul Han quanto Bauman estão em consonância sobre a força da violência na sociedade de hoje. Em *Vida em fragmentos* (2011) o sociólogo polonês explica:

Com o Estado a ceder a função integradora para as forças intrinsecamente desregulamentadas e privatizadas do mercado, o campo é deixado para o não tão imaginado – como as comunidades postuladas, que deve assumir a tarefa órfã de fornecer as garantias coletivas de identidades privatizadas. O pensamento pós-moderno está inundado de sonhos de verdades e certezas comunais e locais esperando para fazer o trabalhador civilizador que as grandes verdades e certezas dos Estados-nação, posando como porta-vozes da universalidade, falharam em executar, ao fracassar em fornecer a unidade do pensamento, sentimento, vontade e ação que tornasse impensável qualquer tipo de violência, exceto a gratuita. (BAUMAN, 2011, p. 213).

Uma grande problemática trazida por Bauman no início do século XXI mostra que a sociedade de hoje é uma espécie de holocausto tardio e do retorno da extrema direita no mundo, lembra ele que em 1994 engenheiros genéticos retirariam os retardados e os colocaria em uma categoria inferior e seriam considerados inúteis. Com isso, a sociedade vivencia pessoas comuns ditas *normais*, assim sendo esse grupo sai numa condição de perseguidor de pessoas com deficiência, das que não possuem a sua linha ideológica política, social e econômica, dos negros e da comunidade LGBTQIA+. É uma perseguição externa e interna, a primeira é a forma mais corriqueira a sociedade as persegue e na interna é buscar de todas as maneiras ser igual a todos. Bauman visualiza a banalização da violência em todas as suas

formas. Em *Vida em fragmentos* (2011) o sociólogo polonês assevera:

À medida que nos movemos com velocidade crescente em direção à “sociedade de um terço”, cada vez mais pessoas se tornam “problemas”; e uma vez que os meios para removê-las e se livrar dos problemas estão disponíveis, não parece haver razão alguma para que se presença – constrangedora, ofensiva, opressiva – deva ser tolerada e suportada. De acordo com Dörner, há amplos sintomas prodrômicos³ desse “novo estilo de Holocausto”- de variedade fragmentada, sub-reptícia³. (BAUMAN, 2011, p. 217).

A política de extermínio ressurgiu por meio de grupos de supremacia branca, os integralistas no Brasil, grupos contra minorias. E o objetivo é aniquilar o “outro”, arranjar meios de retirá-los da sociedade e ademais a exclusão social, econômico, a fome e os crimes contra a pessoa são sinais dessa política. O ponto que cabe analisar é a ideia do humano de modo individualizado de sua autodestruição, de incentivar o desempenho de sua vida além da própria expectativa idealizada, e de estabelecer uma alta performance em todas as dimensões de sua vida. Dessa forma a violência positiva ocasiona a angústia e ao desespero de se tornar invisível diante do mundo.

Bauman pensava que a extrema direita não tinha mais justificativa para seu reaparecimento, contudo com a decepção com Estado do bem-estar social, da democracia liberal fez com a extrema direita ressuscitasse com força desmerecendo a política e principalmente os axiomas democráticos. O problema atual está em tolerar e suportar esse comportamento autodestrutivo e extremamente violento.

No momento presente, a criminalização da política exposto por Chul Han cria uma espécie de uma linguagem odiosa. A violência que estava somente no discurso se transformou em um projeto para fomentar atos horrendos. Importante destacar que a mudez e o silêncio na política exaltam a violência. E essa visão vai em direção de Bauman sobre uma possibilidade de retorno do nazi fascismo. Em *Topologia da violência* (2017) o filósofo coreano descreve:

Na violência, ao contrário, habita a mudez absoluta, a perda da fala. Benjamin não compreende a essência de acordo na medida em que vê nele uma mentalidade de violência. Quem realmente possui a mentalidade da violência não se permite fazer acordos.

Já a democracia tem um núcleo essencial comunicativo; ao falarem, as minorias também podem influenciar um processo de decisão. A ditadura proíbe o falar, ela dita. (CHUL HAN, 2017, p. 109).

A democracia sob a perspectiva do filósofo coreano não pode ser emudecida, não pode perder o lugar, os meios e a importância de falar. O entendimento sobre mundo da vida é que sem diálogo, não há acordos para uma melhor vivência. Os

acordos, as conversações são as forças das minorias e isso fortalece a democracia, e afasta o risco de governos autoritários, nazifascista que são gerados por monólogos, pelo poderio da força coercitiva do Estado.

E a consequência silencia das minorias, e algumas vozes sendo silenciadas definitivamente dando espaço a uma política de morte, de emudecimento do outro. A mudez da sociedade não gera decisões coletivas. Os governos que ditam, silenciam as minorias, o nazifascismo pós-moderno continua a usar esse mecanismo para suplantar os opositores, os divergentes de suas ideias.

A violência em nome de Deus é letal e sangrenta e que dizima os que estão abaixo das decisões do ditador. O sangue é o meio simbólico de autoritarismo sobre o outro. E o projeto nazifascista pós-moderno se esconde num apego intransigente às tradições, um nacionalismo irracional e numa violência divina, como lembra Chul Han.

Na obra *Topologia da violência* (2017) Chul Han pensa que em última instância, “a violência divina nada mais é do que uma instância imaginária que pode ser tomada por todo e qualquer domínio, como razão, para legitimar seu exercício”. (p. 117).

Essa força divina toma os corpos e as psiques para exercer o seu poderio, a sua violência. A política fica vazia de sentido, o valor de aparecer tem força maior que a comunicação. E isso abriu as portas ao holocausto tardio e que está oculto. Em *Vida em fragmentos* (2011) Bauman assenta:

A liberdade agora e como sempre, tende a ser definida em termos de direitos dos grandes e poderosos. Como sempre, ele inclui o direito de decidir monologicamente o que é “pelo bem” dos interesses do outro e aqueles cujos interesses podem ser sacrificados em prol de bem comum e de razão imparcial. De forma alguma isso implica que as questões são simples e que soluções éticas podem ser proclamadas em voz alta e clara. A condição atual seria muito mais fácil do que é se apenas alguém pudesse dizer como algum grau de convicção que o mal está claramente do lado dos ímpetos de autoafirmação, e que se pode servir ao bem colocando-se um freio no que é percebido como a emancipação individual. A dificuldade de se combater o Holocausto “silencioso”, arrastado, “em fragmentado” repousa na ambivalência inextirpável de quase todas as questões em jogo. (BAUMAN, 2011, p. 217-218).

De modo impreciso, o que impera é a força dos mais abastados economicamente que determina a liberdade, o controle sobre os corpos e almas dos povos menos favorecidos. Em defesa da liberdade de alguns que determina a vida do outro em nenhum momento dialoga com os controlados. Atenta-se sobre a forma que os poderosos deliberam sobre a vida dos invisíveis ao pensar que os rumos dos

excluídos são dirigidos pelas elites, é uma heteronomia junto aos excluídos.

A violência implícita está em se subjugar e ceder o seu poder de deliberação aos poderosos. Em última instância a ética hoje, segundo Bauman é complexa e tem significado somente para um determinado grupo, por isso não é universalizável. Conforme a citação acima há uma imposição e uma falsa ideia de imparcialidade que atinge os mais fracos. Na atualidade frequentemente parte da sociedade clama por argumentos de autoridade para o exercício de ética. E muitas vezes abre mão de sua autonomia para o “bem” da sociedade solicitado pelos proprietários do capital.

Os donos do capital esboçam um silêncio as lutas pelos direitos humanos e direitos sociais. O ponto nevrálgico, posto por Bauman é que o holocausto tardio, uma violência pós-moderna tem ações nos “bastidores”, nas profundezas da sociedade, pois a benevolência diante do nazifascismo possibilita a abertura da violência extremada. Além disso, a imperfeição humana implica em uma existência ambivalente em todas as dimensões do mundo da vida. O nazifascismo parecia estar silenciado, fragmentado, contudo hoje ela está vociferando e espalhando a sua presença no mundo.

Junta-se a isso as palavras de Bauman liberdade para os poderosos, por outro lado, açóites, assassinatos e genocídios aos vulneráveis. A violência está a discorrer no tempo presente, nas favelas, guetos, centros urbanos, rurais e todas as classes sociais sofrem desse mal, contudo os vulnerabilizados, os invisíveis e os migrantes escravizados são os mais acometidos.

É o senhorio do capital que se apodera e se transforma em senhor do consumo fazendo com que a sociedade se torne disponível e a enaltecer a violência implícita em nome do consumo. Em *Topologia da violência* (2017) Diz Chul Han: “É o belo esplendor do domínio aplicado e válido exclusivamente ao capital. A aclamação que se oferece ao domínio do capital se chama agora, consumo”. (p. 135).

De acordo com Bauman o holocausto não pode retornar, pois a missão da humanidade é que outra catástrofe com a possibilidade de destruição não aconteça novamente. Escreve o sociólogo [...] sobreviventes do holocausto é ajudar a salvar o mundo que habitamos (2011, p. 45). E acrescenta que afora a higiene, a filosofia, as obras de arte e música, a civilização moderna trouxe consigo a guerra, a violência negativa e positiva, o apartheid, o racismo, os crimes em grandes proporções, a exploração do trabalho universalizada e por fim de modo velado campos de extermínio. A violência, as guerras, o holocausto são símbolos da condição evolutiva

sociedade pós-moderna.

A violência negativa na pós-modernidade é transmitida em tempo real em qualquer lugar no mundo e com isso cresce um sentimento que desumaniza, ou seja, a retirada de sentimento de empatia, de respeito à dignidade do outro, em suma é tornar-se insensível ao outro. Os fatos relacionados a violência são ações cruéis, vis, que no entanto a reação não responde a altura desse modo nasce uma espécie de passividade, insensibilidade. É acesa a chama da raiva internalizada que corrói a sua moral e o respeito à alteridade. Esse conflito interno conturba a alma no qual leva a uma condição de insanidade moral, que o incentiva a violência para acometer atos de fúria, de agressões, verbalizações. Apesar de ser um humano saudável, sereno em toda a sua vida em um instante pode vir a cometer atrocidades sem uma explicação racional e moral.

Chul Han traz algumas características da violência na sua forma vil e cruenta. O primeiro predicado da violência é de ser uma fissura que impossibilita a conciliação, o diálogo, ou qualquer tipo de intermediação. O segundo predicado da violência é que ela promove a desarticulação (2017). Tudo é ruptura e delituoso, o clima é de beligerância. O terceiro predicado de acordo com o filósofo coreano é que a violência priva a sua vítima de toda e qualquer possibilidade de ação; reduz seu espaço de ação a zero, aniquila-o (2017, p. 139).

Esses predicados transmitem uma dimensão da violência negativa e perversa do Eu com o outro, ou, vice-versa. Em a topologia da violência Chul Han divide a violência em macrofísica da violência que é a relação do Eu com as dimensões sociais da vida e a microfísica da violência que é a relação do Eu com as minhas circunstâncias de violência e de como esse Eu age. E soma-se a isso a apresentação da violência positiva que se dá na sociedade de desempenho, uma autocoerção. Tanto Bauman quanto Chul Han colocam que a violência não tem barreiras, é fluída e ultrapassa limites. Ela é a negação, no discurso é uma espécie um *Des*. Em *Topologia da violência* (2017) Chul Han escreve:

A escalada de violência é resultado do rápido desgaste até do mais enervante dos choques. Proponho que a forma específica de violência pós-moderna advém da privatização, da desregulamentação e da descentralização dos problemas de identidade. Desde do alvorecer da modernidade, a “pacificação” sempre consistiu na internalização da violência antes da violência antes da externa – por meio de conquista e incorporação, de reformulação do que costumava ser uma violência difusa e irregular em pressão constante de coerção regular. (CHUL HAN, 2017, p. 218-219).

O prefixo de *Des* de origem latina expressa oposição, afastamento, negação, falta. Bauman e Chul Han estão em concordância sobre a forma de des-regularizar o mundo da vida, os humanos tomam o capitalismo e o consumo como centro. O filósofo coreano separa a violência negativa em diversas formas dentre elas: a violência divina, do eu contra o outro e vice-versa, do eu contra a sociedade, como violência de negação, por outro lado, estimula a violência de desempenho, a violência positiva.

O projeto de internalização da violência é o modo de individualizar atos e o seu poder de não provém do sistema capitalista e da sociedade, mas de uma ideia falseada de empoderamento individual. Nesse sentido, a modernidade inverteu a pirâmide da violência explícita antiguidade, medievo em praça pública para uma punição visível e com o poder da autoridade da igreja, do absolutismo, dos problemas psíquicos tratados como possuídos pelo mal.

Ela serviu para pacificar, para acalmar a psique com a busca de felicidade total, de um bem-estar social pleno, com o trabalho dignificando a vida. As duas grandes guerras, a queda do muro de Berlim e o terrorismo impactaram a sociedade pós-moderna. Além dos problemas sociais relacionados aos conflitos externos, existe bem como contratempos individuais que deve ser resolvida pelo próprio indivíduo.

Há uma espécie de terceira passagem no qual se subentende um entendimento entre Bauman e Chul Han. O sociólogo polonês afirma que existe uma violência interna que busca conquistar bens consumíveis para incorporar a vida. Chul Han atribui a violência positiva por intermédio da sociedade de desempenho, cuja a direção está em viver num mundo da vida desconstruído, desregulamentado. O passo seguinte da sociedade de desempenho é de compelir ao corpo e a alma pondo a própria vida em jogo exaurindo suas forças para sobreviver, no desejo de ser o melhor. É a luta pela sobrevivência para ter a possibilidade de uma vida digna. A violência desestabiliza a interioridade do ser humano, a diferenciação entre a macrofísica e microfísica é importante para a compreensão dos lugares que surgem a violência. Em *Topologia da violência* (2017) Chul Han escreve:

A violência macrofísica manifesta-se como expressiva, explosiva, explícita, impulsiva e invasiva. A violência microfísica, ao contrário de modo implícito e implosivo. A violência macrofísica, des-interioriza o sujeito penetrado em seu interior aniquilando-o. O exterior destrói o interior. A violência microfísica, ao

contrário, des-interioriza o sujeito, dispersando-o pelo excesso de positividade. (CHUL HAN, 2017, p. 151-152).

A violência que aparece de maneira clara sem intermediação conforme Chul Han é colocada para fora demonstrada, com a vista na exploração e na invasão do espaço do outro. É a violência negativa na sua forma danosa, destruidora. Essa violência provinda do externo que se movimenta para o interno horroriza, fazendo com que o ser humano decaia com a sensação de medo, de insegurança e principalmente ansiedade com a possibilidade da destruição de si. A violência positiva, a violência microfísica a violência sai de si e sai para o ambiente externo com excesso de sua própria destruição.

Outra diferenciação entre a violência macrofísica com a violência microfísica é que a macrofísica é disjuntiva, ou seja uma violência que separa o eu do outro, o eu com a natureza e o adjetivo de violência macrofísica é a exclusão. Ela mostra claramente a forma mais sanguinolenta que é o aniquilamento do outro em todos aspectos, a violência do excluir pode ser do eu com outro, ou através do sistema capitalista que exclui as derrotas tornando o perdedor em excluído e com as derrotas o faz a ser invisível à sociedade.

Em suma é uma violência explícita e excludente. Por outro lado, a violência microfísica é implícita com excesso de atividades na perspectiva de conquistar espaço, influência e poder. O objetivo não é destruir o outro, mas sim desempenhar inúmeras atividades que ao término faz com que se sinta cansado físico e mentalmente. Não obstante há a perda do controle racional e emocional. É um humano multitarefado que tem objetivo consumir mais.

Bauman entende que existe uma violência interna, contudo não é claro o suficiente para afirmar que existe uma vontade do ser humano em consumir a qualquer custo e não identifica o humano multitarefa, difuso e ao mesmo tempo confuso. Hoje, o humano possui uma capacidade menor de reflexão devido as inúmeras atividades, que gera iniquidade e cansaço. Em *Vidas em fragmento* (2011) o sociólogo polonês diz: “a “pacificação” sempre consistiu na internalização de violência antes externa, por meio de conquista e incorporação de reformulação do que costumava ser uma violência difusa e irregular”. (p. 219). E outro momento em *Vidas em fragmento* (2011) Bauman escreve: “[...] a humanidade não é uma essência a ser realizada, e sim uma construção pragmática uma perspectiva a ser desenvolvida pela variedade de projetos individuais”. (p. 219). O sociólogo

polonês propõe que a construção do mundo concreto provém de projetos individuais realizáveis, mesmo que prejudique seu corpo e sua psique. Há uma interligação da busca desenfreada para realização de projetos pessoais de Bauman, com sociedade de desempenho de Chul Han. A violência positiva aparece como um autorreferenciamento no qual a pessoa explora a si mesma; ele é a agressora e a vítima no mesmo tempo (2017). É uma espécie de opressor e oprimido, é a relação do senhor e escravo de si mesmo. Para afirmar a sociedade de desempenho, a violência positiva, Chul Han faz algumas objeções a sociedade disciplinar de Foucault.

Para propor a tese da sociedade do desempenho a violência positiva Chul Han partiu das ideias de Foucault sobre a sociedade disciplinar e o poder de sociedade, do Estado sobre os corpos, ou seja, a violência é algo externo, de um sobre o outro. Chul Han faz uma crítica a Foucault, pois segundo o filósofo coreano carece de um entendimento no que se refere a autoagressão, a violência positivada. Em *Topologia da violência* (2017) Chul Han afirma:

A Foucault falta sensibilidade para compreender a violência. Assim, ele também leva em consideração a tortura apenas como produção da verdade, e não observa a economia inerente à violência e ao prazer. Ele também retira a violência que está na base do suicídio. Nesse sentido, ele concebe o suicídio como um acontecimento natural, “regular e constante” o qual, portanto, não merece atenção específica alguma. Por isso, ele também não se ocupa tanto com esse incremento repentino da violência contra si mesmo na assim chamada sociedade disciplinar. (CHUL HAN, 2017, p. 178-179).

As críticas a Foucault são: uma pouca compreensão sobre a violência contemporânea, a necessidade de uma interpretação sobre os comportamentos, e sobre as ações violentas. A tortura contemporânea anteriormente usada como instrumento estatal para aniquilar o estranho, os seus inimigos, entretanto agora a tortura é uma ferramenta que instiga o prazer ao torturador e essa forma de violência extrema deixa marcas permanentes até o fim da vida.

Para Chul Han (2017) a importância de se compreender a tortura como um fenômeno da sociedade do desempenho. À vista disso, essa violência extrema pode ser feita contra si mesmo, com objetivos de conquistar espaços, tornar-se visível, usar o corpo e a psique no grau de exaustão no desejo de participar do mundo do consumo, é o torturador sádico e torturado dois comportamentos em um só sujeito.

Foucault entendia que o suicídio era um fenômeno sociológico natural, no

entanto o filósofo coreano percebe que a autocoerção, a preponderância do superego pode fomentar a violência contra si mesmo, sem a ação de qualquer agente externo. O filósofo coreano observa o crescimento na sociedade contemporânea dessa violência. Antes de demonstrar a violência contra si mesmo, mas não com o intuito de tirar a própria vida.

Assim como Bauman, Chul Han (2017) escreve sobre o Holocausto, os campos de concentração, aqui o filósofo coreano expõe uma diferença entre a prisão e o campo de concentração. Segundo ele a prisão é parte da sociedade disciplinar e os campos de concentração é um lugar da perda da dignidade total. Tanto na tortura, quanto nos campos de concentração, não haviam vozes imperava o silêncio e os objetos para efetivar essa violência para matar o outro. Foucault pensava que havia a imposição da vida sobre a morte, ao contrário, para Chul Han é a imposição da morte sobre a vida.

Ao apresentar a sociedade do desempenho fruto da sociedade contemporânea, Chul Han (2017) estabelece a diferença entre a sociedade disciplinar e a sociedade do desempenho. A sociedade disciplinar se difunde de forma análoga com as prisões, manicômios, hospitais e fábricas não condizem nada com a sociedade atual do consumo e da rentabilidade sem limites.

No tempo presente, Chul Han descreve um mundo modificado com prédios envidraçados shopping, academias de fitness, centros de espiritualidade oriental, clínicas de beleza estética, trabalhos em casa, redes sociais que imbricam lazer com trabalho, a sociedade de hoje não é disciplina mas sim uma sociedade de desempenho individual, de consumo. E como a violência e o humano se comportam nessa sociedade de desempenho? Chul Han (2017) explica essas atitudes. Em *Topologia da violência* (2017) o filósofo coreano assenta:

Contrariamente ao sujeito de obediência, o sujeito de desempenho é livre, pois não está submetido a ninguém. O que perfaz na contribuição psíquica não é o dever, mas o poder. Ele tem de ser senhor de si; não são ordens com proibições, mas liberdade e iniciativa que determinou uma existência. O imperativo do desempenho converte a liberdade e iniciativa que determinam sua existência. O imperativo do desempenho converte a liberdade de coação; em lugar de exploração estranha entra a autoexploração, sendo que o sujeito de desempenho explora a si mesmo até se ruir. Aqui a violência e a liberdade coincidem. Com isso a violência torna-se autorreferente, aquele que explora é o explorado; o agressor é, ao mesmo tempo, a vítima; (BAUMAN, 2017, p. 182).

Primeiramente Chul Han estabelece que na sociedade contemporânea o

humano não é obediente, o sujeito que melhorou a sua vida, a sua capacidade laboral, ele próprio quer os seus limites, sem estar dominado por alguém. O filósofo coreano aponta a ruptura da ética moderna com a contemporânea, o dever é submetido pelo poder, o dever se efetiva na ideia de submissão a outrem, ao Estado, quanto ao poder é o espaço de exercer influência sobre o outro, a natureza.

Uma parte da humanidade hoje não tem autonomia isso é privilégio de alguns. No entanto, na contemporaneidade a autorregulação² a liberdade não pretende sujeitar os humanos a ninguém, para não se tornarem invisíveis, os excluídos tentam de todas as formas serem ávidos, ou seja, se sou empreendedor, logo existo.

A ideia de desempenho, de alta performance coloca os favorecidos tendo domínio considerável sobre corpos e almas. Em princípio esse desempenho transforma a liberdade, em cerceamento, o sujeito de desempenho é cercado de autonomia e a liberdade é falseada. Em outra análise a resolução industrial cai em abuso, porque era antes a exploração, o operário que vende a sua força de trabalho ao dono de produção, agora ele se auto explora isso se deve a vontade de sujeito de se esforçar para ser reconhecido, portanto deseja ter o espaço no mundo dos consumidores e faz com que esse sujeito sucumba.

Chul Han constata que essa vontade insana é um ato violento contra si próprio, a liberdade que se almeja torna o algoz de sua morte. É um paradoxo, o sujeito vítima ser no mesmo instante o agressor, descreve o filósofo coreano, ou seja, a pessoa que se sente livre é o escravizado por si próprio. Bauman tempos antes mostrou as benesses de desregulamentação e da sociedade de desempenho. Em *Vidas em fragmento* (2011) o sociólogo polonês afirma: “A existência privatizada tem suas alegrias: liberdade de escolha, oportunidade de experimentar vários estilos de vida, chance de fazer de si mesmo à medida de sua autoimagem”. (2011, p. 369).

Percebe-se que para ter liberdade, viver estilos deve seguir as suas próprias deliberações que exige do sujeito de desempenho uma disposição vigorosa, ou seja, precisa aparecer, ser genuíno e ser diferenciado em relação ao outro. Essa existência privatizada gera um estresse e uma pressão contra si, proporcionando assim uma solidão e a cometer autoflagelos. Chul Han entende que depois da sensação de liberdade, de fazer a própria história, o ser humano de desempenho se submete a autocoerção, por conseguinte um esforço uma forma de violência positiva.

Segundo o filósofo coreano essa violência é mais deletéria de que a violência

negativa. Essa violência positiva é a guerra do eu contra si mesmo. Nesse sentido na *Topologia da violência* (2017) Chul Han aponta:

Há uma batalha muito singular, uma batalha sem qualquer inimizade. Trava-se guerra contra si mesmo, comete-se auto violência; já não se abre caminho a partir das instalações de encarceramento de sociedade disciplinar, mas da alma do sujeito de desempenho. Paradoxalmente, o novo presídio se chama liberdade, assemelhando-se a um campo de trabalho onde somos presidiários e vigias ao mesmo tempo. (BAUMAN, 2017, p. 183).

Chul Han lembra que essa luta não é universalizável, mas única, não tem participação do outro. Imagina uma guerra contra o próprio corpo, contra sua psique. Além de consumir a auto-agressão, não somente física, também a agressão mental e verbal.

Foucault falava sobre a dominação dos corpos, por outro lado, o filósofo coreano afirma que o ser humano hoje não é somente o corpo, mas também a alma (psique) está dominada e lutando contra si mesma. O paradoxismo é a liberdade cercada e vigiada por todos os lados, seres humanos presos e vigilantes no mesmo instante. A sociedade contemporânea do sujeito de desempenho está sob égide da violência de positividade que conforme Chul Han (2017) confunde e não aufere a separação entre liberdade com a coerção.

Bauman escreve que a sociedade contemporânea está desregulamentada e privatizada em consonância com Chul Han. O sociólogo polonês afirma: O que é a desregulamentação? Na *Vidas em fragmento* (2011) Bauman escreve:

No cenário desregulamentado e privatizado, centrado em preocupações e buscas consumistas, a responsabilidade sumária pelas escolhas- pela ação que segue a escolha e pelas consequências dessas ações- é lançada em cheio nos ombros dos atores individuais". (BAUMAN, 2011, p. 56).

Ambos usam a palavra desregulamentação. A função da desregulamentação é fazer com que o sujeito do desempenho elimine regras da sociedade disciplinar para ter mais "liberdade". Na obra *Topologia da violência* (2017) Chul Han escreve:

A orgia da libertação, e desregulamentação, e supressão dos limites e a desritualização, que prosseguem até os dias de hoje, vão demolindo cada vez mais a negatividade. Essa destruição de negatividade gera excesso de positividade, grande promiscuidade e excesso de mobilidade, consumo, comunicação, informação e produção. A exorbitância do positivo, causa entupimento e adiposidade de circulação, levando ao "infarto do sistema". A partir de um determinado ponto e informação não é mais informativo, a produção já não é produtiva, e comunicação não é mais comunicativa. Tudo

crece e prolifera para além de sua meta, para além de sua determinação, para além de economia da utilidade. (CHUL HAN, 2017, p. 186).

A dificuldade hoje é a desorientação do humano em confortar-se com a própria liberdade. A vontade é de gastar toda a adrenalina, em tentativas de superar as limitações naturais do corpo e da psique. A quebra de rotinas, de rituais para viver o cotidiano no anseio de melhorar seu desempenho ocasionando assim a diminuição do sentimento de negatividade. A violência negativa atualmente é transformada em desempenho e em violência positiva.

Nesse ponto a positividade e a curtição, aparecem com o desejo de “provar” tudo, de viajar para todos os lugares, de mostrar cada movimento com sorrisos, de consumir desenfreadamente, de produzir monólogos mediante vídeos, dados e aumentar a respectiva meta, são algumas das aspirações do sujeito de desempenho. Contudo, Chul Han sinaliza as intempéries do excesso de positividade, podendo chegar ao extremo de estrangulamento do sistema.

Essa abundância de informação, de dados, de comunicação, proporcionam um superaquecimento, uma alta rotação, que está muito acima das capacidades do sujeito. A força do trabalho é explorada ao máximo, não obstante o mundo lhe recompensa pouco. E continua o filósofo coreano que essa alta performance afeta o sistema neuronal-psíquico. Diz ele (2017): “A comunicação e a superinformação generalizadas ameaçam todas as forças humanas de defesa. O excesso de superprodução, superdesempenho, superconsumo, supercomunicação e superinformação não ameaça o sistema imunológico, mas o sistema neuronal-psíquico”. (p. 190).

A comunicação e os dados pessoais expostos, intimidam os humanos, pois essas informações atingem a psique. O superdimensionamento do desempenho, do consumo, de comunicação e de informação têm por consequência a destruição do psicológico humano e ataca cada indivíduo que repercute em violência.

No momento presente, as redes sociais tornam as pessoas transparentes com todas as suas vidas expostas e analisadas, para poder manipulá-las de acordo com o interesse de grandes conglomerados de mídia.

Nesse sentido Chul Han chama Baudrillard para lapidar a tese da violência positiva, após demonstrar a sobrecarga de informações que prejudicam a saúde mental. Essa guerra contra a saúde mental da humanidade faz refletir sobre as lutas

contra os atos irracionais e de forma inversa oracionalismo exagerado. É a própria razão intimidando o eu consciente e o eu Inconsciente criando assim um caráter de autoperseguição. Em *Topologia da violência* (2017), o filósofo coreano assenta:

Já não existe mais front nem linha demarcatória; o inimigo está instalado no coração de cultura que o combate. Se quisermos falar assim, trata-se da IV Guerra Mundial: não mais entre povos, estados, sistemas e ideologias [...]. Baudrillard não percebe que a nova guerra mundial ocorreu hoje sem inimigos a serem combatidos. Ao contrário, faz-se guerra contra si mesmo; em virtude de falta da negatividade da inimizade, a guerra se torna autorreferente. Quem destrói é destruído; quem abate é abatido; quem vence, ao mesmo tempo perde. Falta a essa guerra toda e qualquer visibilidade e publicidade, na medida em que ela se apresenta como se fosse paz. Trata-se de uma guerra queninguém poderá vencer. Não há vitória de uma parte, mas apenas implosão global; um burnout global poderia colocar um fim a essa guerra sem inimigos. O superaquecimento da Terra causa implosão, sendo que aqui está em jogo a violência implosiva. (CHUL HAN, 2017, p. 191-192).

A primeira corroboração feita que o inimigo não é o outro, mas o perigo está em si mesmo. As guerras para conquista de territórios e para demonstrar sua força bélica se fracassou ao longo da História. A luta do humano é contra própria alma. A quarta guerra não é o humano contra o seu semelhante, não obstante o humano é o monstro, monstro de si mesmo. E as ações são auto culpáveis; os erros são contabilizados para si e não para a sociedade. O paradoxo da violência positiva não é agredir ao outro, no entanto é agredir a si mesmo. Essa guerra pode ser o suprassumo da ambivalência humana

A ambivalência da violência positiva se apresenta com algumas dicotomias de entendimento: agressor e vítima, herói e vilão, mortos e vivos; segundo Chul Han (2017). Ressalta-se que é uma guerra aparentemente silenciosa, não midiática, essa guerra acontece no ambiente doméstico, espaços privados e principalmente essa guerra é contra saúde mental do próprio humano.

Assim como no livro (1984) de Orwell (1949) a paz interior é guerra interior. É uma guerra sem armistício. A mudança climática é um dos exemplos de violência positiva de autodestruição humana. Além disso, a violência interior que proporciona tensões e problemas na saúde mental resulta em derrota silenciosa por atos de si. Em consonância com Baudrillard, Chul Han apresenta as origens das inimizades. Em *Topologia da violência* (2017), Chul Han escreve:

De acordo com a genealogia da inimidade de Baudrillard, no primeiro estágio o inimigo é o lobo. Ele é um “inimigo exterior que ataca encontra o qual é preciso se defender **construindo fortificações** e muros. Em outros estágios de sua genealogia, o inimigo vai perdendo cada vez mais seu ímpeto e sua visibilidade, ele diminui de tamanho e oculta-se. Assim, no segundo estágio, ele aparece com um rato, operando no subsolo, tornando necessária uma outra estratégia de defesa. Muros e cercas são ineficientes contra ele. Somente “higiene” e as técnicas de limpeza podem afastar o perigo emanado dele. Depois do terceiro estágio, o estágio do besouro, o inimigo adquire uma forma viral: “o quarto estágio são os vírus [...]. É bastante difícil defender-se contra eles, pois estão instalados no coração do sistema. Surge um inimigo fantasmagórico que se difunde por todo o planeta e que vai se infiltrando por todos os lados como um vírus instilando-se em todos as brechas do poder. (CHUL HAN, 2017, p. 192-193).

Do macro ao micro, a violência é vista por Baudrillard e reafirmado por Chul Han começa com o lobo, o inimigo é externo, que toma iniciativa de atacar no qual o Eu procura formas de defesa, sendo fortalezas, grandes muros, esse é o primeiro estágio. Essa ideia permanece até hoje à esfera privada a esfera pública, no afã de manter a propriedade privada, o território para soberania nacional.

Baudrillard apud Chul Han exteriorizou que existem mais três estágios ademais na contemporaneidade, o segundo estágio da violência é o do rato que não é visto durante o dia, mas aparece a noite para furtar e provocar doenças.

É o inimigo calado, que age, espreita e tem hábitos noturnos, o fruto da propriedade privada é furtado. Os atos do segundo estágio do rato são rápidos, que deixam poucos rastros de presença e a forma de retirá-lo de circulação é apresentar tocaias, torturá-lo e por fim matá-lo. O terceiro estágio é o besouro e o quarto e último estágio na perspectiva de Chul Han (2017) é o vírus, o mais letal, este é difícil de percebê-lo, para isso o humano necessita ter uma boa defesa e de antecipar um ataque viral, pois não se sabe o momento e quando virá. A violência viral aparece no cotidiano, nos mais diferentes lugares e maneiras, tais como: violência doméstica, terrorismo, ataque às escolas e agressões deliberadas nas redes sociais. Esses ataques virais se propagam através dos discursos de ódio e da linguagem que incentiva a violência. Na Topologia da violência (2017) escreve sobre a violência viral, Chul Han escreve:

[...] a violência viral do terrorismo como a forma de violência de hoje, o terrorismo islâmico seria apenas um desses tipos de violência. Estaria em curso um “terror contra o terror”, um terror da singularidade contra o terror da globalização que por seu turno, repousa em uma violência espantosa. O terrorismo está por toda a parte, em cada um de nós. Ele usa aleatoriamente cada ator cada um de nós como cúmplice “virtual”. Pode ser percebido por

toda parte e inter cruzadamente em toda a forma de violência, seja a violência humana, acidente ou catástrofes. (CHUL HAN, 2017, p. 194).

Os atos terroristas são silenciosos. E sobre o silêncio, Arendt (1988) escreveu que “a violência, é incapaz de se manifestar pela fala, [...] mas tudo e todos devem permanecer em silêncio. Hoje, a violência não tem limitação de tempo, nem de espaço”. Essa violência sob a forma de vírus tem um preâmbulo de Bauman (2011) que apresenta o mundo envolto a velocidade e a extraterritorialidade que gera instantaneidade provocando aos humanos um sentimento de frustração com a vida de si e do outro e por consequência conduz a uma violência negativa e positiva. De outro modo a violência viral pode vir a acontecer para Chul Han nos espaços da Web. É a ciberguerra no qual a extrema direita cresce e produz conflitos estruturais para destruir a democracia liberal e os direitos estabelecidos na História.

Tendo o desejo de agredir a psique, o humano criou um ambiente de raiva por meio do anonimato que constrói falas de ódio para fins de assolar reputações através de injúrias e difamações. Esses soldados se escondem tal como um vírus, na web profunda para agredirem e humilharem. Os crimes digitais crescem geometricamente que destroçam a dignidade, esses crimes saíram do mundo real e se transportaram para o mundo virtual com as consequências nefastas.

Sendo assim, a violência viral que causa pânico e medo é o terrorismo³. Chul Han coloca a violência islâmica, na qual existe uma discordância na palavra islâmica, pois essa palavra escancara a xenofobia e remete a visão política do ocidente. O ocidente, outrossim produz muita violência viral, tais como: atentados à escolas, instituições, a violência na esfera privada com as mulheres silenciadas agredidas por companheiros, na esfera pública torturas no trabalho e crimes virtuais. Esses são alguns arquétipos da violência silenciosa que ocorre costumeiramente no mundo globalizado que não gera nessa categoria a capacidade de indignação necessária, no entanto aos poucos as minorias começam a ter voz.

Chul Han evidencia que a violência existe e está em cada um de nós, isso quer dizer que os humanos têm os seus dias de fúria assim como uma influenza que ataca sem aviso prévio. Essa influenza está em toda a parte à espreita, na espera de uma vulnerabilidade corporal, mental e, do mesmo modo que alguns objetos são inseparáveis as doenças virais e a violência deveras o são igualmente e é difícil haver um remédio eficaz para combatê-los. O sistema imunológico tem por objetivo mostrar o grau de gravidade da violência negativa e da positiva sendo o

corpo e a psique que lutam para manter o corpo e mente saudáveis. Em *Topologia da Volência* (2017), Chul Han reafirma: “É uma violência viral, aquela da rede e da virtual. Uma aniquilação suave, uma violência genética e comunicacional, uma violência do consenso e da interação forçada.” (p. 196).

As redes sociais, a internet são instrumentos hodierno da violência viral que espalha o ódio, mediante da algoritmização², o mostrar-se e vender-se como bem de consumo que contamina as vidas humanas. É o desejo de viver intensamente e por consequência morrer aos poucos. Dentro do mundo da comunicação, o filósofo coreano destaca a saída do diálogo para a entrada do monólogo vazio; as críticas do outro carregam no seu ego o sentimento de ódio.

No mundo da política, a violência viral eclode da ideia de consenso na democracia liberal e tornou-se uma espécie de ponto de chegada, contudo não se percebeu a complexidade do mundo contemporâneo devido a esse hermetismo abriu-se um flanco para toda espécie de ideologias.

Esse consenso machuca, pois coage e força visões de mundo não acordados. É importante ressaltar que a violência tem um papel econômico, e gera valor as quais os poderosos podem exercer o poder de coerção.

Em *Capitalismo e impulso de morte* “o capitalismo vence e sua base é a negação da morte, por isso o acúmulo de capital é para combater a morte para não ter prejuízo absoluto”. O matar protege da morte, ou seja, adia, o desígnio é tentar apoderar-se da morte, torturar o outro. “Usar da violência e matar mais significa morrer menos”, escreve Chul Han (2021). Percebe-se a violência positiva e negativa como forças econômicas, políticas e de como elas produzem categorias auto-coercitivas, coercitivas, punitivas e autopunitivas em larga escala em vista de acumulação de capital. Os sujeitos de desempenho muito mais do que submissos ambicionam enriquecer e serem reconhecidos para que não morram na invisibilidade, na pobreza em todas as dimensões.

E adiante na consonância das concepções de Bauman e Chul Han mostrar-se-ão o capitalismo como impulsor da morte; a psicopolítica enquanto apropriação indevida dos corpos e das psiques e na democracia com suas peculiaridades em consenso ou em dissenso com as redes sociais e suas repercussões.

3 LIBERDADE, POLÍTICA E ÉTICA NOS DIAS ATUAIS

Para entender o mundo de hoje, é necessário ter uma ideia da dimensão da influência do Neoliberalismo, que é capaz de mudar as compreensões sobre a liberdade, a política, a ética e a psique. Assim como uma erva daninha, o neoliberalismo destrói a liberdade de escolha, o espírito fraterno de respeito ao outro na ética e a não compreensão mínima com a verdade dos fatos.

3.1 LIBERDADE

O Neoliberalismo ataca o ser, a humanidade, a liberdade, os Direitos, a *Psique*, a ética e a política. A primeira investida do neoliberalismo demonstrado em *Psicopolítica* é, conforme Chul Han (2020), na liberdade.

Vivemos em um momento histórico particular, no qual a própria liberdade provoca coerções. A liberdade de *poder* produz até mais coações do que o *dever* disciplinar, que expressa regras e interditos. O *dever* tem um limite; o poder não. Ser significa estar livre de coerções. Ora, mas essa liberdade que deveria ser o contrário da coação também produz ela mesmas coerções. O sujeito de desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um *servo absoluto*, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo. Nenhum senhor o obriga a trabalhar. O sujeito absolutiza a *vida nua* (1) e trabalha. A vida nua e o trabalho são dois lados de uma mesma moeda: a saúde representa o ideal da vida nua. A esse servo neoliberal a soberania é estranha, ou melhor, a liberdade daquele senhor que, segundo a dialética hegeliana servo-senhor, não trabalha e apenas goza. (CHUL HAN, 2020, p. 9-10).

Segundo Chul Han (2020), os humanos hoje não conseguem compreender e diferenciar o que é liberdade e coerção. A maneira como o Neoliberalismo age é perniciosa ao levar os humanos a se sentirem livres sem saber que estão sendo coagidos. A coerção aqui é a obrigação de a pessoa tomar decisões e atitudes que, na sua privacidade, na sua alma, não desejava fazê-la. O trabalho humano em alguns casos possui a vontade de produzir objetos, ferramentas e de realizar afazeres além dos seus limites físicos e mentais. As leis e as normas não têm forças para abarcar e impedir atitudes dos humanos. O humano, que pensa em ser livre, é submisso, se esforça e pode se autodestruir. Ele em muitos momentos da vida incentiva a luta de todos contra todos pode vir a levar a aniquilação da vida de outrem.

Nessa direção a saúde física e mental tem um papel fundamental na dimensão humana, que busca um mundo sem dor e se torna em um dos principais

objetos de consumo. Na obra *Modernidade líquida* Bauman (1998) mostra a dificuldade do humano em usufruir e pensar a liberdade. O sociólogo expressa

[...] essa liberdade, a difícil situação da não-escolha tem toda a atração da vida na prisão. Esse dilema permanece hoje tão genuíno e não resolvido quanto sempre o foi e nenhuma argumentação, seja em que quantidade for tem probabilidades de fazer a quadratura desse específico círculo. Ele preocupa os filósofos, mas também satura a experiência do indivíduo pós-moderno reiterada, cotidianamente, num mundo que é fragmentado, episódico e hostil à ação constante e conseqüentemente; o indivíduo sobrecarregado com a tarefa de escolhas cotidianas e a tarefa cotidiana de confirmar e validar as escolhas entre a cacofonia de ideais e preceitos contraditórios e efêmeros. Tal experiência gera uma necessidade aguda de restabelecer a confiança, o que na sociedade contemporânea é procurado em dois tipos de autoridade – a autoridade dos especialistas, ou a autoridade dos números. (BAUMAN, 1998, p. 242).

O humano contemporâneo possui dificuldade em lidar com a liberdade, já que ela gera medo e insegurança diante do presente e do futuro. O poder de escolha de maneira reiterada favorece a tensão. A filosofia e a humanidade estão com dificuldade diante das inúmeras diferenças desse mundo fragmentado, casual e ameaçador diante das informações e do dataísmo. A perspectiva contemporânea é do sujeito de desempenho com a capacidade diminuída de avaliar a realidade, devido as preocupações e angústias com aumento da demanda de seus trabalhos cotidianos.

Com a avalanche de dados e informações, há o fomento de divisões no poder de escolha. De um lado estão as que exigem uma habilidade avaliativa da realidade mais profunda com conceitos elaborados e racionalidade lógica nas decisões em contraponto as que exigem uma capacidade avaliativa mais célere, rasa, instável que proporciona em geral uma descontextualização dos fatos. Isso deixa o humano com as incertezas, dúvidas e principalmente desconfiança com a própria liberdade.

De acordo com Bauman (1998), a sociedade escolhe entre: a autoridade dos especialistas para entender a liberdade e o que está acontecendo no mundo; e a força dos dados estatísticos para explicar a realidade. A liberdade, para o Neoliberalismo, é o sujeito do desempenho e do empreendedor de si mesmo. Em *Psicopolítica* (2020), Chul Han escreve:

O sujeito neoliberal como empreendedor de si mesmo é incapaz de relacionar livre de qualquer propósito. Entre empreendedores não surge amizade desinteressada. Contudo, ser livre significa originalmente estar com amigos. Liberdade (*Freiheit*) e amigo (*Freund*) possuem a mesma raiz indo-

européia. Fundamentalmente, a liberdade é uma *palavra relacional*. Só nos sentimos realmente livres em um relacionamento bem-sucedido, em um feliz “estar junto”. O isolamento total para o qual conduz o regime neoliberal não nos torna livres de fato. (CHUL HAN, 2020, p. 11).

Chul Han (2020) faz um diagnóstico do individualismo da sociedade pós-moderna e percebe também que o empreendedor de si mesmo não consegue se relacionar de maneira livre e feliz. Ademais, constata que a liberdade é intensamente relacional, sendo uma relação do eu com o outro. No entanto, não é uma relação simples ou de modo interesseiro. Percebe-se aqui uma proposição de uma ética contra o empreendedorismo de si mesmo que é a ideia da compreensão plena do conceito do que é ser livre.

Conforme Chul Han (2020), a liberdade é estar com amigos, e reler a amizade de Aristóteles, ademais pode se acrescentar sobre a ideia de amizade em Platão no qual ambos os textos demonstram a verdadeira amizade que é o amigo sem qualquer interesse. Além disso, a liberdade é o encontro desinteressado entre eu e o outro de maneira alegre, feliz e plena. Não é um relacionamento vazio, mas profundo e intenso. O Neoliberalismo provoca o isolamento do humano, deixando-o com medo, inseguro e com as suas incertezas sobre as suas escolhas. Cabe aos donos do poder e do capital decidirem por ele. Visto que a liberdade hoje é mal compreendida, na *Psicopolítica* Chul Han (2020) se questiona se há a necessidade de uma nova compreensão.

O neoliberalismo é um sistema muito eficiente – diria até inteligente – na exploração da liberdade: tudo aquilo que pertence às práticas às e formas de expressão da liberdade (como a emoção, o jogo, e a comunicação) é explorado. Explorar alguém contra sua própria vontade não é eficiente na medida em que torna o rendimento muito baixo. É a exploração da liberdade que produz o maior lucro. (CHUL HAN, 2020, p. 12).

O Neoliberalismo vai na intimidade, nas emoções, na religiosidade do humano pós-moderno fazendo com que a liberdade se sujeite a esse regime. O capital não quer explorar a humanidade de maneira autoritária e escravista, pois quanto mais liberdade, maior a riqueza e o lucro. O projeto da modernidade de emancipar os indivíduos ocorre com a retirada do poder de autoridade religiosa e, posteriormente, com a sociedade capitalista e industrial que exerce coerção de fora para dentro. Em *Modernidade Líquida*, Bauman (2001) explica o seu conceito de liberdade:

“Libertar-se” significa literalmente libertar-se de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos; começar a *sentir-se* livre para se mover ou agir. “Sentir-se livre” significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis. (BAUMAN, 2001, p. 23).

Ao apresentar o seu conceito de liberdade, Bauman (2001) apresenta três visões. A primeira ideia é de ruptura com aquilo que o prende, com a liberdade em contraposição à prisão. O segundo ponto é a liberdade para agir, para usufruir o direito de ir e vir. O terceiro é o sentir-se livre. Trata-se de uma perspectiva de liberdade em que o poder está acima do dever. Ela ganha força e vai derrubando barreiras. Em *Modernidade Líquida* (2001) Bauman escreve:

O indivíduo é o pior inimigo do cidadão. O cidadão é uma pessoa que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade – enquanto o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente em relação à “causa comum” ao bem comum, à boa sociedade ou à sociedade justa. Se o indivíduo é o pior inimigo do cidadão, e se a individualização anuncia problemas para a cidadania e para a política fundada na cidadania, é porque os cuidados e preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos enchem o espaço público até o topo, afirmando-se como seus únicos ocupantes legítimos e expulsando tudo mais do discurso público. (BAUMAN, 2001, 49-51).

Diferentemente do indivíduo que se preocupa com seus próprios interesses, o cidadão, por outro lado, se preocupa com o bem-estar da cidade e do coletivo. A individualização prejudica a cidadania ao não se atentar com a liberdade política da sociedade. O indivíduo é inimigo, porque destrói aos poucos a liberdade de escolha da sociedade e enfatiza a sua liberdade para somente o seu crescimento social. O objetivo do processo de individuação é de criminalizar a política, de desconsiderar a coletividade e a valorização das liberdades individuais, das vidas e emoções privadas. Sai a liberdade cidadã para dar entrada às liberdades individuais. Em *Psicopolítica* (2020) Chul Han explica:

Queremos ser realmente livres? Acaso não inventamos Deus para não termos que ser livres? Diante do Deus, estamos sempre em dívida, somos sempre culpados. Mas a culpa destrói a liberdade. Os políticos de hoje responsabilizam o endividamento elevado pela extrema limitação de sua liberdade de ação. (CHUL HAN, 2020, p. 17-18).

A humanidade busca incessantemente se sentir segura e, com isso há a necessidade de ser tutelada, e com sua capacidade limitada de sentir-se livre.

Conforme Chul Han (2020), o humano criou Deus para a manutenção de uma pretensa sensação de liberdade terrena, mas com a autoridade provinda de um ser metafísico. A resposta à indagação de inventar um Deus para não ser livre é afirmativa, porque os discursos sempre foram favoráveis aos poderes das autoridades ou em consonância com um anteparo teológico em que o humano está sob o domínio da culpa, da dívida e da submissão. O Neoliberalismo colocou sob os ombros da humanidade a dívida pública e impagável não tendo a origem em um só. Essa dívida pública limita as capacidades de as pessoas agirem e de proporcionar bem-estar à coletividade.

Na obra *Psicopolítica*, o humano de hoje tem a sensação da liberdade como algo fluído, adaptável, como se fosse uma bactéria probiótica, ou seja, uma liberdade de ser inerente. No entanto, essa sensação é prejudicial porque as pessoas, de forma espontânea e livres, sem qualquer coação, fornecem dados de intimidade sem constrangimento e obrigações. O único objetivo aqui posto pelo Neoliberalismo é mais eficiência, rendimento e lucratividade, na *Psicopolítica* Chul Han (2020) escreve:

A sociedade digital de controle faz uso intensivo da liberdade. Ela só é possível graças à autorrevelação e à autoexposição voluntárias. Assim, a entrega dos dados não acontece por coação, mas a partir de uma necessidade interna. Aí reside a eficiência do pan-óptico digital. A transparência também é reivindicada em nome da liberdade de informação. Na verdade, ela não é nada mais do que um dispositivo neoliberal. Ela vira tudo violentamente para fora, para que possa produzir informação. Nos modos atuais de produção imaterial, mais informação significam mais produtividade, aceleração e crescimento. (CHUL HAN, 2020, p. 19-20).

Percebe-se aqui uma liberdade implícita, inerente, embora essa sensação de liberdade seja prejudicial, porque as pessoas fornecem dados sobre sua privacidade sem constrangimento e obrigações. O único objetivo aqui posto pelo Neoliberalismo é mais eficiência e rendimento. Em *Infocracia*, Chul Han (2022) fala sobre a sociedade do consumo que enfraquece a democracia e as opiniões contrárias em nome de uma pretensa liberdade. Na obra *Infocracia* Chul Han (2022) assevera:

No regime de informação, *ser livre*, não significa agir, mas clicar, curtir e postar. Não surge, assim, nenhuma resistência. Não é preciso temer nenhuma revolução. Dedos não são capazes de ação em sentido enfático. São meramente um órgão de escolha consumista. Consumo e revolução se excluem. (CHUL HAN, 2022, p. 19-20).

O Neoliberalismo suaviza a coerção com a finalidade de tornar a liberdade individual como um valor imprescindível da democracia. A liberdade não possui resistência. Por outro lado, serve para demonstrar apoio e favorecimento, com a opção de curtir e mostrar lugares maravilhosos e corpos lisos. Segundo Chul Han (2022), a liberdade de clicar não gera mudanças sociais ou diminuição da desigualdade social. A digitalização não fomenta a ética, a episteme, mas estimula a liberdade de escolha para consumir.

A liberdade na modernidade e na pós-modernidade tem um papel fundamental tanto no mundo da política, quanto no valor moral do humano, na *Modernidade Líquida* Bauman (2001) afirma:

A libertação é uma bênção ou uma maldição? Uma maldição disfarçada de bênção, ou bênção temida como maldição?
A libertação no topo da agenda da reforma política e a liberdade no alto da lista de valores – quando ficou suficientemente claro que a liberdade custava a chegar e os que deveriam dela gozar relutavam em dar-lhe as boas-vindas. Respostas do primeiro tipo inspiram, intermitentemente compaixão pelo “povo” desorientado, enganado e levado a desistir de sua chance de liberdade, ou desprezo e ultraje contra a “massa” que não quer assumir os riscos e responsabilidades que acompanham a autonomia e a autoafirmação genuínas. Respostas da segunda espécie sugerem que o tipo de liberdade louvada pelos libertários não é, ao contrário do que eles dizem, uma garantia de felicidade. Vai trazer mais tristeza que alegria. (BAUMAN, 2001, p. 28).

A liberdade pode ser uma maldição, porque, se usada de maneira absoluta, pode destruir a sociedade e, por conseqüente, o outro. A primeira resposta dada por Bauman (2001) é que os mais vulneráveis que se sentem rejeitados desistem de ter a sua liberdade e delegam o seu poder de decidir à elite cultural, econômica e social. A elite cultural culpabiliza os mais vulneráveis por não ter instrução formal para a compreensão do conceito e do valor da autonomia, do cuidado e da defesa de si.

A liberdade não é garantia de felicidade e pode ocasionar prejuízos e muita tristeza. E principalmente na política, onde ela não assegura ética, respeito à alteridade e ao bem-comum, na obra *Modernidade Líquida* conforme Bauman (2001) afirma a seguir:

O que faz um acontecimento causar satisfação é que você o produziu...com responsabilidade substancial sobre seus ombros, sendo uma parte substancial do bem alcançado uma contribuição sua. Ser abandonado a seus próprios recursos anuncia tormentos mentais e a agonia da indecisão,

enquanto a responsabilidade sobre os ombros prenuncia um medo paralisante do risco e do fracasso, sem direito a apelação ou desistência. Esse não pode ser o significado real da liberdade e se a liberdade realmente existente, a liberdade oferecida, significar tudo isso, ela não pode ser nem a garantia da felicidade, nem um objetivo digno de luta. (BAUMAN, 2001, p. 29).

Parece que a liberdade traz uma falsa alegria ao causar satisfação sobre a missão realizada e cumprida. No entanto, aumenta a responsabilidade sobre si. A liberdade necessita de apoio financeiro, senão o humano fica desamparado, indeciso e ambíguo. O medo de decidir pode causar paralisia, fracasso, mas o humano não pode de antemão, desistir de deliberar. A liberdade não é um fim em si mesmo, uma salvaguarda para a felicidade e também não é um instrumento, uma força política revolucionária que prega rupturas radicais.

Na sociedade de hoje, são imprescindíveis a autonomia e a formação informacional, pois, sem essas posturas, não é possível haver uma liberdade *stricto sensu*. A filosofia tem o múnus para indagar de forma plural e de cooperar na formação de humano autônomo. Em *Psicopolítica* (2020) Chul Han afirma: “A autodeterminação informacional é uma parte essencial da liberdade.” (p. 22). E acrescenta o filósofo coreano que a liberdade só realiza em conjunto, em comunidade. “Liberdade é sinônimo de comunidade bem-sucedida.” (2020, p.12). Há uma possibilidade de lutar contra o Neoliberalismo, o individualismo exacerbado por intermédio da liberdade em conjunto com a comunidade. O humano só é livre e feliz em comunidade.

3.2 POLÍTICA

Para se ter uma sociedade democrática em busca de uma felicidade coletiva é necessária a política. Bauman (2011), para pensar a política na pós-modernidade, faz um pequeno retorno à modernidade e a força do Estado-nação em *Vida em Fragmentos* (2011), o sociólogo escreve:

Os Estados modernos na Europa eram Estados-nações, com as fronteiras ostensivamente “naturais” das nações a substituir os pré-modernos “direitos hereditários” das dinastias reinantes. A pretensão de representar as unidades nacionais supostamente antigas e naquele momento já completamente formadas mascarou o intenso esforço de construção nacional, a essência da luta do Estado por autoridade no início da era moderna. (BAUMAN, 2011, p. 314).

A política na modernidade, no seu início, tinha o papel de demarcar as regiões que está sob o domínio de grandes impérios e do poder da autoridade hereditário. A ideia era de construir uma identidade nacional, de uma cultura própria em contraposição aos discursos de autoridades de entidades religiosas e de grandes reinados. Essa construção de Estado-nação exigia uma construção de costumes, língua e fortalecimento de laços locais. Com passar do tempo, esse Estado se fortalecia, pois arregimentava pessoas com a saída do ambiente rural para o ambiente urbano, com a industrialização e a demografia em expansão. Com isso, o poder político estaria nas mãos, segundo Bauman (2014), de quem entenderia a conjectura sobre o território e os comportamentos e ações do povo que ali residem. Em *Cegueira Moral* (2014) Bauman exemplifica:

[...] o Estado todo-poderoso, como as pessoas então acreditavam nele, que funda o poder de fazer coisas à capacidade de decidir quais delas deveriam ser feitas e quais seriam evitadas, exercendo uma soberania plena – ou seja, a capacidade executiva – sobre seu território e a população que o habitava. A receita simples para conseguir que as coisas fossem feitas era assumir o aparato do Estado a fim de utilizar o poder que ele detinha. (BAUMAN, 2014, p. 105).

A modernidade foi pródiga em fazer o Estado um ente com muitos poderes, sendo um deles a capacidade de decidir o que as pessoas deviam ou não fazer. Não houve uma espécie de separação entre o Estado e ética. O Estado moderno era um poder soberano capaz de governar sobre o território e sobre as pessoas. A elite que assumia o Estado agia e conseguia suas pretensões através da influência exercida por esse grupo. A classe que chamou o Estado foi a elite intelectual. Na obra *Vida em Fragmentos*, Bauman (2011) escreveu:

Tudo colocou a elite educada, reapresentadas como os “líderes espirituais da nação” ou como “os guardiões do patrimônio nacional, no cerne do processo de acumulação primitiva de autoridade no Estado moderno. Essa centralidade deixou de ser evidente, no entanto, quando a autoridade dos Estados-nações passou a estar firmemente estabelecida, e a reprodução da Lei e ordem rotineiramente garantida por outros meios de mobilização ideológica. (BAUMAN, 2011, p. 315).

Essa elite foi alçada e legitimada como autoridade ou como guarda do patrimônio. Compreende-se aqui essa comunidade rica, culta e educada que não parecia ter interesses ou desejos de poder e riqueza. As camadas mais pobres

tinham uma certa confiança que essa elite se preocupava e possuíam apoio do Estado. Os ideais de liberdade e bem-estar social parecia estar nas mentes do conjunto da população com juízo de uma consciência do Estado-nação fazendo com que histórias, cultura, língua, costumes e tradição se tornassem únicos de acordo com a elite que exercia o poder.

A força do Estado-nação na modernidade começou a perder a partir da descentralização com a capilarização de outros meios para a manutenção do poder, das escolas, das prisões e dos meios de comunicação. Em *Cegueira Moral* (2014) o sociólogo polonês escreve: “Essa centralidade deixou de ser evidente, no entanto, quando a autoridade dos Estados-nações passou a estar firmemente estabelecido, e a reprodução ‘da lei e ordem’ rotineiramente garantida por outros meios de mobilização ideológica.” (p. 315).

Aos poucos o Estado-nação foi se sedimentando com a força da normatividade e do regime disciplinar que domina os corpos e cumpre as ordens pela hierarquia. A cultura, a educação e os costumes foram arrebanhados pela ideologia. Em *Psicopolítica* (2020) Chul Han afirma: “A política moderna e caracterizada pela emancipação da ordem transcendente, ou seja, das premissas fundamentadas da religião.” (p. 17).

Percebe-se que a modernidade buscou incessantemente se descolar das visões de mundo medieval e sua principal luta era tornar-se livre das amarras da religião, da obediência entulhada de hierarquia e dos discursos de autoridade. Chul Han e Bauman entendem que a modernidade realizou uma grande virada filosófica ao tirar o poder do discurso fundamentado na transcendência para a racionalidade humana. Enfim, a razão humana é que decidirá o caminho da humanidade com suas devidas escolhas.

Em *Psicopolítica* (2020) Chul Han escreve: “Uma política, uma politização completa da sociedade, só seria possível na modernidade, na qual os recursos transcendentais da fundamentação já não têm nenhuma validade.” (p.17). A modernidade não conseguiu obter uma virada plena, pois alguns discursos transcendentais continuaram e se mantêm com certa robustez em uma grande parcela da sociedade.

O efeito disso é que a heteronomia e a delegação de responsabilidade permanecem fomentando um clima de insegurança sobre os rumos da humanidade. A imanência não superou o poder da transcendência, porque todas as leis não são

necessariamente livres para modificá-las, negociá-las e não houve um aceite completo dessas mudanças. Com isso, não houve uma emancipação, uma autonomia absoluta. No entanto, houve um grande crescimento cultural, filosófico, social, político e econômico em consequência pertinente ao poder da liberdade de escolha.

Em *Cegueira moral* Bauman (2014) demonstra: “A tecnologia ultrapassa a política”. (p.68). As tecnologias da informação e comunicação ascenderam ao poder e exercem uma influência nos corpos, nas psiques e principalmente no poder de escolha das pessoas. A cultura, a difusão do conhecimento e os costumes foram tangenciados pelo Estado e suprassumidos por entidades de grande capital. Assim sendo, as informações, os dados e a comunicação foram privatizadas, diminuindo o poder do Estado. O poder do mercado se torna forte em tal grau que não reconhece mais a hierarquia. Na obra *Vida em fragmentos* (2011) Bauman afirma: “[...] o mercado não reconhece nenhuma hierarquia cultural, exceto a de comerciabilidade.” (p. 317).

Isso significa que o capital não obedece visto que as normas são alteradas ao bel prazer da clientela e do poder coercitivo do Estado que se sujeita à força do capital. No mundo da intelectualidade, o mercado também realça a sua influência e o seu poder de compra ao investir nas pesquisas e nos produtos produzidos pela intelectualidade para serem postos à disposição no mundo do consumo. Nessa perspectiva em *Psicopolítica* Chul Han (2020) diz que “[...] a política acaba se convertendo novamente em servidão: se torna serva do capital.”(p.17) A transcendência está sob a tutela do grande capital, e esse é um dos pontos que a política pós-moderna mostra duas coisas importantes: a transcendência não é aniquilada pela modernidade; e o Estado-Nação dá o lugar para os grandes conglomerados privados, e o espaço público de diálogo dá lugar para a esfera privada opinativa através das redes sociais.

Bauman e Chul Han percebem que o capitalismo industrial está em declínio e, com isso, a ideia de luta de classes do proletariado com o patrão não tem mais aderência nas relações de trabalho. Há o deslocamento do capitalismo industrial para o capitalismo rentista, com as empresas de tecnologias de informação e comunicação. Do proletariado para o precariado, da exploração de mão-de-obra proletária à autoexploração. Houve a Segunda Guerra Mundial, os Movimentos de 1968, o Neoliberalismo e a queda do muro de Berlim que ocasionaram a

precarização do trabalho, a retirada de direitos e do bem-estar social que resultou em desemprego, pobreza e fome.

Os dois pensadores apresentam os seus conceitos de precariado como sendo a forma como são tratados os trabalhadores na contemporaneidade, dado que o desemprego, o desalento e o subemprego estão presentes no mundo da vida. Em *Cegueira moral* Bauman (2014) escreve: “O precariado abarca pessoas de todas as classes econômicas. Todos nós, ou pelo menos 99% de nós somos agora ‘precários’ os que foram tornados redundantes e os que temem que seus empregos não sobrevivam à próxima rodada de cortes ou reestruturação.” (p. 83). E Chul Han (2020) complementa sobre essa questão do trabalho na obra *Psicopolítica*, o filósofo coreano (2020) escreve: “Cada trabalhador explora a si mesmo para a sua própria empresa. Cada um é senhor e servo em única pessoa. A luta de classe também se transforma em uma luta interior consigo mesmo.” (p. 17).

Essas ideias geram um clima de medo, insegurança, esforço físico e mental, além do limite do corpo e da psique tornando atualmente o trabalhador em um ser responsável, culpável pelos erros e temeroso em ser descartável. E o opróbrio maior é o trabalhador solicitar os seus direitos, colocando-o sob o risco de perder o seu sustento e não tendo o apoio e a proteção do Estado.

Bauman (2014) infere que as redes sociais oferecem uma forma rápida de identificar as posições políticas e as ideologias. Ele afirma que o humano se autoexpõe, desnuda-se por completo de maneira pública nas redes sociais, sendo isso uma autodeclaratória.

Vivemos numa sociedade confessional, promovendo a autoexposição pública ao posto principal e mais disponível das provas de existência social, assim como a mais possante e a única eficiente. Milhões de usuários do Facebook competem para revelar e tornar públicos os aspectos mais íntimos e inacessíveis de sua identidade, conexões sociais, pensamentos, sentimentos e atividades. Os sites sociais são campos de uma forma de vigilância voluntária, do tipo faça você mesmo. (BAUMAN, 2014, p. 71).

A política atualmente, além da esfera pública, entrou no ambiente das redes sociais, que serviram para o Estado, para o mundo do consumo como uma fonte nas quais as pessoas expõem dados privados de sua vida de forma quase completa. Hoje, a política representativa e as grandes empresas adquirem esses dados que a chamam de mineração de dados e tem um valor inestimável. A competição é de quem mais revela intimidade e, na política, é de quem revela a sua ideologia e suas

visões de mundo. Em *Psicopolítica* Chul Han (2020) afirma: “O que ocorre hoje é uma vigilância sem vigilância. A comunicação é aplainada como que por moderadores invisíveis e rebaixada à condição.” (p. 21). A autovigilância prejudica a política, pois enfraquece a comunidade e supervaloriza o individualismo.

O Neoliberalismo transforma o humano em um ser disponível, o cidadão em consumidor e, de forma sutil, a transformação do eleitor em um cliente consumidor. Chul Han (2020) tem a ideia de que o eleitor não se interessa pela política e, com isso, a responsabilidade não está nas mãos dos eleitores, mas esse poder é delegado aos representantes sem a necessidade de se sentirem cobrados. Na obra *Psicopolítica* (2020) Chul Han assevera:

O neoliberalismo transforma o cidadão em consumidor. A liberdade do cidadão cede diante da passividade do consumidor. Atualmente, o eleitor enquanto consumidor não tem interesse real pela política, pela formação ativa da comunidade. O eleitor apenas reage de forma passiva à política, criticando, reclamando, exatamente como faz o consumidor diante de um produto ou de um serviço de que não gosta. Os políticos e os partidos seguem a mesma lógica do consumo. Eles têm que fornecer. Com isso, degradam-se fornecedores, que têm que satisfazer os eleitores como consumidores ou clientes. A transparência que hoje se exige dos políticos é tudo menos uma demanda política. Não se reivindica a transparência para os processos políticos de decisão, nos quais nenhum consumidor está interessado. O imperativo da transparência serve, acima de tudo, para desmascarar ou expor a classe dos políticos, para transformar indivíduos em objeto de escândalo. A reivindicação por transparência pressupõe a posição de espectador a ser escandalizado. Não é uma demanda de um cidadão engajado, mas de um espectador passivo. A participação ocorre em forma de reclamação e queixa. Povoada por espectadores e consumidores, a sociedade da transparência funda uma democracia de espectadores. (CHUL HAN, 2020, p. 21-22).

Para analisar como Chul Han (2020) pensa sobre a existência de uma política pós-moderna, é imprescindível entender o mundo do consumo, a transparência e como é a relação entre eleitor e político. Constata-se que o eleitor espera a tomada de decisões por parte dos políticos, com certa ojeriza, sem deixar de pleitear seus proveitos próprios. Percebe-se que a política não está sendo assertória. As políticas públicas têm que ir além das demandas e dos interesses individualizados. Elas, em muitos momentos, não reconhecem o seu real papel de propiciar bem-estar para a comunidade.

Os políticos captaram esse novo mundo de dados e de informações e a mensagem passada pelos eleitores. A política virou espetáculo ou uma novela com

escândalos e dramas. O objetivo do político é fornecer informações pertinentes a sua vida pessoal, sua performance em redes sociais com vídeos curtos sem conteúdo programático. Em suma, as matérias legislativas e seus méritos em prol da comunidade não proporcionam interesse, muito menos engajamento social, e a importância de temas cruciais são postas em segundo plano.

O valor e o poder da transparência exercem papel fundamental na conjuntura política. Essa ideia de transparência¹ serve hodiernamente para a desinteriorização voluntária, sendo uma espécie de um ato confessional do humano e um autocontrole. Isso conduz o eleitor a tornar-se um consumidor da política sem se preocupar com os ganhos ou perdas de direitos. O que importa são as expressões, as falas repletas de emoção e que seduzem uma parcela da população, que pode vir a gostar da informação postada. Se acaso não gostar, pode vir a sentir um ódio e o desejo de punir e de odiar floresce, mesmo que sem uma razão consistente. A esfera pública atual se transformou em uma arena cujos pugnadores combatem obstinadamente, e o vencedor recebe o total apoio dos eleitores consumidores.

Chul Han (2020) demonstra que a participação popular para ganhar as ruas necessita conquistar as redes sociais. As denúncias e as queixas-crimes são providas da produção em larga escala de vídeos e áudios que se espalham rapidamente. A sociedade na política criou uma espécie de elucidações com episódios sem valor e sem sentido. O que o eleitor quer é delegar aos representantes o poder de decidir o que é bom para a comunidade, sem se responsabilizar por nada. Esse *modus operandi* de não se assentir com a política facilita intervenções nas psiques prejudicando a capacidade de refletir e de se autodeterminar.

Chul Han (2020) contribui na tentativa de uma melhor compreensão da política pós-moderna através das ideias do que é Psicopolítica e um outro conceito novo que ele chama de *infocracia*. Para entender a Psicopolítica, é necessário fazer uma percepção sobre biopolítica. Em *Psicopolítica* Chul Han (2020) apresenta a diferença entre biopolítica e psicopolítica. O filósofo coreano (2020) escreve: “A biopolítica é a técnica de governança da sociedade disciplinar, mas é totalmente inadequada para o regime neoliberal, que antes de tudo explora a *psique*. A biopolítica, que usa as estatísticas demográficas, não possui acesso ao psíquico.” (p. 35-36).

Compreende-se aqui que Chul Han (2020) enxerga a Psicopolítica como uma parte do Neoliberalismo para fins de suavizar a vida, e o trabalho para dominar a psique. Por outro lado, a sociedade disciplinar tem como base a disciplina e a

obediência aos regramentos, com a referência do ambiente industrial. Essa administração de indústria se dava mediante ao controle dos corpos que se manifestava pelas leis que coagiam e que condicionavam os costumes.

Em *Psicopolítica* Chul Han (2020) escreve sobre o poder disciplinar que é “[...] um poder normativo que submete o sujeito a um conjunto de regras, obrigações e proibições, eliminando desvios e anomalias.” (p. 34). Na biopolítica, a lei adquiriu um poder vultoso, no qual a pessoa se sujeita a um conjunto de normas que pode levar a sofrer punições para manter a lei e a ordem. No período da era industrial, a biopolítica mensurou os corpos, por meio de estatísticas, para manter a força de trabalho e tornar os corpos controláveis. Em *Psicopolítica* (2020) Chul Han afirma (2020),

Foucault vincula expressamente a biopolítica à forma disciplinar do capitalismo, que em sua forma produtiva, socializa o corpo: Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. Assim, a biopolítica está fundamentalmente associada ao biológico e ao corporal. Em última instância, trata-se de uma *política dos corpos* em sentido amplo. (CHUL HAN, 2020, p. 39).

Na biopolítica, o capitalismo industrial usufrui dos corpos, e o sistema de controle se efetua mediante o encarceramento como forma de disciplinar, um cânone do capitalismo industrial acredita que quem é pusilânime continuamente deve ser punido e pode vir a ser preso. Foucault apud Chul Han (2020) apresentou as instituições que limitam a autonomia, o diálogo entre os diferentes, a diversidade de pensamentos para disciplinar os corpos, quais sejam: escolas, prisões, hospitais e fábricas. O humano biopolítico é um cumpridor de normas, submisso às decisões de autoridade e que trabalha sob a égide de preceitos. A passagem da biopolítica para psicopolítica transcorreu em virtude do Neoliberalismo que não se interessa pelo corpo, entretanto se preocupa com a psique. Em *Psicopolítica* (2020) escreve Chul Han:

O neoliberalismo como forma de evolução ou mesmo como mutação do capitalismo não se preocupa primariamente com o biológico, o somático, o corporal. Antes descobre a psique como força produtiva. A virada para a psique e, em consequência, para a psicopolítica, também está relacionada à forma de produção do capitalismo atual, pois ele é determinado por modos imateriais e incorpóreos. São produzidos objetos intangíveis, como informações e programas. (CHUL HAN, 2020, p. 39-40).

O Neoliberalismo surgiu para aperfeiçoar o capitalismo em muitos aspectos. No entanto, Chul Han (2020) alvitra um elemento que é a saída do domínio sobre os corpos, do *soma*, para dominar a psique. A psique se torna o parâmetro do mundo do consumo e do mundo produtivo. O humano converte-se em um bem alienável. Outra mudança é a produção em larga escala de produtos intangíveis exemplificando nesse caso o software, os dados armazenados sem a necessidade de papel.

A Psicopolítica adentra nesse universo digital através de justaposições informacionais espontâneas com o fornecimento de dados pessoais privativos que estão em permanente conexão. Trata-se de dados aprovionados para não tornar em humanos invisíveis. Portanto, é necessário entregar os próprios dados para estar no mundo. Na obra *Infocracia* (2022), Chul Han avança na ideia de Psicopolítica, quando diz:

Colocamos na rede todo tipo de dados e informações pessoais, sem avaliar as consequências. Esse caráter incontrolável representa uma gravíssima crise da liberdade. [...]

Hoje combinamos para a era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos, assim, para uma nova crise da liberdade: até a vontade própria é atingida. Os *big data* são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo. (CHUL HAN, 2022, p. 22-23).

Chul Han (2022) explicita que as grandes empresas de dados e informações absorvem todos os dados pessoais e armazenam nos seus bancos de dados. Cabe lembrar que de forma deliberada os humanos entregam as suas informações. Ao fornecer os dados, perde-se a autonomia e liberdade de escolha. Abre-se um caminho tortuoso para a filosofia porque a liberdade, a igualdade e a amizade desinteressada está sob ameaça. O prognóstico está em apresentar ao ser humano que ele não pode se tornar em um ser alienado, consumível e ficar nas mãos de grandes empresas de dados e informações. Percebe-se que hoje não existe um controle por parte do Estado e de instituições, já que não possuem força suficiente para, pelo menos, diminuir o descontrole dessa cessão velada de informações privadas.

As empresas de dados se entranham nas psiques, não obstante anteriormente as formas de controle, e a coação das antigas empresas era feita na exterioridade, sem entrar na vida privada.

Na atualidade, as empresas de dados e informações conduzem as pessoas a agir sem qualquer coação, sendo seduzidas. Essa espécie de encantamento fascina principalmente o inconsciente, porém prejudica a capacidade do ser humano para deliberar de modo racional. Nesse diagnóstico, nota-se que os humanos estão sob domínio das grandes empresas de informação e aos poucos vão se coisificando. Essas empresas são ferramentas e não referências, no entanto o seu poder de armazenamento proporciona interações entre humano e máquina, sendo que o segundo de forma sorrateira vai se apossando da psique.

A Psicopolítica tem um papel que é retirar a vontade livre do humano e de afirmar o poder de escolher seu próprio rumo e de não manutenção plena de sua autonomia. A positividade se dá em aprovar todas as escolhas, sem fazer uma análise lógica racional das atitudes em aquiescência ou de discordância. Por conseguinte, ao aceitar todas as coisas como confirmatório, o humano se subjugava à precificação. Há a concessão contingencial da retirada da autodeterminação para tornar o humano em um ser robotizado. Da opressão da sociedade moderna para a positivação da sociedade pós-moderna na obra *Psicopolítica* (2020) Chul Han escreve:

[...] a psicopolítica neoliberal é dominada pela positividade. Em vez de usar ameaças negativas, ela trabalha com estímulos positivos. Não aplica nenhum remédio amargo, e sim o curtir. Lisonjeia a alma em vez de estremecê-la e paralisá-la. Seduz a alma que a precede, em vez de se opor a ela. Registra cuidadosamente seus anseios, suas necessidades, seus desejos, em vez desgravá-los. Com a ajuda de prognósticos, antecipa-se às ações em vez de contrastá-las, atuando proativamente. A psicopolítica neoliberal é uma política inteligente que busca agradar em vez de oprimir. (2020, p. 52-53).

Com a inexistência da negatividade, a Psicopolítica segue uma estratégia peculiar de inflar cada ego, elogiar a psique e da ideia de não ter obstáculos para usufruir de uma falsa liberdade. A Psicopolítica faz com que os humanos tenham mal-estar em conviver em uma comunidade e de não respeitar o outro. Por outro lado, ela estimula o narcisismo, que foca nas emoções e nos desejos não da comunidade, mas nos anseios de cada indivíduo. A Psicopolítica faz uso da sedução, mas que causa constrangimento por deixar o outro em situação vexatória. O fulcro da Psicopolítica é enternecer a alma de cada indivíduo para propiciar o autoelogio para receber curtidas.

De acordo com Chul Han (2020), o conceito de *infocracia* se originou com a

digitalização do mundo da vida. A digitalização faz com que haja um crescimento exponencial dos dados e informações, e essa produção, em larga escala, pode gerar conflitos e violência para amealhar poder e tentar subverter a verdade factual. A informação é aditiva e não conclusiva. Em *Infocracia* (2022) Chul Han assevera:

O tsunami de informação desencadeia forças destrutivas. Abrange também nesse meio tempo, âmbitos políticos e leva a fratura e disrupções massivas no processo democrático. A democracia degenera em *infocracia*. No início da democracia, a mídia determinante era o livro. Este estabelece um discurso racional do Esclarecimento. A esfera pública discursiva, essencial para a democracia, se deve ao público leitor pensante. (CHUL HAN, 2022, p. 25).

Segundo Chul Han (2022), o excesso de dados prejudica sobremaneira a capacidade de escolha e suscita conflitos das variadas opiniões. Tais opiniões, de forma geral, são vazias, inconclusivas e de variadas ideologias. As consequências desse excedente de dados são a descontinuidade e as fissuras na política representativa que ensejam a abertura de ideologias que estavam quase sepultadas, tais como o fascismo e o nazismo. A democracia está hoje sob risco, pois o autoritarismo se apresenta com força no horizonte do mundo atual.

O meio de comunicação social que popularizou a democracia em todas as classes sociais foi o livro, com os discursos fundamentados que estruturaram a racionalidade esclarecida e a cultura livresca com a finalidade de capacitar as pessoas a se realizarem suas deliberações com o uso da razão. Os discursos públicos gerados pela cultura livresca têm orientações lógicas, coerentes, regulada e reafirmada pelos fatos e arranjos conscientes. Esse discurso baseado nos livros não tem a amplitude e a complexidade dos tempos atuais. Eis uma problemática posta por Chul Han (2022).

Os livros têm textos complexos viabilizando ranhuras que possibilitam interpretações das mais diversas, pois o leitor se apropria daquele conhecimento e a reinterpreta. Os livros também abrem espaços democráticos de debates públicos formais e informais. A barreira da cultura do livro é quebrada com o surgimento de novas mídias: a televisão e, depois, os smartphones.¹⁷ Essas mídias contribuem em mudanças de perspectivas com novas leituras e opiniões sobre a política e o mundo.

As novas mídias apartaram alguns pontos que asseguravam o livro como a

¹⁷ Smartphone como é designado formalmente.

grande fonte de informação, formação e conhecimento. O primeiro ponto cerceado foi de leitor-ator para mero receptor; do ato de ler para passividade de um espectador, produção de um autor-produtor de conhecimento para um instrumento opinativo não formativo e com inúmeros espectadores de forma simultânea. Na obra *Infocracia*, Chul Han (2022) afirma que a televisão fragmenta o discurso, e esse fragmento é possível, porque ela mostra a brevidade das informações e ressalta-se que as informações nos meios televisivos não são conclusivas, mas aditivas.

Outra mídia que exerce influência inquietante ao mundo da política é o celular posto aqui na forma coloquial e que rompeu a barreira da biopolítica para a psicopolítica. O celular atua em favor de um humano submisso, sujeito a seus caprichos e com seu poder de influenciar. Nesse aparelho pode haver dados que deixam os humanos sedentos, ébrios e principalmente alucinados por consumir o mundo imagético, estético e informativo. Axiologicamente, as informações podem possuir dados com alto teor formativo e, ao mesmo tempo, pode haver informações vazias e sem valor significativo. Nessa perspectiva Chul Han (2022) afirma:

No regime de informação, as pessoas não são mais telespectadores passivas que se rendem ao entretenimento. São emissores ativos. Produzem e consomem, de modo permanente, informações. A embriaguez de comunicação que assume, pois, formas viciadas, compulsivas, retém as pessoas em uma nova menoridade. A fórmula da submissão do regime da informação é a seguinte: comunicamos até morrer. (CHUL HAN, 2022, p. 33-34).

O nível do consumo de informações e dados é elevadíssimo, e uma prova disso é o uso do *twitter*¹⁸ pela política, onde o percentual de comunicação pode ocorrer de forma leviana, havendo uma imensa profusão de dados e informações que colocam a democracia em risco. Na obra *Cegueira Moral* (2014) Bauman afirma: “[...] o *twitter* como ferramenta básica para a organização da resistência no Irã, enquanto o venerável New York Times abusava do lirismo, proclamando um combate entre bandidos disparando balas e manifestantes disparando tuítes.” (p. 69-70). A democracia precisa de tempo e de racionalidade. A razão e a contemplação também requerem tempo. Decisões racionais são construídas a longo prazo. A democracia é

¹⁸ “Twitter (gorjear) é o que os pássaros fazem quando tweet (gorjeiam). John Dorsey criou website chamado twitter em 2006, quando ainda era estudante universitário, inspirou-se ou não no hábito milenar dos pássaros.” (BAUMAN, 2011, p. 26).

pensada e realizada por muitas racionalidades que requerem serenidade para realizar a melhor decisão possível. Sob pressão, não há racionalidade democrática, mas ações inteligentes.

Eis a diferença entre racionalidade e inteligência política: a primeira é a deliberação a longo prazo, e a segunda, se conduz por respostas de curto prazo. “O caráter geral de curto-prazo da sociedade da informação não é benéfico à democracia.” (CHUL HAN, 2022, p. 36). A rapidez do fluxo e o número em profusão de informações coloca a democracia em risco, uma vez que a democracia exige tempo e escutas ativas para ouvir a comunidade para efetivar políticas públicas, e de leituras de textos e contextos sobre a realidade concreta. A democracia necessita de estabilidade das instituições e serenidade para analisar e agir politicamente. Em *Infocracia* (2022) Chul Han escreve: “A racionalidade também requer tempo. Decisões racionais são construídas a longo prazo.” (p. 36). Hoje, a racionalidade dá lugar à inteligência, porque essa, na política, age de modo ágil e célere.

Para reiterar a *infocracia*, outrossim, reconhece o poder da informação como conjunto exponencial de dados pessoais, e que assola como um tsunami de informações que provoca a democracia um certo prejuízo cuja consequência é a possibilidade de diminuição da autonomia e do desejo livre para as devidas deliberações. A *infocracia* acrescenta mais um ponto importante: há uma criminalização da política, e os eleitores não se preocupam com os projetos políticos partidários nem suas ideologias. Na obra *Infocracia* (2022) Chul Han afirma: “A infocracia impulsionada por dados mina o processo democrático que pressupõe autonomia e liberdade de vontade.” (p. 39).

A infocracia acrescenta mais um ponto importante: há uma criminalização da política e os eleitores não se preocupam com os projetos políticos partidários nem suas ideologias. Em *Infocracia* (2022) Chul Han afirma: “[...] os eleitores não são informados sobre o programa político de um partido. São, em vez disso, usadas com propósitos manipulativos, propagandas eleitorais, não raro *fake news*, enquadradas em seu psicodrama.”¹⁹ (CHUL HAN, 2022, p. 40). Os eleitores não estão enternecidos por assuntos como economia, desigualdade social, emprego, educação e saúde. Nessa direção à obra *Infocracia* (2022) Chul Han escreve: “Os cidadãos não ficam mais sensibilizados por temas importantes e relevantes da sociedade. Em vez disso,

¹⁹ A midiocracia degrada a campanha eleitoral em uma guerra de encenação.

se tornam incapacitados em gados eleitorais manipuláveis que devem garantir o poder dos políticos.” (p. 40). Em eleições atuais no mundo, segundo Chul Han (2022), as etapas importantes do sufrágio estão mitigadas porque os debates públicos e os estudos aprofundados são rasos. Em *Infocracia* (2022) Chul Han assevera:

A midiocracia degrada a campanha eleitoral em uma guerra de encenação de mídias de massa. O discurso é substituído por um show eficaz ao público. A televisão como mídia principal da midiocracia funciona como palco político. Na infocracia, por sua vez, a campanha eleitoral se degenera em uma guerra de informação. O twitter não é um palco midiocrático, mas uma arena infocrática. (CHUL HAN, 2022, p. 41-42).

Dos livros para a televisão ocorreram distanciamentos entre os chamados discursos esclarecidos e que mostravam um certo *ethos* para pensar e experienciar a política. A televisão fez com que os discursos professorais que produziam textos fosse transformados em um cenário pronto e de tempo escasso para a produção de cenas e preparados por produtoras de informação. Esse tipo de cenário propiciou apresentações teatrais e caricaturais que agradavam e encantavam os telespectadores.

Hoje, acontece uma nova transformação da televisão para as tecnologias da informação, que modificam ainda mais o mundo da política. A primeira mudança é de transformar a linguagem política da ideia de acordo, de consensos e de harmonia nos poderes para a ideia de confronto, de guerra e de disputas de áreas de poder. Com isso, o *twitter* e outras redes sociais se transformaram em redes de discurso de ódio, cujos discursos de ódio geram engajamento social de grande monta.

Por fim, a política local da diversidade e do diálogo se transformou em uma arena de combate e de violência das mais diversas formas. “Na disputa eleitoral como guerra de informação, os assim chamados *memes*²⁰ desempenham um papel central.” (CHUL HAN, 2022, p. 44). Com a passagem da esfera pública democrática modificada para uma arena em guerra, o vírus que contamina os humanos é o meme. Essas comunicações imediatas não geram formação política e impossibilitam qualquer tipo de análise da realidade concreta. Conforme Chul Han (2022),

²⁰ “Memes são vírus mediais que se propagam, se reproduzem e também se mutam extremamente rápido na rede. [...] A comunicação baseada em memes como comunicação viral dificulta o discurso racional ao mobilizar, mais de que nada, afetos. [...]. Nem o discurso, nem a verdade são virais.” (CHUL HAN, 2022, p. 45).

A visualização intensificada da comunicação impede ainda mais o discurso democrático, pois imagens não argumentam ou fundamentam. A democracia é lenta, prolixa e tediosa. A propagação viral de informações, a infodemia prejudica, assim, de modo massivo o processo democrático. Argumentos e fundamentações não cabem em tuítes ou memes que se propagam e multiplicam em velocidade viral. A coerência lógica que caracteriza o discurso é estranha à mídia viral. (CHUL HAN, 2022, p. 46-47).

O excesso de informação pode levar ao caos, pois o vírus se alastra e pode derrubar governos democráticos ao distribuir informações desconstruídas e não fundamentadas que pode levar o povo chamado por Chul Han (2022, p. 48) de “gado de consumo”. Como as informações e dados são de consumo rápido e descartável, a democracia é vista como algo lento, tedioso e da sensação de resultado não alcançado em plenitude, pois a necessidade de refletir e de instruir-se exige ponderações e muita racionalidade. Os afetos são mais rápidos do que a racionalidade.

Em uma comunicação afetiva, não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com potencial de estimular. Na *Infocracia* (2022) Chul Han escreve: “Desse modo, *fake news*, notícias falsas, geram mais atenção do que fatos.” (p.37). A racionalidade é lenta no que concerne aos sentimentos que são ações efêmeras e que não primam pela lógica, pela força do discurso argumentativo, coerente, mas a produção de imagens sem sentido com verdades factuais inverídicas e distorcidas da realidade.

Essas produções de informações não prováveis proporcionam envolvimento de pessoas alienadas e que vivem em um ambiente paralelo. A questão essencial na infocracia é a substituição da racionalidade pelas vivências e sentimentos. Destaca-se aqui que as emoções instabilizadas não se coadunam com a democracia. O órgão da democracia é a razão comunicativa.

Em *Infocracia* (2022) Chul Han afirma que: “O coração não é um órgão da democracia. Onde emoções e afetos dominam o discurso político, a própria democracia se vê em perigo.” (p.87).

Por que é um risco o domínio da emoção sobre a razão na democracia? Porque a lógica e a formação política ficarão em segundo plano e as políticas públicas serão substituídas pelo autoritarismo e pelos grandes capitais que dominarão os corpos e as psiques. O importante é curtir e adocicar o mundo da vida. A emoção na

política traz um outro aspecto: aproximar a vivência do político com a do cidadão. Juntamente com a política, a ética é um dos temas mais carregados de incertezas e complexidades.

3.3 ÉTICA

De acordo com Bauman (2014), não se sabe a origem da ética e do ego moral. Antes da modernidade, a moral era assegurada através de um Ser Superior que agia de forma coercitiva do exterior para a psique e, na modernidade, a ética era estabelecida pela razão. No contexto contemporâneo, a ética é vista como algo onde há incertezas, indefinições e medo de cometer erros. Chul Han (2020) lançou uma palavra que chocou como deve ser um filósofo pós-moderno: idiota.²¹ Os filósofos questionadores aumentam o poder de representatividade para fazer filosofia em estado de incerteza e com medo de errar. Chul Han, inspirado por Deleuze (2020), em *Psicopolítica*, mostra que esse é um dos papéis da filosofia. Tanto Sócrates quanto Descartes puseram tudo em dúvida. Sobre a racionalidade moderna na obra *Vida em fragmentos* (2011) Bauman afirma:

O brusco “se Deus não existe, tudo é permitido” de Dostoiévski bradou os mais íntimos medos dos construtores modernos de uma ordem sem divindade. Não há um Deus significa: não há força maior que a vontade humana nem mais poderosa que a resistência humana capaz de coagir os selves humanos a serem morais. Nenhuma autoridade é mais nobre e digna de confiança que os próprios desejos e premonições dos homens para lhes assegurar que as ações que eles consideram dignas, justas e adequadas morais sejam de fato corretas; bem como para afastá-los do erro no caso de essas ações falharem. (BAUMAN, 2011, p. 32).

Deus, existindo ou não, e a lei e a ordem permanecem, pois, o desejo e/ou a vontade é mais forte e resistente do que a força coercitiva do ser moral através de um Ser Superior, com poderes não humanos. Somente os humanos podem criar leis para sobrepesar ações boas e justas com o auxílio da astúcia da razão, o cerne da filosofia moderna. A razão moderna tem, no seu almejo, a emancipação das individualidades.

Não obstante, a modernidade estava assentada na lei e ordem criadas pela sociedade em contraposição ao poder de autoridade. Em *Vida em fragmentos* (2011) Bauman escreve: “Os legisladores não podem imaginar um mundo ordenado sem legislação. O legislador ético ou o pregador não podem imaginar um mundo moral sem

²¹ Etimologia. Disponível em: etimologia.com.br/idiota/. Acesso em: 30 jun. 2023.

uma ética imposta pela lei.” (p. 56). Na pós-modernidade, a humanidade não seguiu a razão. O mundo pós-moderno é repleto de incerteza e provido de complexidade.

Bauman (2011) acredita que os filósofos e os educadores não entenderam que o seu mundo proposto com a universalidade da razão e da ética não chegou a sua plena conclusão. O mundo da vida está em constante progressão e sujeito a mudanças complexas do mundo. Esse mundo é formado pelas múltiplas racionalidades com seus diversos conhecimentos e entendimentos. Em *Vida em fragmentos* (2011) Bauman escreve:

Ao fazê-lo, os filósofos culpam a realidade por não se elevar ao padrão da racionalidade guiada que eles haviam definido como horizonte da história progressiva. O que de fato aconteceu é que o conjunto de processos em andamento com o advento da modernidade, confundido com um progresso na direção da racionalidade (universal) coordenada e/ou guiada, deu à luz uma multidão de racionalidades (locais/paroquiais) descoordenadas e autoguiadas que se transformou no principal obstáculo à ordem racional universal. (BAUMAN, 2011, p. 41).

A realidade do mundo contemporâneo já passou da prática argumentativa, e a filosofia não alcançou a racionalidade almejada, cujo objetivo era de se ter uma razão que levasse a um progresso no sentido de se ter uma razão universal, ou seja, humanos emancipados, autônomos, tendo como referência o entendimento individual (BAUMAN, 2011). O humano tem um compromisso com a solidariedade e com a razão, e nesse sentido em *Capitalismo e impulso de morte* (2021) Chul Han escreve “Não temos compromisso meramente com a solidariedade ou compaixão, mas sobretudo com a razão. A razão é muito mais estável e confiável do que a mera compaixão.” (p. 109).

O problema da modernidade estava na centralidade e no projeto de progresso para se ter uma sociedade utopicamente perfeita e pronta. Contudo, esse projeto não foi adiante, pois as emoções, o inconsciente e com as diversas compreensões e perspectivas não sedimentaram a universalidade do ordenamento racional na pós-modernidade.

A pós-modernidade se arregimentou a partir de duas intensas influências. A primeira é o Neoliberalismo, e a segunda, é o uso das tecnologias para soluções dos problemas do mundo. O Neoliberalismo aponta para a concorrência desenfreada e para a desregulamentação em todas as esferas. A tecnologia é uma das formas criadas para a busca de soluções nas mais diversas áreas: econômica, política, social

e moral. Tais soluções são consideradas pela sociedade como uma evolução inovadora com a finalidade de garantir o progresso. Para Bauman (2011), o projeto da modernidade não se realizou efetivamente, pois houve um certo abandono ao outro. Em *Vida em fragmentos* (2011) o sociólogo polonês escreve:

No rastro do mundo, de um lado, mantido por mandamentos de Deus e, de outro, administrado pela razão, surge um mundo de homens e mulheres abandonados a suas próprias sagacidades e habilidades. Homens e mulheres à solta. Isso é o que a era da legislação, uma fomentadora de medo nos preparou. A estratégia de construção da ordem inevitavelmente gera uma política de falta de alternativa, de “sem nós, o dilúvio”. É sempre o nosso tipo de vida, civilizada ou barbárie. Um substituto para essa ordem é a total aleatoriedade, não outra ordem. Lá fora é uma selva, e a selva é assustadora e inabitável porque nela tudo é permitido. Mas mesmo esse indescritível pavor do vale-tudo foi representado pela propaganda promotora de medo da ordem civilizada como a lei da selva. Na era da ordem construída e da construção da ordem, a entidade mais difícil mais que isso, impossível, de contemplar era um mundo no qual não houvesse nenhuma ordem. Hoje, no entanto, estamos enfrentando o inimaginável: não é o questionamento de um conjunto de princípios legislados em nome de outro conjunto, mas o questionamento do próprio legislar de princípios. É uma selva privada mesmo da lei da selva... Uma moralidade sem uma ética. (BAUMAN, 2011, p. 56).

A perda das referências em um Ser Divino, com seus mandamentos e a razão, com suas certezas, na pós-modernidade, ocasionou o desmoronamento das convicções, segundo Bauman (2011). Entretanto, na representação moderna, a razão criou um ambiente normativo, coerente, muito forte e opressor. A sensação do medo gerado por esse sistema coercitivo proporciona a falta de perspectivas e um ambiente de vigilância e controle. Por outro lado, pode ser criado um universo de caos e acracia.

Questiona-se se há um ponto de inflexão ou um ponto de não retorno, na questão ética. Bauman (1997) afirma que o tipo de vida é civilizado ou é a barbárie. Vive-se sem um estágio quanto à ética em um universo de incertezas e de causalidade. Os filósofos diante disso tem a função de ser um idiota, excêntrico e louco, como salienta Chul Han (2020). Existe a necessidade de filósofos idiotas, porque eles podem romper diante dos consensos e das violências da totalidade de pensamentos. Além disso, os filósofos têm que ser repletos de amálgamas e com repertório de ideias. A tudo isso, Chul Han chama de idiossincratas e de seres multifacetados.

A filosofia efetiva-se no papel de lutar contra qualquer força de ordem, de vigilância permanente e de pugnar contra a incivilização e a aniquilação do outro. O Neoliberalismo obriga a um conjunto grande de os indivíduos viverem com escolhas provindas de maneira não-rationais e de consumismo. Com isso, ao invés de

exercerem sua autonomia, vivem em uma heteronomia. Essa problemática da heteronomia atinge os jovens e adolescentes, em *Infocracia* (2022), Chul Han afirma:

Muitos jovens e adolescentes são atormentados hoje por medos difusos, medo de falhar, medo de fracassar, medo de ser deixado para trás, medo de cometer um erro ou de tomar uma decisão errada, medo de não corresponder às próprias pretensões. Tem-se vergonha das próprias insuficiências. O ato de se cortar é também um ritual de autopunição. (CHUL HAN, 2022, p. 81).

A presença da heteronomia gerada pelo medo de se sentir abandonado e rejeitado pela sociedade torna os jovens mais vulneráveis. A sociedade da positividade de Chul Han (2022) faz com que o jovem, na sua tomada de decisão “errada”, gere medo. Esse medo de decidir errado pode causar atos de autopunição que criam impedimentos para qualquer possibilidade de diálogos ilimitados com o outro. Trata-se de sinais de uma sociedade narcisista. Além disso, a humanidade convive com a profusão de dados e de informações que prejudicam suas perspectivas e proporcionam insegurança diante da sua incapacidade e do medo de errar. Em *Capitalismo e impulso de morte* (2021) Chul Han escreve:

Parece mesmo que o dataísmo vem acompanhado de um niilismo. O dataísmo se dá como renúncia ao sentido e às relações, de modo que os dados deveriam preencher o vazio de sentido. O mundo inteiro se desfaz, e passa a consistir de dados, e nós perdemos de vista cada vez mais, nesse processo, as grandes relações, as mais elevadas. (CHUL HAN, 2021, p. 77).

As informações não preenchem o valor da vida, nem fortalecem as relações do eu com o outro. O que acontece entre a relação dos dados com a humanidade é o esmaecimento, e a consequência disso é a perda da amizade intensa, pois as informações são rasas e há um vazio de significado. O narcisismo se aprofunda. As incertezas provocam a ignorância, porque os dados não são conclusivos, mas aditivos. A humanidade não sabe ao certo para onde irá e o que sucederá. Eis o medo de se sentir impotente diante da incapacidade de pensar e de orientar a sua própria vida.

Os sentimentos de medo de falhar e de impotência podem subjugar as pessoas diante do mundo das informações. Ao se mostrar em dissonância com o mundo, os humanos se sentem inferiores, o que causa uma ruptura que ocasiona dor, baixa estima, sensação de indignidade e insegurança nas deliberações e nas relações com

o outro. Na obra *Capitalismo e impulso de morte* (2021), Chul Han afirma o seguinte sobre a aplicabilidade dos dados. O filósofo escreve:

Os dados coletados não respondem à questão “quem sou eu?” O smartphone na condição de confessorário móvel não fornece autoconhecimento, nem oferece acesso à verdade. Não há, nem se produz qualquer conhecimento somente a partir da crueza dos dados, não importa quão abrangentes eles possam ser. Não respondem às questões que vão além do desempenho e da eficiência. (CHUL HAN, 2021, p. 75-76).

Com efeito, Chul Han (2021) expõe que as informações não descrevem o humano, pelo contrário os dados o des-ontologiza, pois não penetram na essencialidade. A pergunta ontológica continua sem resposta. O telefone, o computador e as redes sociais não sabem o que está nos bastidores. Em certa medida, a subjetividade, a privacidade e o eu verdadeiro continuam intactos. Os dados se apresentam como um modo de melhorar o desempenho, e isso faz com que o humano se sinta indigno e inseguro diante da vida. Ele submete a ser um objeto passível de alienação. Dentro da obra *Capitalismo e impulso de morte* (2021) Chul Han assevera:

No hipercapitalismo atual vigora apenas o preço. Nele não há espaço para a dignidade. O capital hoje, faz tudo se submeter a ele. *Lifetime value*, o valor de uma vida, significa a soma de valores que é gerado de uma pessoa vista na condição de cliente ao se comercializar cada momento de sua vida. A pessoa é reduzida aqui ao valor de cliente ou de mercado. (CHUL HAN, 2021, p. 108).

A democracia e a ética estão ameaçadas diante do poderio da economia e da mão invisível do mercado. Os humanos estão em positividade, porque, sem sofrer qualquer constrangimento ou coerção, inserem os seus dados e os vendem gratuitamente. Chul Han (2021) alega também que esses mesmos valores estão sujeitos à economia, ao comércio, em que a sociedade se torna mercadoria, o corpo e o psique são valores expostos à precificação. Os dados não apresentam a verdade, e essa é o principal alvo dos ataques que prejudicam a harmonia social e a ciência.

Em *Infocracia* (2022) Chul Han fala: “A crise da verdade é sempre uma crise da sociedade.” (p. 97). Atualmente, os lastros aumentam a distância entre a sociedade e a verdade, sendo importante salientar que o Neoliberalismo também contribui na tentativa de provocar notícias falsas de maneira recorrente com o objetivo de diminuir a verdade factual na política e na ética. Outro objetivo do Neoliberalismo é o de tenta

realizar a aniquilação do outro através do desfazimento das amizades. Há o narcisismo e o poder sedutor da positividade de não oprimirem para agradar e obter informações pessoais a serem vendidas. Nessa direção, em *Infocracia* (2022), Chul Han diz:

Todos os valores humanos são submetidos à lógica econômica e comercializados. A sociedade e a cultura se tornam elas mesmas formas de mercadoria. A mercadoria substitui a verdade. Não se ilumina o mundo só com informação e dados. Sua essência é transparente. Luz e obscuridade são propriedades da informação. Originam-se como o bem e o mal ou a verdade e a mentira, no espaço narrativo. A verdade em sentido enfático tem um caráter narrativo. (CHUL HAN, 2022, p. 97).

Chul Han (2022) diz que a informação não está interligada com a sabedoria, e a transparência exige um obstáculo que permite a passagem de luz. No entanto, não se consegue ver claramente o que está na privacidade. A busca pela verdade é uma caminhada em processo, seja descrevendo, conceituando ou referenciando. Dizer a verdade é perigoso e passível de morte. Para Chul Han e Bauman, o sujeito ético tem que se esforçar para dizer a verdade, para fazer uma filosofia social e cultural, para ser solidário e ser idiota. O primeiro tópico na tentativa de ser um humano ético nessa sociedade repleta de incerteza, violenta e narcisista, é a necessidade de dizer a verdade, mesmo que custe a própria vida. Em *Infocracia* (2022), Chul Han diz:

A filosofia dá adeus hoje ao dizer a verdade, à preocupação com a verdade. Quando Foucault chamou a filosofia de um tipo de jornalismo radical, entendendo a si mesmo como jornalista, comprometeu a filosofia e a si mesmo a dizer a verdade. Os filósofos têm que, segundo Foucault, implacavelmente se ocupar com o hoje. A preocupação com o hoje como preocupação com a verdade vale, ao fim e ao cabo, para o futuro, eu penso que nós filósofos somos aqueles que fazem o futuro. A filosofia de hoje falta totalmente a relação com a verdade. Ela vem se afastando do hoje. (CHUL HAN, 2022, p. 104-105).

Nesta perspectiva, a filosofia apresentada por Chul Han (2022) seria uma espécie de autocompromisso ético de dizer a verdade e o de filosofar sempre em direção da verdade e no combate às informações falsas. Chul Han concorda com Foucault ao dizer que a filosofia tem que se preocupar com o hoje, com a verdade para se ter um bom futuro. A filosofia tem que se despertar e se aproximar do mundo, das pessoas mais vulneráveis e com a responsabilidade em transmitir a verdade. Ao se comprometer com a verdade, a humanidade possui uma abertura de mudança. A filosofia deve acompanhar esse novo humano. Em *Infocracia* (2022) Chul Han afirma:

“Precisamos de uma nova antropologia, digital, uma teoria da percepção e do conhecimento. Precisamos de uma filosofia social e uma filosofia da cultura digitais.” (p. 163).

Segundo Chul Han (2022), a filosofia hoje necessita de uma antropologia digital, uma filosofia nova que pense a nova sociedade e que busque uma compreensão sobre a nova cultura digital. Deve-se ter uma filosofia muito mais questionadora do momento presente e das complexidades da vida, ao invés de olhar para si mesmo, a filosofia tem que viver e olhar a sociedade e seus costumes, tradições, comportamento e buscar compreender o cotidiano. Além disso, a filosofia deve perscrutar meios para minimamente compreender a era digital e aprender sobre a digitalização da vida. A consequência da amizade rasa é o ressentimento guardado que cria um egocêntrico isolado de uma amizade verdadeira. Nesse sentido, em *Capitalismo e impulso de morte* (2021), Chul Han escreve:

A amizade é uma relação com o outro que estabiliza e preenche o eu. Os amigos nas mídias sociais carecem da negatividade do outro. Eles formam uma massa que só faz aplaudir. Eles extinguem sua outridade no like. A sensação de vazio leva à depressão. O sujeito de desempenho depressivo tem uma carga pesada de si mesmo. (CHUL HAN, 2021, p. 83).

Outro aprendizado é o fortalecimento da amizade como força ética, com a compreensão de uma verdadeira amizade que mostra acertos, erros, defeitos e correções. Reiterando a importância da amizade na obra *Capitalismo e impulso de morte* (2021), Chul Han afirma: “A amizade é uma relação com o outro [...]” (p. 83). A verdadeira amizade faz as críticas necessárias e os elogios de acordo com o momento. A ética pós-moderna tem que lutar para ter amizades verdadeiras e ir contra o isolamento. A transformação do isolamento e das amizades vazias ocorre através da solidariedade e da amizade.

Em *Cegueira moral* (2014) Bauman escreve: “Humanidade hoje solidariedade nem tanto em compartilhar a causa escolhida, mas ter uma causa, você, eu e todo resto de nós (“nós” na praça) com um propósito, a vida com um significado”. (p. 139). Na questão ética, a solidariedade com uma causa, faz com que a humanidade possa mudar a maneira de ver e promover a vida. A participação do eu e do outro deve motivar a ter uma comunidade solidária. A solidariedade, para existir e se efetivar, é necessária a presença do idiota, para a solidariedade se efetivar. Chul Han considera

a importância do idiota por causa do contexto contemporâneo. Em *Psicopolítica* (2020), Chul Han escreve:

O idiota é o moderno herético. Originalmente, heresia significa escolha. Ele tem a coragem de se desviar da ortodoxia. O idiota como herege é uma figura de resistência à violência do consenso. O idiotismo erige espaços abertos de silêncio, quietude e solidão nos quais é possível dizer algo que realmente merece ser dito. [...]
 Não é a individualidade ou a subjetividade, mas a singularidade que caracteriza o idiota. [...] O idiota se assemelha ao homo tantum, que não tem mais nome, embora ele não se confunda com nenhum outro. (CHUL HAN, 2020, p. 112 e 116).

O termo sugerido por Chul Han parece mostrar a filosofia como algo sem valor e hilário, mas isso é para causar impacto. Depois de observar os espaços abertos para pensar a liberdade, a política e a ética, pode-se concluir que é necessário que a humanidade tenha liberdade e poder de escolha também na esfera informacional, e a filosofia tem o papel de colaborar para questionar e estimular esse espaço para que seja um lugar de pluralidade e de cooperação mútua, pois a liberdade somente se realiza na comunidade. Na questão da democracia, é importante retomar a seguinte frase de repercussão na obra *Infocracia* (2022) no qual Chul Han diz: “Que o coração não é órgão da democracia”. A democracia é feita de diálogo, de civilidade e principalmente com lógica e razão.

Na atualidade, o que se tenta realizar é a diminuição da importância da democracia para colocar o autoritarismo xenófobo, excludente e debilitar as psiques e corpos para se sujeitar aos grandes capitais. No campo da ética, busca-se entender os conceitos de Chul Han e Bauman sobre a Psicopolítica, a força do Neoliberalismo com o mundo do consumo e de como o humano lidará com as novas tecnologias, com a cultura digital e a possibilidade de existência de um novo perfil de humano. Nesse sentido, o papel da filosofia é de questionar, conceituar e de tentar interpretar o momento atual com certo idealismo e não deixando de lado a realidade. A sociedade ideal anseia ter uma sociedade solidária, que prima pela verdade, pela democracia e pela ética.

CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como problema de pesquisa, a partir das ideias de Chul Han e Bauman, a possível exequibilidade de diálogos entre a Filosofia Contemporânea com o mundo de hoje nos diversos tópicos. A pergunta que se investigou foi a seguinte: *Existe a possibilidade de existência de uma ética pós-moderna diferentemente da ética estruturada na razão?*

Pensar o mundo concreto de hoje a partir de dois pensadores contemporâneos de perspectivas diferentes, mas através de seus escritos se encontram em muitos assuntos tais como: mundo do consumo, neoliberalismo, amor, corpo, beleza e transparência e um capítulo a parte é a violência no mundo de hoje. Lê-los deu a possibilidade de perceber que a filosofia contemporânea tem que refletir o mundo concreto, o momento presente.

Para responder ao problema de pesquisa, foi necessário um estudo de três capítulos, nos quais vários conceitos e obras foram analisados, como o mundo do consumo com suas relações com o amor, a dor, o corpo, a beleza, a estética, a sexualidade, a sociedade da transparência e a cultura pós-moderna, a violência negativa e positiva e, pôr fim a liberdade, a política e a ética contemporânea. Pensou-se sobre a ética e sua importância ao reconhecer que a solidariedade é uma força que une a todos. Eis a necessidade de ter propósitos de lutas, tais como: sociedade justa e equânime, dignidade da vida e da natureza em todos os sentidos e criação de redes de solidariedade de respeito ao humano e ao planeta. E para se ter uma sociedade solidária e justa, que busca a verdade, que lute constantemente em ser democrática e ética, é necessária a presença do filósofo.

Chul Han construiu um personagem que pode auxiliar nesse combate para se ter um mundo pós-moderno solidário. Trata-se do filósofo idiota, assim nomeado por ele. Esse filósofo idiota deve ser quem questiona e escolhe, sendo herético, singular e desconectado. Ele contempla, luta contra falsas opiniões, resiste diante das vozes unânimes sobre o que é melhor e o que é bom consumir e, principalmente, não se conforma com as perspectivas de mundo prontas.

O filósofo não é um super-herói, não deve ter posição de poder que subjuguem a outrem a uma posição inferior, nem possua *status* econômico-social que oprima com poderio financeiro. Em suma, é um ser ambivalente, igual e diferente, único e diverso,

sereno e ansioso. Antes de tudo o filósofo idiota é apenas um humano reflexivo em busca da verdade, um ser incompleto e em constructo.

No primeiro capítulo, estudou-se sobre o mundo concreto sob as perspectivas de Chul Han e Bauman que mostram o mundo do consumo com o corpo, a psique, a cultura e a economia. A economia é apresentada por Chul Han e Bauman através da ideia de Neoliberalismo. Chul Han traz a proposta da sociedade da transparência, onde o humano é exposto, além de novos conceitos, como a psicopolítica, a infocracia e novos olhares sobre temas caríssimos, como: a mudança do capitalismo, a violência contra outrem e a si mesmo, a democracia, a política e novas compreensões sobre o humano.

No segundo capítulo, estudou-se sobre a violência nas duas formas pensadas por Chul Han (2017): a violência negativa e a violência positiva. Já Bauman (2017) descreve a violência pós-moderna. Eles apresentaram primeiramente a violência física e suas consequências por meio da agressão corporal que podem levar à morte, o grau máximo de violência. E outra forma de violência é o silenciamento do outro que atinge a psique humana por meio da raiva velada sob a forma do anonimato. Com isso, se constroem falas de ódio para fins de assolar reputações mediante injúrias e difamações.

A violência hoje é a ausência total de diálogo e, sobretudo, um não a um filosofar. Trata-se de uma ação instrumental que depende de orientação. Geralmente, ela provém do mundo externo que afeta o interno e atrapalha as relações interpessoais. A tese principal da violência é aniquilar e destruir o outro. Na violência negativa, os que mais sofrem são os vulneráveis e as comunidades invisibilizadas. É o ressentimento contra a civilização, a democracia e, por consequência, o desrespeito com as minorias.

E a violência positiva, onde a psique procura dentro de si um desempenho acima dos seus próprios padrões, faz com que o corpo e sua psique se torne uma máquina de alta performance que, por consequência, o transforma em um ser que se autopuna e que provoque violência contra si. Essa violência é estimulada por donos do capital que agem para tentar silenciar os direitos humanos e de retirada dos direitos sociais. A convivência com as duas formas de violência na pós-modernidade incentiva a um retorno do nazi-fascismo e da violência extremada. Essa violência é gerada devido a ambivalência humana podendo ser fragmentada ou generalizada, espalhando ódio aos diversos lugares do mundo.

No terceiro capítulo, estudou-se sobre a liberdade, a política e a ética na pós-moderna na perspectiva de Chul Han (2022) e Bauman (2011). Discutiu-se sobre a liberdade que atualmente caminha em conjunto com a economia e, com isso, o medo de perder o apoio financeiro faz o humano decidir conforme solicitações externas e ou desistir de deliberar e delegar a outrem. A liberdade é fluída, adaptável e faz com que o humano, de forma espontânea, forneça dados sobre sua intimidade e privacidade. O Neoliberalismo usa a liberdade para incentivar o individualismo exacerbado. Por outro lado, a Liberdade, para Chul Han, tem o papel de se mostrar por meio da comunidade. O humano só é livre e feliz na comunidade, ou seja, na presença do outro que o conforta, o auxilia a decidir os caminhos para tentar buscar a felicidade.

Isso é uma resposta de Chul Han (2020), em *Psicopolítica*, ao Neoliberalismo e ao individualismo sem discernimento e sem vontade de decidir seus próprios rumos. A política na atualidade enfrenta profusa quantidade de informações que não são checadas na sua real veracidade. Nessa direção, as informações e dados se proliferam ocasionando um consumo rápido e descartável.

No entanto, a política não é algo transitório e apressado, mas é lenta e tediosa, estando intimamente ligada à racionalidade, às ponderações, ao diálogo e ao espaço aberto. Há novos paradigmas da política feita com o coração de forma imediata e superficial, com a produção de informações inverídicas, com discursos sem lógica nem coerência, sem verdades factuais, indutoras ao erro, além do uso de imagens substituindo a argumentação fundamentada. O órgão da política, para Chul Han (2022), é a razão comunicativa. Todavia, o que prevalece é a psicopolítica que domina os corpos e a psiques com o fornecimento de maneira livre de informações privadas, além da política realizada com a emoção que pode gerar autoritarismo, a perda de políticas públicas e de direitos.

Na ética, foi apresentado o humano no momento presente com suas incertezas, dúvidas e com sentimentos de estranhamento para com o mundo e para com o outro. A contribuição desta pesquisa visou refletir e abrir possíveis diálogos para pensar esse mundo pós-moderno e a humanidade que estão em plena transformação, tendo, por consequência, o humano que não quer pensar o futuro, que esconde o passado e que quer viver intensamente o presente. A filosofia hoje deve possibilitar a autonomia, a criticidade, a eticidade e manter, de forma constante, o questionamento sobre o mundo e a vida.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hannah. **Da revolução**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990. 261 p. (Série Temas. Estudos políticos; 5). ISBN 8523002286.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 190 p. ISBN 9788571107953.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997. 285 p. (Coleção critérios éticos). ISBN 9788534909044.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 272 p. ISBN 8571104648.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 258 p. ISBN 9788571105980.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 199 p. ISBN 9788537800669.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Cegueira Moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CHUL HAN, Byung. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. 95 p. ISBN 9788532655189.
- CHUL HAN, Byung. **Capitalismo e impulso de morte**. Ensaios e entrevistas. Petrópolis: Editora Vozes, 2021. 188 p. ISBN 9786557133545.
- CHUL HAN, Byung. **Favor fechar os olhos**: em busca de um outro tempo. Petrópolis: Editora Vozes, 2021. 57 p. ISBN 9786557131763.
- CHUL HAN, Byung. **Hiperculturalidade**: cultura e globalização. Petrópolis: Editora Vozes, 2019. 146 p.
- CHUL HAN, Byung. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Editora Vozes, 2022. 107 p. ISBN 9786557136201.
- CHUL HAN, Byung. **No exame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Editora Vozes, 2018. 136 p. ISBN 9788532658517.
- CHUL HAN, Byung. **O que é poder?** Petrópolis: Editora Vozes, 2019. 215 p. ISBN 9788532662439.
- CHUL HAN, Byung. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020. 117 p.

CHUL HAN, Byung. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. 128 p. ISBN 9788532649966.

CHUL HAN, Byung. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. Petrópolis: Editora Vozes, 2021. 115 p. ISBN 9786557132173.

CHUL HAN, Byung. **Topologia da violência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. 271 p. ISBN 9788532655059.

DICIONÁRIO de pensamento contemporâneo. São Paulo: Paulus, 2000. 801 p. (Dicionários).

FOUCAULT, Michel. **Sociedade punitiva**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KOAKOSKI, Yan Cássio. **O itinerário da subjetividade acolhedora: do acolhimento à hospitalidade de Emmanuel Levinas a Jacques Derrida**. 2018. 126 f. (Dissertação em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2018.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 93 p. (Coleção primeiros passos, n. 59).

MARTHA, Margareth Kuhn. **Violência e angústia**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2011.

VEIGA, Itamar Soares. Informação e crise da Democracia. **Sapere Aude**, v. 13, n. 26, p. 422-438, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342>. Acesso em: 22 de abril de 2023.